

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO PROF. MARIANO DA SILVA NETO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEd  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO MINISTRO PETRÔNIO PORTELA  
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

CRISTIANNE TEIXEIRA CARNEIRO

**SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM NAS LINHAS DO  
PENSAMENTO DOS JOVENS DO CURSO TÉCNICO EM  
ENFERMAGEM DO COLÉGIO TÉCNICO DE BOM JESUS – PI**

TERESINA - PI

2013

CRISTIANNE TEIXEIRA CARNEIRO

**SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM NAS LINHAS DO  
PENSAMENTO DOS JOVENS DO CURSO TÉCNICO EM  
ENFERMAGEM DO COLÉGIO TÉCNICO DE BOM JESUS – PI**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação Professor Mariano da Silva Neto, Universidade Federal do Piauí, para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad

TERESINA - PI

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

C289s Carneiro, Cristianne Teixeira.

Sociopoetizando o ser jovem nas linhas do pensamento dos jovens do curso técnico em enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus - PI [manuscrito] / Cristianne Teixeira Carneiro. – 2013.

191 f.

Cópia de computador (*printout*).

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

CRISTIANNE TEIXEIRA CARNEIRO

**SOCIOPOETIZANDO O SER JOVEM NAS LINHAS DO  
PENSAMENTO DOS JOVENS DO CURSO TÉCNICO EM  
ENFERMAGEM DO COLÉGIO TÉCNICO DE BOM JESUS – PI**

Aprovada em: 28/02/2013

---

Profa. Dra. Shara Jane Holanda Costa Adad  
Orientadora

---

Profa. Dra. Sandra Haydèe Petit  
Examinadora Externa

---

Profa. Dra. Maria do Carmo Alves do Bomfim  
Examinadora Interna

---

Profa. Dra. Rosa Maria de Almeida  
Examinadora (Suplente)

## AGRADECIMENTOS

Este momento, que ora descrevo, foi um dos mais esperados por mim. Por onde começar? Como demonstrar com palavras minha gratidão a tantas pessoas? Agradecer é também recordar a minha história de mestrandia, é reconhecer que durante toda essa trajetória, mesmo quando estive sozinha, em nenhum momento eu me senti sozinha.

Sou grata a Deus! Deus, obrigada por ouvir minhas preces, por me dar força, coragem e resistência, quando meu corpo se sentiu cansado e eu quis parar.

Dra. Shara Jane Costa Holanda Adad, minha querida orientadora, esqueça os limites deste papel, ou qualquer outra formalidade que talvez alguém gostaria que eu tivesse nesse momento, pois não é assim que farei. Como em uma longa carta de amor, quero dizer, várias vezes: muito obrigada! Shara, muito obrigada! Obrigada por ter me nutrido com sua riqueza de conhecimentos, por ter me dado o direito e a oportunidade de ter feito minhas próprias escolhas. Obrigada por ter me orientado por um lindo caminho de fundamentação teórica, por ter me apresentado a textos e autores pelos quais eu me apaixonei. Obrigada pelo incentivo à pesquisa e por simplesmente ser tão competente, genial e brilhante em suas orientações!

Maria Cristova Teixeira Carneiro e Marcelino Carneiro, meus grandes pais e mestres, obrigada por todos os ensinamentos de vida, pelos cuidados, por todo o amor que vocês me dão diariamente. Certamente eu não estaria aqui se não fosse o esforço de vocês. Obrigada por nunca terem desistido de mim e por me incentivarem sempre.

Marcelo Teixeira Carneiro, meu amado irmão, meu fã e torcedor de carteirinha, obrigada por todas às vezes em que você acreditou em mim, quando nem eu mesma acreditei. Obrigada por abrilhantar todas as minhas conquistas com sua presença, bondade, amor e incentivo.

Maria Augusta Rocha Bezerra Carneiro, minha cunhada, irmã, amiga e confidente, obrigada por ouvir meus medos e angustias quando eu quis falar e obrigada por respeitar meu silêncio quando eu quis calar a voz. O estímulo que me deu foi fundamental para que eu chegasse até aqui.

Laiane, Nara, Cibele, Assussena, Açucena, Fernanda, Tereza, Paloma, Jussara, Juliana e Raul, queridas alunas e querido aluno, obrigada por terem sido os copesquisadores dessa pesquisa, pela confiança e pelo desejo de mergulhar comigo pelos caminhos da sociopoética. A contribuição de vocês foi essencial para que esse trabalho fosse realizado.

Ao querido ex-aluno e amigo Gustavo, obrigada por ter sido cofacilitador nessa pesquisa, por ter filmado, fotografado e respeitado esse momento que foi tão especial para mim.

Querida amiga e companheira de mestrado Káthia Raquel, obrigada por também ter sido cofacilitadora na pesquisa, mas acima de tudo, agradeço pela sua presença e pelos bons afetos. Foi maravilhoso compartilhar ousadas e gostosas gargalhadas nos momentos que deram vontade de chorar, portanto, obrigada por tantas vezes potencializar o riso em mim.

Querida amiga, companheira de mestrado e de quarto, Ana Lúcia Barbosa, obrigada pela agradável convivência, por tornar os dias difíceis mais leves e alegres. Obrigada por ter sido tão maravilhosa e generosa, por sempre me compreender e embora este seja um agradecimento, desculpe-me por todas às vezes que eu fiz você dormir com a luz acesa para que eu pudesse amanhecer estudando com o objetivo de concluir minha dissertação.

Aos queridos professores do Mestrado em Educação obrigada pelos ensinamentos e incentivo à pesquisa.

Aos amigos de Floriano, Bom Jesus e Teresina, que cursaram o mestrado comigo, obrigada pela convivência durante o decorrer das disciplinas e pela enriquecedora troca de conhecimentos.

Ao querido professor Tomes Laves, pelas boas aulas que me ajudaram a obter o título de proficiência em Inglês e Espanhol.

À querida diretora do Colégio Técnico de Bom Jesus, Oldênia Guerra por permitir que a produção de dados da minha pesquisa acontecesse no referido colégio e por compreender minha ausência quando precisei me distanciar do trabalho para fazer minha dissertação. O mesmo digo aos demais companheiros de trabalho e em especial à querida equipe de Enfermagem que tantas vezes grandiosamente deu continuidade aos trabalhos na minha ausência.

Querida, Dona Maria Nilva, funcionária do Colégio Técnico de Bom Jesus, obrigada por ter feito um delicioso almoço para os alunos no dia da produção de dados, por todo carinho e pelos abraços encobertos de afeto de mãe que você me dá.

À professora Dra. Maria do Carmo Bomfim, profissional admirável, agradeço pelas valorosas contribuições dadas ao meu trabalho durante o exame de qualificação e por ter aceitado prontamente o convite para participar da minha banca de defesa.

À professora Dra. Andrea Astigarraga pelas suas contribuições durante o exame de qualificação.

À professora Dra. Rosa Maria, que embora não tenha podido participar da minha banca de qualificação, foi grandiosa em sua generosidade e em outro momento trouxe contribuições pertinentes que só vieram a enriquecer meu trabalho.

À professora Dra. Sandra Petit, a quem muito admiro profissionalmente pela publicação dos lindos trabalhos, obrigada por ter aceitado participar da minha banca de defesa e pelas grandes contribuições ao meu trabalho.

A todos os amigos e amigas que durante toda essa trajetória me enviaram boas energias e palavras de carinho e incentivo.

## RESUMO

A relevância dessa investigação está no fato da pesquisadora ter se aproximado dos jovens estudantes do curso Técnico em Enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus - CTBJ e ouvir por meio da sociopoética seus confetos (conceitos + afetos) e os problemas que os mobilizam sobre o tema gerador “o que é ser jovem”, produzindo inclusive outros jeitos de pensar o ser jovem. Para tanto, se fez necessário uma postura que considerou o jovem e a riqueza de possibilidades que experimentam nos momentos da juventude, expressas em manifestações e variados espaços de sociabilidades em especial na escola. Além disso, os jovens alunos do curso Técnico em Enfermagem foram escolhidos como sujeitos da pesquisa porque foi lecionando para os mesmos que se observou suas problemáticas e retomou-se o desejo de pesquisar o tema em questão. Desde que a pesquisadora iniciou a docência para estes jovens, chamou sua atenção o fato de terem uma trajetória que se aproxima e se afasta da dela, em especial por terem idade entre 15 e 17 anos e já morarem longe dos pais para fazerem simultaneamente o ensino médio e um curso técnico profissionalizante em Enfermagem, ficando na escola em tempo integral. Neste contexto, essas peculiaridades tornaram possível as seguintes questões norteadoras: Quem são os jovens do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ dito por eles mesmos? O que esses jovens pensam sobre o que é ser jovem? Quais são as principais problemáticas vivenciadas por estes sujeitos sobre o que é ser jovem? Como os jovens deste espaço escolar técnico pensam outros modos de ser jovem para além das representações construídas historicamente? Assim, o que impulsionou a pesquisadora a querer estudar o que é ser jovem e suas problemáticas por meio dos alunos do Curso Técnico em Enfermagem foi a necessidade de ouvi-los criando um espaço na escola que possibilitasse o aflorar de suas falas de modo a liberar seus desejos e ideias sobre si e seus problemas. A pesquisa teve como objetivo geral: analisar o pensamento dos jovens estudantes do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ por meio da produção de confetos sobre o tema “o que é ser jovem”. Para isso, foram traçados os seguintes objetivos específicos: Identificar quem são os jovens estudantes do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ por eles mesmos; Perceber as principais problemáticas vivenciadas por estes jovens sobre o que é ser jovem; Identificar outros modos de pensar o ser jovem para além das representações construídas historicamente. No referencial teórico foram utilizados autores como: Adad (2011), Ariès (1986), Levi e Schmitt (1996), Schindler (1996), Abramo (1994), Lapassade (1968), Pais (2003), dentre outros. Essa pesquisa se insere no paradigma qualitativo de investigação utilizando a Sociopoética. A pesquisa ocorreu no CTBJ, no qual formou-se um grupo-



pesquisador com 11 alunos do curso Técnico em Enfermagem, sendo 10 mulheres e 1 homem. As técnicas utilizadas para produção dos dados foram: Os Bichos Jovens e Corpo Coletivo Jovem. A pesquisa teve como resultado a produção de confetos heterogêneos sobre o ser jovem expressos em duas linhas do pensamento do grupo-pesquisador. A primeira linha **Jeitos de ser jovem** problematizou o jovem em bando, o jovem nas relações de ficar e/ou namorar, o jovem com a dimensão do tempo e da liberdade. A segunda linha, **As problemáticas dos Alunos sobre Ser Jovem**, se apresentou em duas dimensões: **Relação dos jovens com os pais e a Relação dos jovens com os estudos**. Esse trabalho possibilitou, senão conhecer, pelo menos adentrar em parte do universo pretendido, interferindo diretamente na prática da pesquisadora enquanto professora desta instituição de ensino. Acredita-se também que de algum modo poderá subsidiar a prática de professores que lecionam para os jovens, em especial para aqueles que lidam diretamente com as questões referentes às juventudes.

Palavras-Chave: Ser Jovem. Jovens. Colégio Técnico. Sociopoética.

## ABSTRACT

The relevance of this research lies in the fact the researcher have approached the young students of the College of Nursing Technical Technician Bom Jesus - CTBJ and listen through their poetics confects (+ concepts affections) and the issues that inform them about the theme The generator that is being young, including producing other ways of thinking about being young. Therefore, it was necessary that a stance considered the young and the wealth of possibilities that we experience moments of youth, expressed in demonstrations and varied spaces of sociability and especially education. Moreover, the young students of the Technical Course in Nursing were chosen as research subjects because he was lecturing to them that their problems were observed and taken up the desire to research the topic in question. Since the researcher began teaching for these young people, caught his attention the fact that they have a trajectory that approaches and departs from it, especially for having age between 16 and 18 years and now they live away from their parents to make both the Teaching Middle and a vocational technical course in Nursing, staying in school full time. In this context, these peculiarities have made possible the following questions: Who are the young of the Nursing Technician course CTBJ told by themselves? What these young people think about what it is to be young? What are the main problems experienced by these guys about what is to be young? As young people of this area technical school think other ways of being young in addition to the representations constructed historically? So what prompted the researcher to want to study what is being young and their problems by the students of the Technical Course in Nursing was the need to listen to them creating a space in the school that enabled the flourishing of their speeches to release their desires and ideas about themselves and their problems. The research aimed to: examine the thinking of young students from the Foundation Degree in Nursing CTBJ through production confects on the topic "What is to be young." For this, we plotted the following specific objectives: Identify who are the young students of the Nursing Technician CTBJ for themselves; Understand the major problems experienced by these young people about what is young; Identify other ways of thinking to be young beyond representations constructed historically. In theoretical authors were used as Adad (2011), Ariès (1986), Levi and Schmitt (1996), Schindler (1996), Abramo (1994), Lapassade (1968), Country (2003), among others. This research falls within the qualitative paradigm of research using Sociopoética. The study was conducted CTBJ, which formed a research group with 11 students of technical Nursing, 10 women and 1 man. The techniques used to produce the data were: The Beasts Youth and Young Collective Body. The research

resulted in the production of heterogeneous confects about being young cast in two lines of thought-researcher group. The first line Ways to be young problematized in the young flock, the young stay in relationships and / or dating, the young man with the dimension of time and freedom. The second line, The Student problematic on Being Young, presented in two dimensions: Relationship with parents of young people and youth Relationship with studies. This work enabled, otherwise known, at least partially penetrate the universe intended, directly interfering in the practice of this researcher as a teacher education institution. It is also believed that somehow can subsidize the practice of teachers who teach young people, especially for those who deal directly with issues relating to youths.

Keywords: Being Young. Young. Technical College. Sociopoética.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1: Acolhida dos Copesquisadores .....	32
FIGURA 2: Relaxamento .....	32
FIGURA 3: Oficina de Negociação .....	33
FIGURA 4: Produção dos Crachás.....	33
FIGURA 5: Ciranda .....	37
FIGURA 6: Encerramento da Oficina de Negociação .....	37
FIGURA 7: Relaxamento .....	40
FIGURA 8: Produção dos Dados .....	40
FIGURA 9: Brincadeira .....	52
FIGURA 10: Brincadeira .....	52
FIGURA 11: Almoço .....	53
FIGURA 12: Momento do Repouso.....	53
FIGURA 13: Análise das Imagens .....	55
FIGURA 14: Análise das Imagens .....	55
FIGURA 15: Análise dos Relatos Orais.....	56
FIGURA 16: Análise dos Relatos Orais.....	56

FIGURA 17: Relaxamento .....	61
FIGURA 18: Contra-Análise.....	61
FIGURA 19: Copesquisadores imitando bichos jovens .....	81
FIGURA 20: Brincadeira .....	81
FIGURA 21: Brincadeira .....	81
FIGURA 22: Painel de Imagens.....	93
FIGURA 23: Análise das Imagens .....	93
FIGURA 24: Encerramento da Oficina .....	118
FIGURA 25: Copesquisadores .....	118

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>A CONSTRUÇÃO SOCIAL, HISTÓRICA E CULTURAL DAS JUVENTUDES NO MUNDO OCIDENTAL MODERNO .....</b>	<b>22</b>
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>PERCORRENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: A SOCIOPOÉTICA.....</b>	<b>31</b>
2.1 Encontro com a Sociopoética .....	34
2.2 Pesquisando com a Sociopoética.....	35
2.3 Negociando o Espaço da Pesquisa e Delimitando os Sujeitos .....	38
2.3.1 Primeira Oficina: Negociação da pesquisa com os jovens e quem são os jovens por eles mesmos por meio da produção dos pseudônimos e dos crachás .....	40
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>OS BICHOS JOVENS: PROBLEMAS E CONFETOS SOBRE O SER JOVEM .....</b>	<b>47</b>
3.1 Segunda Oficina: Produção dos Dados .....	48
3.2 Análise dos dados feita pelos copesquisadores da Técnica dos Bichos Jovens .....	63
3.3 Análise dos dados pela Facilitadora .....	68
3.3.1 Análise Plástica .....	68
3.3.2 Resultado da Contra-Análise da Análise Plástica.....	70
3.3.3 Análise Classificatória dos Dados Orais .....	79
4. Estudos Transversais .....	80
5 Resultado da Contra-Análise da Análise Classificatória.....	83
<b>CAPÍTULO IV</b>	
<b>O CORPO COLETIVO JOVEM: PROBLEMAS E CONFETOS SOBRE O SER JOVEM.....</b>	<b>91</b>
4.1 Terceira Oficina: Produção dos Dados .....	92
4.2 Análise dos dados feita pelos copesquisadores da Técnica Corpo Coletivo Jovem....	104
4.3 Análise dos dados pela Facilitadora .....	108

4.3.1 Análise Plástica das Imagens.....	108
4.3.2 Resultado da Contra-Análise da Análise Plástica.....	111
4.3.3 Análise Classificatória dos Dados Orais .....	113
5. Estudos Transversais .....	113
6. Resultado da Contra-Análise da Análise Classificatória.....	106

#### **CAPÍTULO IV**

<b>O SER JOVEM NAS LINHAS DO PENSAMENTO DOS JOVENS E O CONFRONTO COM OS ESTUDIOSOS DA TEMÁTICA JUVENTUDES .....</b>	<b>131</b>
---	------------

<b>CONSIDERANDO POSSÍVEIS FINAIS OU INÍCIOS .....</b>	<b>155</b>
---	------------

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>160</b>
--------------------------	------------

<b>APÊNDICE A .....</b>	<b>162</b>
-------------------------	------------

<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>176</b>
------------------------	------------

## INTRODUÇÃO



### *O que é ser jovem?*

*Parece-me que ser jovem é falar muito “ai”, é chorar e sorrir.  
É dormir e dormir, acordar, acordar,  
É ser livre e tentar voar.  
É ser forte e sair do buraco,  
Viver e sonhar acordado.*



*Me parece que o jovem sempre sofre  
pressão,  
Que sempre está precisando da ajuda  
de um irmão,  
Irmão não só de sangue, mas também  
de coração,  
Que sempre lhe ampara nos momentos  
de opressão.*

*E esse grito de “quero ser livre e viver  
em um paraíso”?  
Todos queremos gritá-lo e retratá-lo.*

*É um sentimento comum,  
Nesse momento todos somos um.*

*A impossibilidade de hoje termos tempo para pensar e descansar,  
No corre e corre da vida,  
Procuramos um paraíso artificial.  
Na realidade,  
Não procuramos concretizá-lo,  
Vivemos um hoje em busca de tranquilidade.*

*Quando não conseguimos algo,  
Não podemos desistir de tentar,  
Pois aqueles que conseguiram um dia tentaram.*

*Como já dizia uma canção,  
“Quem acredita, sempre alcança”.*

**(Poema produzido pelo Grupo-pesquisador)**



A escolha de um tema de pesquisa envolve o complexo universo daquilo que presenciamos, ouvimos e sentimos durante a construção de nossas próprias histórias. Nesse sentido, o tema “o que é ser jovem” passou a despertar meu interesse<sup>1</sup>, ao refletir sobre minhas próprias experiências. Lembro-me que minha mãe, professora que lecionava para jovens, proferia muitos discursos sobre as dificuldades de entender a diversidade de comportamentos da juventude. Em várias situações, a vi fazendo indagações sobre o que motivava os jovens a não querer assistir aula, pular os muros da escola e a lançar desafios entre si. Na maioria das vezes, os discursos de minha mãe eram acompanhados de afirmações que demonstravam o quanto a juventude que ela havia vivido era diferente daquela que então presenciava.

Diante desta experiência com minha mãe, como o tema “o que é ser jovem” tornou-se o objeto da minha pesquisa? Essa resposta atravessa parte de mim, diz respeito a minha história e aos meus desejos. Como grande parte dos jovens de hoje, eu também vivi meu período de descobertas marcadas pelas transformações no corpo, o conhecimento da sexualidade, as promessas de amizades eternas e as inquietudes da escolha de uma profissão, dentre tantos outros rituais do ser jovem na nossa sociedade. Não fui uma jovem de classe média alta, mas tive aquilo que considero uma oportunidade à educação. Fiz o ensino médio em uma escola pública federal da cidade de Florianópolis, morava com meus pais e meu irmão, não precisava trabalhar e normalmente meus pais me garantiam algum dinheiro para participar das festividades da escola e lanchar nos intervalos das aulas. Talvez eu tivesse ficado durante algum tempo naquilo que Abramo (1994) assim como Levi e Schmitt (1996) chamam de uma espécie de “moratória social”, a qual seria um período destacado em que somente se configura em alguns grupos sociais, que podem manter seus filhos longe da vida produtiva e social, com a finalidade de prepará-los para o futuro, onde o jovem teria um tempo de espera, para que só depois pudesse ser solto no mundo.

Eu passava as manhãs na escola e às tardes quase sempre eu ia para casa das minhas amigas de sala de aula, o motivo dito aos meus pais normalmente era o mesmo: estudar em grupo. Diferentemente dos sujeitos da minha pesquisa, os computadores e a internet ainda não permeavam minha realidade e nem das minhas amigas, a vaidade era pouca: usávamos nossos

---

<sup>1</sup>Ao iniciar meu trabalho, quero fundamentar a minha opção de me fazer sempre presente através das minhas colocações em primeira pessoa, deixando claro quem fala, o lugar de onde fala e com que finalidade: “Este gesto não é um mero indicativo, nem uma regra protocolar: trata-se de uma afirmação que se quer: ética porque indica a decisão do falante de fazer-se responsável por seu discurso; estética porque reconhece a importância do conteúdo e da forma e dos vínculos específicos que esta cria; e política porque pretende um lugar no emaranhado relacional contemporâneo”. (NAJMANOWICH, 2001, p.8)

cabelos naturais, não colocávamos maquiagem no rosto e nossos uniformes escolares estavam sempre adequados aos olhos da fiscalização da escola, no entanto, às vezes dávamos um jeito de driblar essas normas, por exemplo, eu adorava ir sem meias. Nosso grupo normalmente era composto somente de meninas, não saíamos à noite, exceto em raras ocasiões acompanhadas de adultos e tínhamos sempre muito tempo para conversarmos e era nesses momentos que minhas amigas e eu desviávamos nossa atenção das páginas dos livros e focávamos em revistas que falavam sobre a boa forma, os artistas mais badalados do momento, como conquistar um “gato”, dentre outros assuntos. Eu pensava que sabia muita coisa e não me considerava como dizíamos naquela época: uma “menina bobinha”.

Passávamos bons momentos sorrindo, sonhando com nossos “príncipes encantados” e profissões bem sucedidas. Paralelo a isso, havia os assuntos de “gente grande”: presenciei nas minhas histórias e das minhas amigas, o medo das crises financeiras em casa, o pavor da separação dos pais, a saudade dos irmãos que já se aventuravam nos estudos e empregos em outras cidades e temíamos um futuro de incertezas quanto às nossas profissões.

O vestibular foi um marco na separação entre mim e minhas amigas, tomamos caminhos diferentes, e de certa forma eu continuei dentro da minha espécie de moratória social, uma vez que aprovada para o curso de Enfermagem em uma universidade estadual da minha cidade, continuei morando em casa me mantendo sob os olhos dos meus pais.

A graduação no curso de Bacharelado em Enfermagem foi uma experiência muito marcante em minha vida, e ao continuar minha busca por argumentos que justificassem a escolha do meu tema de pesquisa, lembrei-me que uma atividade em campo muito comum no curso era a prática de nos dirigirmos aos bairros considerados mais carentes da cidade, a fim de identificar grupos supostamente em risco para algum problema de saúde pública. Uma vez identificados estes grupos, realizávamos atividades educativas, as quais geralmente eram palestras. Entre os grupos de risco selecionados, normalmente estavam: pessoas diabéticas, pessoas hipertensas e grupos de jovens; neste último caso, sempre denotando muito mais preocupação pela suposta suscetibilidade a uma multiplicidade de problemáticas, como: atividade sexual precoce, doenças sexualmente transmissíveis, gravidez precoce, uso de álcool e outras drogas, violência doméstica e urbana, etc.

Quase sempre, a escola era o local escolhido para localizar os grupos de jovens, e era nesse espaço em que ocorriam preferencialmente as atividades educativas, pois, nenhum lugar possibilitava o encontro de tamanha quantidade de jovens com variadas culturas e comportamentos quanto à escola.

As problemáticas abordadas com o então grupo de jovens da escola eram escolhidas a partir de uma conversa prévia entre o diretor da mesma, o professor do curso de Enfermagem o qual era um enfermeiro e o enfermeiro da Estratégia de Saúde da Família que atuava na área onde se situava a escola. Com isso, o tema escolhido era repassado para nós, alunos da universidade, que por nossa vez o repassávamos para os jovens alunos da escola. As informações eram transferidas de uma forma verticalizada, pois nós, os jovens da universidade, não éramos ouvidos e envolvidos na construção de nossas próprias problemáticas e por sua vez, os jovens da comunidade também não. Eu percebia que durante as atividades educativas, os jovens tinham uma grande dificuldade em participar, às vezes não se interessavam pela problemática escolhida e quando participavam das atividades, era através de perguntas escritas em papéis e nos enviadas de forma anônima.

Durante o curso de Enfermagem, logo nos primeiros contatos com o campo de estágio, me deparei com uma realidade diferente da minha. Seja nos hospitais, nos postos de saúde através das consultas de Enfermagem, ou mesmo nas escolas que eu visitava juntamente com meus amigos de turma, eu tinha que lidar com meninas grávidas, violentadas sexualmente, jovens com doenças sexualmente transmissíveis, com problemas de alcoolismo, promiscuidade sexual, dentre outros. Os campos de estágio me assustaram inicialmente e enfim, descobri que talvez fosse uma “menina bobinha” que começara a sair de sua moratória social e a se tornar adulta ao se aproximar do mundo e sua multiplicidade.

No último ano do curso de Enfermagem, por ser exigência da universidade, fui morar na cidade de Teresina para atuar nos campos de estágio da mesma. Morando com colegas também jovens, distante dos olhos dos meus pais, dei mais um passo que me afastou da minha moratória social. Até o momento, mesmo no campo de estágio da cidade de Floriano, não havia me deparado com os fatos que ora descrevo: da janela do meu apartamento eu via jovens usando drogas, minha amiga que morava comigo foi assaltada, um vizinho, o qual também era jovem, morreu em uma briga de bar e eu tinha medo de sair sozinha, da violência urbana. As problemáticas que estavam inicialmente nos campos de estágio, adentraram outros espaços em minha vida, passei a conviver com elas na rua onde morava, na minha vizinhança, dentro do meu apartamento, elas estavam ali a um passo de me alcançar.

Ao final do curso, a aprovação em um concurso para professora de uma Escola Técnica Federal, o qual é o Colégio Técnico de Bom Jesus, me conduziu à referida cidade. O curso Técnico em Enfermagem dessa escola se faz presente através de duas turmas, sendo que em ambas há a modalidade subsequente e concomitante ao ensino médio, ou seja, cada uma

das turmas é mista, constituída por alunos que já concluíram o ensino médio e alunos que estão cursando o ensino médio pela manhã e o Técnico em Enfermagem à tarde.

Deste modo, as experiências adquiridas como professora destes jovens no curso Técnico em Enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus – CTBJ e com as leituras que realizei no mestrado em Educação, consegui perceber com mais maturidade, que a forma que utilizávamos durante a graduação com a intenção de resolver os problemas dos jovens não era eficaz porque era hierárquica e distanciada, pois queríamos levar as respostas e resolver por eles os problemas.

Neste sentido, os alunos da concomitância do curso Técnico em Enfermagem, para os quais leciono, despertaram meu interesse porque em sua maioria estão com idades entre 15 e 17 anos e migraram de suas pequenas cidades em busca de um ensino de melhor qualidade, ou seja, moram distante dos “olhos” dos pais. Além disso, durante o curso precisam adentrar os campos de estágio para atuar no Hospital, nos postos de saúde, no CAPS e até mesmo em outras escolas, tendo que lidar com as problemáticas dos jovens definidas pelos manuais de Enfermagem, quais sejam: álcool e outras drogas, gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis dentre outras, as quais podem estar sendo vivenciadas por eles ou distante de suas realidades. Vale ressaltar que as problemáticas com as quais eu me deparei durante meus anos de curso de Enfermagem foram vivenciadas quando eu tinha em média 21 anos. Os alunos os quais descrevo vivem circunstâncias parecidas, porém em uma idade muito mais precoce, em um tempo diferente do qual eu vivi e passam praticamente o dia na escola, pois estudam nos turnos da manhã e tarde e muitas vezes almoçam e jantam no restaurante universitário da própria escola.

No meu cotidiano de professora, observo e convivo com estes jovens do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ, os quais ocupam vários espaços dessa escola. É possível vê-los dentro das salas de aula, no laboratório de Enfermagem, na biblioteca, transitando pelos corredores ora sozinhos, ora em bandos compostos por jovens do sexo masculino e feminino, caminhando ou correndo, sentados ou deitados no chão, entrando e saindo nas salas administrativas. Além disso, esses jovens ultrapassam os muros da escola e frequentam os campos de estágio já mencionados.

De longe, não é possível perceber quem são esses jovens, de onde eles são, onde moram, o que gostam, como eles pensam sobre si e sobre sua condição juvenil, ou seja, quais os conceitos que atribuem ao que é ser jovem, suas problemáticas, o quanto podem diante dos problemas que os mobilizam. Eu não havia, antes da pesquisa, me dedicado a ouvi-los e

entende-os em suas subjetividades<sup>2</sup> e contextos singulares, por isso, ao desenvolver este trabalho, foi preciso que além de inserida nesse espaço, enquanto professora, eu me mantivesse mais perto e utilizasse a sociopoética, a qual me permitiu ainda mais uma escuta sensível desses jovens.

Sobre o tema juventude, Adad (2011) comenta que na academia, depois de anos de total descaso à temática, ele volta a fazer parte das suas preocupações e interesses, através de teses de mestrado e doutorado. Embora esta autora tenha ressaltado que normalmente as reflexões eram com o objetivo precípuo de discutir os sistemas e instituições presentes nas vidas dos jovens, ou mesmo as estruturas sociais que evidenciam situações “problemáticas” para estes, observo que, atualmente, existem iniciativas no sentido de enfocar o modo como os próprios jovens vivem e elaboram essas situações. Neste caso, este trabalho se insere dentro desta perspectiva.

No entanto, ainda é possível perceber, como ressalta Abramo (1997) que as ações dos jovens são quase sempre vistas como ações inconsequentes e desvairadas, imediatistas, desvinculadas de uma dimensão de projeto e de finalidade. Atualmente, é muito marcante a imagem dos jovens que assustam e ameaçam a integridade social; são vistos com medo e com perplexidade pela sociedade. Nessas interpretações e/ou abordagens parece existir uma certa dificuldade em considerar os jovens como sujeitos propositivos.

Dessa forma, ao manter o foco da atenção sobre os jovens como expressões dos problemas sociais, nega-se a possibilidade de ouvi-los e de deixá-los estabelecer o que de fato consideram suas problemáticas. Rejeita-se ainda, a própria capacidade do jovem de atuar como agente de mudanças positivas na resolução de seus próprios problemas.

Para Alves e Viana (2003) é importante criar ambientes onde os jovens possam não só receber informações, mas também falar de si, discutir suas questões e expressar os seus sentimentos, ou seja, onde possam ser vistos com singularidade. Embora seja importante focalizar o sujeito, é junto a outros que os jovens terão mais facilidade de expressão. Nos grupos de jovens, todos estão vivenciando o mesmo processo, têm dúvidas e conflitos muito parecidos e podem compartilhar os seus medos e anseios, suas alegrias e conquistas.

---

<sup>2</sup> “Muitas correntes filosóficas e psicológicas [...] sustentam que existe uma forma universal e invariante de constituição, composição, transformação, reprodução e extinção do sujeito. [...] o que varia em cada sujeito seria os conteúdos (representações e modalidades de configuração dos fantasmas ou função dos mecanismos); nisso radicaria a singularidade de um sujeito. [...] para outros institucionalistas, não existe um sujeito com uma estrutura universal e com variações apenas de desenvolvimento, conteúdo ou estilo. O que existem são processos de produção de subjetividade pelos quais a sociedade tendem a reproduzir sujeitos idênticos ou similares, segundo os padrões do grupo ou classe de que se trate e de acordo com os moldes do Instituído – Organizado – Estabelecido. (BAREMBLITT, 1998, p. 193).

Os autores supracitados ainda afirmam que, assim sendo, a escola coloca-se na vida do jovem como uma instituição de grande significado, por proporcionar o exercício de sua identidade para além da família, em contatos com contextos de condicionamentos e diferenças sociais e, por criar condições para a produção e o acesso a novos saberes e ao conhecimento socialmente produzido e sistematizado.

Assim, a relevância dessa investigação está, em especial, na possibilidade de me aproximar dos jovens estudantes do curso Técnico em Enfermagem do Colégio Técnico de Bom Jesus e ouvi-los de outro modo, considerando-os como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de efetuar uma relação dialógica com outros atores e de contribuir para a solução dos problemas sociais. Sposito (1996) ratifica meu desejo ao dizer que é necessário considerar a riqueza de possibilidades experimentadas nos momentos da juventude, que se expressam em manifestações e variados espaços de sociabilidades.

Além disso, os jovens alunos do Curso Técnico em Enfermagem foram escolhidos como sujeitos da pesquisa porque foi lecionando para os mesmos e observando suas problemáticas que retomei o desejo de pesquisar o tema em questão. Desde que iniciei a docência para estes jovens, me chamou atenção e passou a ocupar minhas ideias, como jovens que estão lidando com suas problemáticas se sentem fazendo um curso técnico profissionalizante que suscita a necessidade de que durante os estágios sejam abordadas problemáticas que podem estar sendo vivenciadas por eles mesmos ou distante da realidade deles, como: gravidez na adolescência, uso de álcool e outras drogas, atividade sexual precoce e outras?

Penso que estes jovens podem me ajudar a problematizar as questões norteadoras que passaram a ocupar minhas reflexões, quais sejam: Quem são os jovens do CTBJ dito por eles mesmos? O que os jovens do curso Técnico em Enfermagem pensam sobre o que é ser jovem? Quais são as principais problemáticas vivenciadas por estes jovens sobre o que é ser jovem? Como os jovens deste espaço escolar técnico pensam outros modos de ser jovem para além das representações construídas historicamente?

Assim, o que me impulsionou a querer estudar o que é ser jovem e suas problemáticas por meio dos alunos do Curso Técnico em Enfermagem foi a necessidade de ouvi-los criando um espaço na escola que possibilitasse o aflorar de suas falas de modo a liberar seus desejos e ideias sobre si e seus problemas.

Portanto, o presente estudo teve como objetivo geral: analisar o pensamento dos jovens estudantes do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ por meio da produção de

confetos sobre o tema “o que é ser jovem”. Para isso, foram traçados os seguintes objetivos específicos: Identificar quem são os jovens estudantes do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ dito por eles mesmos; Perceber as principais problemáticas vivenciadas por estes jovens sobre o que é ser jovem; Identificar outros modos de pensar o ser jovem para além das representações construídas historicamente.

Isso possibilitou, senão conhecer, pelo menos adentrar em parte do universo pretendido, interferindo diretamente na minha prática enquanto professora desta instituição de ensino. Além disso, a pesquisa Sociopoética foi escolhida, uma vez que as ações direcionadas aos jovens têm melhores resultados quando desenvolvidas numa perspectiva de grupo/coletividade, com isso, os dados não foram coletados e sim construídos pelos jovens.

Desse modo, essa dissertação é constituída por 5 capítulos. No Capítulo 1 – **A construção social, histórica e cultural das juventudes no mundo ocidental moderno** – problematizo histórica, cultural e socialmente o conceito de juventudes.

No capítulo 2 – **Percorrendo os caminhos da pesquisa: a sociopoética** – apresento a Sociopoética, como se deu o meu encontro com ela, explico sobre este método utilizado para a realização da pesquisa, suas trilhas, seus princípios, desde o pesquisar com o corpo todo, construindo conhecimento coletivo com grupos de resistências por meio de técnicas artísticas, sendo um pesquisar democrático e espiritual. Consta também a descrição da primeira Oficina sociopoética, na qual ocorreu a negociação da pesquisa com a direção da escola e com os jovens do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ, além da produção dos pseudônimos, dos crachás e do perfil destes jovens por eles mesmos sem me deter em questões econômicas, estatísticas e sociais.

Capítulo 3 – **Os bichos jovens: problemas e confetos sobre o ser jovem** – Descrevo detalhadamente a segunda oficina sociopoética que realizei na pesquisa, oficina de produção dos dados através da técnica Os Bichos Jovens, na qual ocorreu a produção de confetos sobre o tema “o que é ser jovem”. Também são apresentados neste capítulo os relatos orais e as produções dos copesquisadores, as análises dos dados por eles e por mim - facilitadora. Além disso, os confetos (conceitos + afetos) produzidos pelo grupo-pesquisador e os resultados da contra-análise desta técnica também estão neste capítulo.

Capítulo 4 – **O corpo coletivo jovem: problemas e confetos sobre o ser jovem** – Descrevo detalhadamente a terceira oficina sociopoética, oficina de produção dos dados através da técnica O Corpo Coletivo Jovem, a qual também foi utilizada para a produção de confetos sobre o tema “o que é ser jovem”. Os relatos e as produções dos copesquisadores, as

análises dos dados por eles e por mim (facilitadora) constam neste capítulo e os confetos (conceitos + afetos) produzidos pelo grupo-pesquisador e os resultados da contra-análise desta técnica também.

Capítulo 5 – **O ser jovem nas linhas do pensamento dos jovens e o confronto com os estudiosos da temática juventudes** - momento do confronto entre os confetos presentes em duas linhas do pensamento: Jeitos de ser jovem e As problemáticas dos alunos sobre ser jovem com o que dizem alguns estudiosos sobre a temática das juventudes. A primeira linha **Jeitos de ser jovem** problematiza o jovem em grupo, o jovem no namoro, o jovem com a dimensão do tempo e da liberdade. Na segunda linha **As problemáticas dos alunos sobre ser jovem**, os copesquisadores problematizam duas dimensões: **Relação dos jovens com os pais e Relação dos jovens com os estudos**.

Por fim, **Considerando possíveis finais ou inícios** trata das últimas considerações sobre este trabalho realçando os principais achados frente aos objetivos traçados inicialmente, bem como meus aprendizados, limites e superações ao longo do processo da pesquisa.

Portanto, acredito que este trabalho de algum modo poderá subsidiar a prática de professores que lecionam para os jovens, em especial para aqueles que lidam diretamente com as questões referentes às juventudes. Entretanto, sei que esta pesquisa consiste em um olhar limitado sobre a problemática, por isso, não tem a intenção de encerrar o tema abordado, uma vez que este poderá ser retomado e aperfeiçoado constantemente.



## 1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SÓCIO-CULTURAL DAS JUVENTUDES NO MUNDO OCIDENTAL MODERNO



*[...] E nós jovens, o que somos?  
Ah! O que somos tá na cara,  
O importante agora é o que iremos ser.*

**(Trecho do Poema produzido pelo Grupo-pesquisador)**

Dentro do contexto desta pesquisa, me deparei com livros, capítulos de livros, periódicos, filmes, na tentativa de delimitar e entender melhor o que chamo aqui de juventudes. Entretanto, os meus sujeitos, os jovens do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ, ao produzirem um poema como resultado da análise dos dados<sup>3</sup> realizada por eles mesmos enquanto copesquisadores na pesquisa, acabaram por me mostrar o caminho de como pensar histórica e socioculturalmente como foi construído em nossa sociedade as representações sociais sobre esta categoria de estudo. A seguir, eis o poema:

***O que éramos, o que somos e o que seremos***

*Fomos crianças, pré-adolescentes,  
Fomos crianças inocentes.*

*Crescemos e nos tornamos completos,  
De corpo, alma e mente,  
Nos tornamos adolescentes.*

*Nasceu em nós um coração,  
Mas que dentro de nós vale por um milhão.*

*Com o olhar enxergo o amor,  
Mas com ele também posso passar por sofredor.*

*Com as mãos sentimos,  
Ou até mesmo, ferimos.*

*Com a boca sentimos um prazer imenso, o beijo,  
Ah! O beijo, beijo carinhoso, safado ou até mesmo de brincadeira.  
A vida é ou não é uma zoeira?*

*Ah! A bunda, essa aí sim tem zoeira,  
Melhor não falar do que se trata,  
Nem de brincadeira.*

*E nós jovens, o que somos?  
Ah! O que somos tá na cara,  
O importante agora é o que iremos ser.*

**(Poema produzido pelo Grupo-pesquisador)**

No poema, é possível perceber o marcado caráter de limite etário ligado às idades da vida (ARIÈS, 1986) apontado pelos jovens ao escreverem: “*fomos crianças, pré-adolescentes*”, “*crescemos e nos tornamos completos*”, “*o que somos está na cara, o*

---

<sup>3</sup> A análise dos dados pelos copesquisadores será melhor apresentada posteriormente nos capítulos 3 e 4 desta dissertação.

*importante agora é o que iremos ser*”. Então, o que os autores dizem sobre essa forma de pensar dos jovens estudantes do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ?

Segundo Adad (2011) para entendermos como se constituiu este sentimento “ser jovem” – como categoria destacada da infância e do mundo adulto – é necessário entendê-lo como uma construção social e histórica, de cunho eminentemente moderno. Assim, de acordo com Ariès (1986), a duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, enquanto o filhote do homem ainda não conseguia bastar-se; a criança então, mal adquiria algum desembaraço físico, era logo misturada aos adultos, e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena, ela se transformava imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude, que talvez fossem praticadas antes da Idade Média e que se tornaram aspectos essenciais das sociedades evoluídas de hoje.

Ariès (1986) afirma ainda que a partir de um certo período e, em todo o caso, de uma forma definitiva e imperativa a partir do fim do século XII, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Apesar das muitas reticências e retardamentos sobre esta instituição, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi possível graças à implementação da escola, do colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças, e posteriormente dos adolescentes e jovens (como dos loucos, dos pobres e das prostitutas) que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização.

Para Levi e Schmitt (1996), como as demais épocas da vida, quem sabe numa medida mais acentuada, também a juventude é uma construção social e cultural. Desse ponto de vista, a juventude se caracteriza por seu marcado caráter de limite. Com efeito, ela se situa no interior das margens móveis entre a dependência infantil e a autonomia da idade adulta, naquele período de pura mudança e de inquietude em que se realizam as promessas da adolescência, entre a imaturidade sexual e a maturidade, entre a formação e o pleno florescimento das faculdades mentais, entre a falta e a aquisição de autoridade e de poder.

Esse caráter de limite problematizado pelos autores supracitados é facilmente encontrado nos manuais do Ministério da Saúde, os quais são frequentemente estudados nos cursos técnicos e superiores de Enfermagem, o que pode ter contribuído para a noção de limite construída pelos sujeitos da pesquisa no poema mencionado, por exemplo, de acordo com o manual do Ministério da Saúde, Marco legal: saúde, um direito de adolescentes, a Organização Mundial da Saúde circunscreve a adolescência à segunda década da vida (de 10 a 19 anos, 11 meses e 29 dias) e considera que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos.

No entanto, de acordo com Levi e Schmitt (1996), nenhum limite fisiológico basta para identificar analiticamente uma fase da vida que se pode explicar melhor pela determinação cultural das sociedades humanas, segundo o modo pelo qual tratam de identificar, de atribuir ordem e sentido a algo que parece tipicamente transitório, vale dizer caótico e desordenado. Segundo esses autores, essa “época da vida” não pode ser delimitada com clareza por quantificações demográficas nem por definições de tipo jurídico, e é por isso que parece para eles, substancialmente inútil tentar identificar e estabelecer, como fizeram outros, limites muito nítidos. Essas problematizações podem sugerir que não são soberanas as delimitações feitas, por exemplo, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei nº 8.069 de 13/7/1990, que em seu Art. 2.º afirma que a criança é considerada, para efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos; e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade, sendo que nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Schindler (1996, p. 269) comenta que

as pesquisas mais recentes sobre a cultura juvenil no início da era moderna receberam um impulso essencial com as afirmações de Philippe Ariès, segundo o qual na sociedade dos séculos XVI e XVII ainda não se traçava uma demarcação nítida entre infância e juventude e ainda não tinha uma noção precisa daquilo que hoje chamamos de adolescência.

Levi e Schmitt (1996) ao comentarem sobre a juventude como construção social, afirmam ainda que em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros símbolos e de outros valores. Para estes autores, existe um contraste de épocas; mas é relevante também a desigualdade entre as classes sociais, que torna as condições de vida e as opções culturais da “juventude dourada” (toda época tem a sua) somente a expressão de uma minoria, embora sua presença nos documentos e a capacidade de atração do modelo que ela encarna sejam muito fortes. Assim, será preciso estar atentos para não esquecer também outras figuras: os escravos, os operários, os estudantes pobres, os desempregados, os mendigos, os jovens agressivos, dentre outros.

Abramo (1994) comenta que a noção mais usual do termo juventude refere-se a uma faixa de idade, um período da vida em que se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e uma série de mudanças psicológicas e sociais ocorre, quando este abandona a infância para processar a sua entrada no mundo adulto. Além disso, a espécie de moratória social

mencionada anteriormente significa dizer, para Abramo (1994), que a cristalização desse sentimento “ser jovem” não é algo universal, muito pelo contrário, varia de sociedade para sociedade ou dentro de uma mesma sociedade. Nas sociedades ditas primitivas, por exemplo, a passagem do universo infantil para o adulto é altamente institucionalizada e ritualizada, e os grupos etários têm funções e lugares definidos no sistema social. Essas sociedades possuem acentuado papel integrativo.

A racionalidade moderna, entretanto, acaba por separar os mundos da criança, do jovem e do adulto, de tal forma, que essas etapas da vida estão dissociadas do cotidiano, da vivência, tornando a aprendizagem não processual, cheia de abismos e de advertências. Tornando-se atomizada, a juventude passa a ser desconhecida, sem papel na sociedade, e por isso mesmo considerada com profunda desconfiança, passando a ser vigiada e controlada por meio de toda uma série de instâncias burocráticas. Conforme Ariès (1986), a juventude só pôde ser vista como fase distinta das outras, mediante a progressiva instituição de um espaço separado de preparação para a vida. Assim, duas instituições foram fundamentais para demarcar essa fase distinta da criança, do jovem e do adulto: a família e a escola.

Mudanças tênues foram acontecendo, na sociedade Ocidental, ao longo dos séculos XV e XVI, mas foi no fim do século XVII e início do século XVIII que as transformações foram significativas, especialmente no espaço familiar. Na sua nova configuração, as relações entre seus membros: marido e mulher, pais e filhos, foram estrategicamente influenciadas a se retirar do espaço público da rua, e a se guardar no espaço privado do lar, da intimidade, dando origem à família nuclear do tipo conjugal, centrada no casal e nos cuidados deste em torno dos filhos, notadamente das crianças e dos adolescentes. “A família reorganizou-se em torno da criança e ergue entre ela mesma e a sociedade o muro da sociedade privada” (ABRAMO, 1994, p. 10).

A família nuclear e burguesa, vista como a antítese da vida pública e de seus dissabores, foi fortemente implantada no século XIX (BARROS, 1993, p.35). Tornou-se

O instrumento que as pessoas usavam para resistir às transformações econômicas e demográficas da sociedade, mais do que o meio de participar delas. A função da família era vista então como abrigo, com um refúgio: não era um meio de “adaptação e integração”. (SENNETT, 1998, p. 223).

Não é a toa que o privado passou a significar “um mundo onde reinava a interação, mas que precisava ser secreto” (SENNETT, 1998, p. 187). Para que este mundo permanecesse em segredo, a sociedade de então incidirá no vigiar permanente das “expressões” de cada um,

desestimulando comportamentos em público que revelam seus interiores. Será imposto o silêncio, a ausência de interação, a ordem no comportamento e na expressão em casa. No ambiente da família nuclear, a criança desenvolverá os seus traços de personalidade eliminando a variedade e a complexidade. Quanto menos complexos os relacionamentos, mais estáveis; quanto menos a pessoa tiver que lutar, mais sua personalidade poderá desenvolver-se. Para se conseguirem tais comportamentos,

se devia lutar para criar relações sociais que guardassem a criança das ameaças das experiências ambíguas ou conflitantes. Era a única maneira de formar, ou re-formar, a criança, modelando-a como uma pessoa forte. (SENNETT, 1998, p. 227).

As juventudes, desse modo, são um fenômeno da sociedade moderna e se tornam tema da sociologia à medida em que determinados setores juvenis parecem problematizar o processo de transmissão das normas sociais, ou seja, quando se tornam visíveis jovens com comportamentos que fogem aos padrões de socialização aos quais deveriam ser submetidos. (ARIÈS, 1986, p. 8).

Segundo Schindler (1996, p. 267),

a juventude também constitui em si um período da vida, objeto das atenções afetuosas da pedagogia; ao mesmo tempo, contudo, nós a consideramos com profunda desconfiança e a vigiamos, controlando-a por meio de toda uma série de instâncias burocráticas. Somente a sociedade dividida em classes da era industrial desenvolve ao máximo a dramaturgia da juventude enquanto portadora enfática de esperanças e de ameaças sociais latentes, ao passo que atribui à fase de tornar-se adulto as características de um fenômeno de tipo cultural, com conotações tanto negativas quanto positivas, mas de todo modo algo determinante.

Assim, as manifestações e expressões juvenis, ao longo do século XX e início do XXI, concorrem para compor o aparecimento público da juventude, tornando-se progressivamente percebida como sujeito social específico, com experiências, questões e formulações particulares, dadas pela sua condição etária e geracional. A percepção que se instaurou é de uma juventude em contraste com a ordem social dominante, sendo que a definição de juventude passa a estar marcada, sobretudo, pela negatividade ou pela indeterminação que produz. Cria-se, simultaneamente, um certo “estado de revolta” na juventude e, como diz Lapassade (1968), um certo “mal estar” generalizado na sociedade.

Machado Pais (2003) amplia a discussão ao dizer que os diferentes sentidos que o termo “juventude” tem tomado e as diferentes manifestações de sentido encontradas nos seus

comportamentos cotidianos, nos modos de pensar e agir, em suas perspectivas sobre o futuro, nas suas representações e identidades sociais, compõem paradoxos analíticos importantes para a reflexão das culturas juvenis. O desafio, como indica o autor, é perceber a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma mesma fase de vida, mas sim compreender as culturas juvenis como um conjunto social com atributos que os diferenciam. Portanto, uma passagem do campo semântico que toma a juventude como uma “unidade” para o que a toma como uma “diversidade”, as juventudes.

Para Canevacci (1942), em um contexto caracterizado por culturas fragmentadas, híbridas e transculturais, consumo panorâmico, e comunicações mass-midiáticas, afirma-se uma dilatação do conceito de jovem, virando do avesso as categorias que fixavam faixas etárias definidas e claras passagens geracionais. Trata-se de uma passagem intrincada e decisiva que o autor busca delinear partindo da seguinte proposição: os jovens são intermináveis. De acordo com o mesmo, isso não deve ser entendido – obviamente – no sentido de que são eliminados, pelo contrário: no sentido de que os jovens não acabaram. Que podem não se acabar. Cada jovem, ou melhor, cada ser humano, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-terminada e inclusive como não-terminável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único nossa era: as dilatações juvenis. O dilatar-se da autopercepção enquanto jovem sem limites de idade definidos e objetivos dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas. Morrem as faixas etárias, morre o trabalho, morre o corpo natural, desmorona a demografia, multiplicam-se as identidades móveis e nômades. E nasce a antropologia da juventude.

Diante disso, para realizar esta pesquisa, foi necessário aceitar desafios, como: deixar de ver os jovens estudantes do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ com minha visão encoberta pelas noções adquiridas através de alguns manuais de enfermagem, da mídia e da própria sociedade, a qual me limitava a entender esses jovens apenas como um “grupo de risco” para uma multiplicidade de problemáticas construídas ao longo dos anos para então considerar esses jovens como um grupo produtor de conhecimentos, capaz de indicar sua própria forma de perceber sua condição juvenil, o qual me fez pensar: será que estes jovens do CTBJ pensam e vivem diferentemente dos outros jovens ou das representações de jovens construídas historicamente? Existem problemas que estão ligados exclusivamente a este jovem do curso Técnico de Enfermagem do CTBJ? Como os jovens deste espaço escolar

técnico pensam outros modos de ser jovem? O que pode o corpo jovem diante dos problemas que o mobilizam?

De acordo com Brasil (2005)

Em nossa sociedade, circulam ideias sobre adolescência e juventude que se associam à noção de crise, desordem, irresponsabilidade; um problema social a ser resolvido, que merece atenção pública. O enfoque de risco, em particular, aparece fortemente associado a esses repertórios por meio de expressões como: gravidez de risco, risco de contrair o HIV, risco de uso de drogas ilícitas, risco de morte frente à violência. O risco generalizado parece, assim, definir e circunscrever negativamente esse período da vida, gerando expressões, ações e posturas absurdas em relação aos adolescentes.

Segundo Brasil (2005) esses aspectos assumem nuances distintas se adotarmos a noção da vulnerabilidade para entendermos as experiências dos jovens frente aos riscos. Vulnerabilidade significa a capacidade do indivíduo ou do grupo social de decidir sobre sua situação de risco, estando diretamente associada a fatores individuais, familiares, culturais, sociais, políticos, econômicos e biológicos.

Com isso, outro desafio se posicionou diante de mim ao realizar a pesquisa: como me dissociar da ideia de que só a partir da ação de seus responsáveis (pais, professores e sociedade como um todo) os jovens são capazes de identificar estratégias para resolver suas problemáticas? Nesse caso, poderíamos desconsiderar como produtor de conhecimentos, o jovem cuja família e a própria sociedade o negligencia? Para ver a juventude não apenas como um problema social, foi preciso adotar uma postura que permitisse ao jovem a oportunidade de ser interlocutor de sua própria realidade, como diz Adad (2011), um ator que gera e inventa conhecimentos.

Conforme Adad (2011), tal postura nos permite desconstruir verdades absolutas, transcendentais, pois afirma a vida e suas infinitas possibilidades de devir, pois se deixa afetar com as coisas do mundo e, nesse caso, produz transformação e movimento. Dessa forma, pretendi viver o universo juvenil não como algo já dado, a priori, acreditando que possa existir uma natureza dada, uma essência nesses jovens, algo completamente apreensível e previsível, negando sua produção social, cultural e histórica.

Desse modo, as oficinas sociopoéticas criaram condições para que os jovens estudantes do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ estranhassem sua condição juvenil e criassem confetos para o tema “o que é ser jovem”, de tal modo, que puderam criar, também, outras maneiras de pensar e problematizar a sua condição juvenil.



## 2 PERCORRENDO OS CAMINHOS DA PESQUISA: A SOCIOPOÉTICA



*Todo jovem tem esse lado delicado, esse lado que precisa de carinho, de certa forma, que apesar de serem rebeldes, eles tem um lado sensível, sei lá, um lado que precisa de amor e carinho.*

**(Copesquisadora Margarida)**

O caminho metodológico de uma pesquisa implica em descrever com minúcias as ações a serem desenvolvidas em busca dos dados. O método mais adequado é provavelmente aquele que prioriza e respeita as particularidades do objeto, dos sujeitos da pesquisa e também dos pesquisadores, a final de contas, como diz Gauthier (1999), a pesquisa é uma troca. Em face disso, minha pesquisa se insere no paradigma qualitativo de investigação utilizando a Sociopoética.

De acordo com Minayo (2011, p. 21),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes.

Conforme Gauthier (2003b), a Sociopoética é uma prática filosófica. Ela é uma passagem obrigatória para quem quer transformar as práticas sociais, por paradoxalmente não visar à transformação social e ainda menos a conscientização, e sim o conhecimento do inconsciente, através do descobrimento das Américas (negras, brancas, indígenas e mestiças) do pensamento dos grupos-pesquisadores. Por que uma filosofia? Por que ela: Descobre os problemas que inconscientemente mobilizam os grupos sociais; favorece a criação de novos problemas ou de novas maneiras de problematizar a vida; favorece a criação de confetos, contextualizados no afeto e na razão, na sensualidade e na intuição, na gestualidade e na imaginação do grupo-pesquisador; favorece a criação de conceitos desterritorializados, que entram em diálogo com os conceitos dos filósofos profissionais.

Gauthier (1999) ressalta, ainda, que essa abordagem de pesquisa ou aprendizagem, destaca, simultaneamente, os seguintes princípios: a importância do corpo como fonte do conhecimento; a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem; o papel dos sujeitos pesquisados como co-responsáveis pelos conhecimentos produzidos, copesquisadores; o papel da criatividade de tipo artístico no aprender, no conhecer e no pesquisar; a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes.

Enfim, são princípios, nada de dogmas. Gauthier (2003b), destaca que o segundo princípio de valorização das culturas dominadas e de resistência não trata de se fechar em culturas separadas, tampouco em estabelecer oposição frontal entre brancos e negros, índios e não-índios, fêmea e macho, infantil e adulto... Mas, sim, em valorizar o minúsculo, o esquecido, o silenciado, o suspeito, o invisível, longe dos habituais critérios intelectuais da

racionalidade. Trata-se, portanto, de desorientarmos nosso intelecto, caotizarmos nossa percepção e categorização do mundo e descobriremos outros significados humanos para os dados de pesquisa produzidos – tarefa descolonizadora e produtora de potência! Podemos chamar de prática pluricultural na pesquisa, uma experimentação da vida, que não tem nada a ver com o tempo histórico, e sim com a produção de potências.

No que concerne à pesquisa qualitativa, o pesquisador tem um importante papel. Não é à toa que para René Barbier (2002), o pesquisador das ciências humanas não pode prescindir do que ele denomina escuta sensível. Esta não é um simples escutar com os ouvidos, mas a capacidade de sentir o universo imaginário e cognitivo do outro, e, desse modo, entender e compreender as atitudes, comportamentos, valores e crenças. No entanto, isso não quer dizer identificação ou adesão às referências do outro, porém abertura para compreendê-la. O referido autor ressalta também a necessidade do pesquisador comunicar seus sentimentos, emoções e interrogações ao grupo. Mas essa comunicação passa por uma escuta sensível que “não julga, não mede, não compara”.

Na Sociopoética, um outro aspecto muito importante da escuta sensível é o reconhecimento que não pesquisamos apenas com a razão. Lembra-nos Barbier (2002), que só se é pessoa “pela existência de um corpo, de uma imaginação, de uma razão, de uma afetividade em permanente interação. Por isso a audição, o tato, o gosto, a visão, o paladar são desenvolvidos na escuta sensível”. Além disso, essa escuta sensível é possível porque a produção de dados é feita em grupo, o conhecimento é partilhado, não se faz sozinho.

Assim, como nos ensina Adad (2011), não é apenas sozinho, mas principalmente é em grupo que se tem a oportunidade de compartilhar saberes e não saberes, pois os corpos pesquisadores produzem e ampliam conhecimentos de forma livre e democrática, bem como produzem auto-análise de suas práticas, ao perceber os pontos enrijecidos de seu corpo – a armadura que os protege do mundo e cria obstáculos no ato de conhecer e de criar o novo. Na vivência das oficinas de produção e análise dos dados, e na contra-análise, os saberes são postos à prova ao confrontarmos linhas de pensamento e ao dissolvermos nossas próprias certezas ao percebermos nossas “costas” e, nesse caso, realizarmos uma auto-análise de nossas práticas.

Conforme Adad (2011), nas oficinas, utiliza-se dimensões da arte com o intuito de causar estranhamento em torno do tema gerador, escolhido pelo facilitador ou pelo grupo. Por que estranhar? Porque o tema? Porque através da experimentação nas vivências, com dispositivos – técnicas que suscitam as dimensões da arte e do corpo todo, os copesquisadores fazem livres associações com o tema, produzindo conceitos heterogêneos, polifônicos,

polissêmicos, metafóricos e até inusitados. Para Gauthier (1999), essas produções são conceitos desterritorializados, bem como, confetos inusitados. O objetivo é mostrar que toda pessoa possui uma veia filosófica, sendo capaz de criar conceitos, de filosofar.

Deste modo, ressalto que esta pesquisa é de suma importância na medida em que ao ser socializada no universo acadêmico, poderá contribuir para ampliar pesquisas sobre os jovens e suas problemáticas bem como contribuir para a valorização dos saberes dos jovens estudantes do CTBJ.

O referido trabalho está fundamentado em leituras e análises bibliográficas que tratam da discussão sobre os jovens e suas problemáticas. No decorrer da investigação, a pesquisa foi atualizada, a partir dos suportes teóricos para alcance dos objetivos, instrumentalizando-a, bem como, fundamentando as análises dos dados. Os dados desta investigação foram produzidos em oficinas sociopoéticas, em vez de coletados.

É importante ressaltar que na concepção da Sociopoética, os dados que surgem nessa experiência não são “coletados”, como se estivessem nos esperando numa cesta, e sim produzidos pelas condições de realização da pesquisa, nas quais a interferência do pesquisador e de suas técnicas é uma implicação inegável. Daí, qualificamos essas oficinas como sendo de produção de dados. (PETIT, 2002, p. 42-43).

Desse modo, o processo de uma pesquisa Sociopoética divide-se em oficinas de produção de dados pelos copesquisadores. Após a produção, o facilitador, particularmente, realiza sua própria análise da técnica, em busca de linhas que perpassem o pensamento do grupo para o tema gerador. Em seguida, o facilitador leva esses resultados analíticos para os copesquisadores, preferencialmente, de forma mais sintética, literária e comunicativa. Esse momento é chamado de contra-análise e permite aos copesquisadores conhecer, confirmar, retificar, reexaminar e, especialmente, contrapor-se às ideias do facilitador, tornando mais precisas as reflexões deste. Por fim, faz-se a análise filosófica, com base nas impressões dos copesquisadores acerca da contra-análise.

## **2.1 Encontro com a Sociopoética**

Minha aproximação com a pesquisa Sociopoética ocorreu em fevereiro de 2011, ao receber o convite da minha orientadora, doutora Shara Jane Holanda Costa Adad, para participar de um Curso de Formação em Sociopoética, na cidade de Teresina. Recordo-me que na ficha de inscrição do curso, entre outras perguntas, constavam as seguintes: Como

conheceu a Sociopoética? Qual seu objetivo com a Sociopoética? De fato, a única coisa que eu sabia era que a palavra Sociopoética suscitava em mim um sentimento positivo e uma enorme curiosidade. Falando em curiosidade, lembro-me com carinho de quase não conseguir contê-la ao receber um e-mail na véspera do início do curso, no qual a minha orientadora dizia: *"Venham com roupas confortáveis para deitar e rolar no chão (risos). Se quiserem podem trazer sua almofada e toalha de banho"*. Vários pensamentos me ocuparam, entre eles: "Como deitar e rolar em um Curso de Formação Sociopoética?"

No curso, participei junto aos demais inscritos, como copesquisadora de uma pesquisa cujo tema gerador era o corpo. Dessa forma, entendi alguns fundamentos teóricos da pesquisa Sociopoética e o verdadeiro significado de "deitar e rolar na pesquisa". Foi nesse momento, sob o embalo das músicas e uma enxurrada de sentimentos aflorados durante as experimentações de algumas técnicas sociopoéticas, que nasceu em mim o desejo inicial, porém avassalador, de pesquisar utilizando-me desse método.

Posteriormente, com as leituras orientadas na disciplina Abordagem Sociopoética nas Pesquisas Qualitativas, ministrada pela referida orientadora no mestrado, mergulhei pelos caminhos da Sociopoética, entendendo que esta seria uma abordagem que contemplava os objetivos da minha pesquisa e priorizava as características atreladas aos meus sujeitos, os quais são os jovens do curso Técnico em Enfermagem. Dessa forma, ratifiquei meu desejo de andar, correr e mergulhar pelos caminhos surpreendentes e infinitos da sociopoética.

## **2.2 Pesquisando com a Sociopoética**

Para se pesquisar com a Sociopoética, torna-se necessário a aplicação dos seguintes procedimentos: negociação, produção de dados, análise dos dados, contra-análise e momento filosófico. Na negociação articula-se a formação do grupo pesquisador, que deve ser no mínimo seis e no máximo 20 pessoas. No caso da minha pesquisa, foram 11 jovens do curso Técnico em Enfermagem. Vale ressaltar que essas pessoas são tão pesquisadoras quanto o pesquisador oficial. Depois, acordam-se os horários, o espaço a ser utilizado e também a escolha do tema gerador. O grupo pesquisador da minha pesquisa agendou as oficinas conforme a disponibilidade de tempo limitada pelas aulas. O espaço escolhido foi o CTBJ e o tema gerador foi: "o que é ser jovem". A produção dos dados se dá a partir de técnicas e rituais vivenciados em oficinas.

A análise dos dados divide-se em dois momentos: a primeira análise é feita através da visão dos copesquisadores sobre as imagens produzidas e sobre os relatos orais do grupo. No segundo momento, o facilitador faz a análise do material produzido nas oficinas, por meio de uma leitura intuitiva e espontânea das imagens, originando as análises classificatória, transversal, filosófica e surreal.

As três primeiras são análises usadas frequentemente para os registros escritos. A análise classificatória diz respeito às oposições (por exemplo, as dicotomias), alternativas e escolhas; a transversal é considerada por Jacques Gauthier uma não análise, porque destaca as ligações, as ambiguidades e as convergências, e a análise filosófica faz referência às teorias escolhidas pelo facilitador, segundo suas inclinações, porque na Sociopoética temos a liberdade de escolher nossas próprias abordagens. Isto é, desde que não se sobreponham aos conceitos e confetos criados pelos copesquisadores. (ADAD, 2011)

A contra-análise possibilita um diálogo entre o pesquisador e os copesquisadores. Este momento permite ao leitor sentir a variação dada à pesquisa, pelos copesquisadores, e leva, também, o facilitador a retificar, complementar e complexificar suas percepções iniciais quanto às linhas do pensamento do grupo, levando-as ao momento filosófico, nas quais as referidas linhas serão confrontadas com as ideias dos filósofos sobre o tema pesquisado.

O momento filosófico da análise sociopoética é aquele dedicado a confrontar o conhecimento produzido pelo grupo-pesquisador, com reflexões teórico-filosóficas de outros autores ou correntes e ao mencionar a “produção filosófica de confetos” é importante delinear o que chamo de “filosofia”. Como afirmam Deleuze e Guattari (1997, p.14) a filosofia não pode ser associada nem à reflexão, nem a contemplação, nem a comunicação:

Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de filosofia para refletir sobre o que quer que seja. (...) E a filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, para criar o “consenso” e não o conceito.

Os autores afirmam, ainda, que não podemos conhecer nada por conceitos que não tenham sido criados por você mesmo. Essa é a tarefa da filosofia: criar conceitos. Nesse caso, conceito não tem nada a ver com a definição, com a delimitação de uma verdade última sobre algo: o conceito é da ordem do acontecimento, não da essência. Sendo assim, ele tem sempre a verdade que lhe é possível, em função das condições de sua criação e, portanto, não se pode afirmar que haja um conceito melhor do que um outro. Mas, um detalhe se faz necessário:

eles “devem estar em relação com problemas que são os nossos, com a nossa história e sobretudo com os nossos devires” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 40).

Foi com base nessa noção deleuze-guattariana de filosofia que Gauthier (2004) desenvolveu a noção de “confeto”. Segundo o autor, para entender a produção de confetos, é preciso distinguir, inicialmente, o plano de imanência, o conceito, o plano de consistência e as personagens filosóficas. O plano de imanência é anterior ao conceito, mas ao mesmo tempo, é o que possibilita a sua criação: “os conceitos são acontecimentos, mas o plano é o horizonte dos acontecimentos, o reservatório ou a reserva de acontecimentos puramente conceituais”(DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 52). Gauthier (2004) afirma que começamos a filosofar quando filtramos o caos sem perder o infinito das questões, ou seja, quando criamos o plano de imanência. O plano de consistência é a superfície onde os conceitos compõem-se e insistem. Eles traçam linhas de fuga saindo do seu contexto de nascimento para constituírem o pensamento abstrato.

O que a sociopoética faz é criar dispositivos que possibilitem ao grupo-pesquisador, partindo do plano de imanência, inventar novos conceitos e instaurar um plano de consistência, o grupo produz também metáforas. Apesar de não ser propriamente um conceito, a importância dessas produções no pensamento do grupo é, segundo Gauthier (2004), que elas promovem uma tensão produtiva num mundo que se apresentava pacífico e desproblematizado. Isso vai fazer com que o grupo realize um deslocamento no pensamento em direção a novas possibilidades de criação. Além disso, ela envolve elementos poéticos e artísticos que fazem com que ela se situe no entre-dois do saber e do sentir.

A criação do conceito se diferencia da metáfora porque ele já não está ligado a uma ideia. O problema já se instaurou e somos forçados a encontrar novas formas de dar conta dele. É aí que nasce o conceito. Ele vai se formando a partir de pedaços vindos de outros conceitos que respondiam a outros problemas, mas já não dão conta do que se apresenta agora: um conceito é uma heterogênesse, isto é, uma ordenação de seus componentes por zonas de vizinhança (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 32). A importância de criar conceitos reside na possibilidade de confrontar conceitos já instituídos, nos permitindo fazer surgir novas variações, operar vibrações, multiplicar possibilidades e suscitar novos acontecimentos. Dessa forma, aquilo que estava cristalizado começa a tomar movimento.

A sociopoética, no momento filosófico, pretende ser um espaço onde possa ocorrer a produção de sentidos por meio da criação de confetos e, ao mesmo tempo, produção de subjetividade: pensar e ser são uma só e a mesma coisa. E como o conceito é um acontecimento no pensamento, não pode existir sem ser perpassado de afetos que não são

emoções individuais, nem sentimentos, mas intensidades que percorrem os corpos. Por isso, a sociopoética se utiliza do neologismo “confeto”, mistura de conceito e afeto, para mostrar que na atividade do grupo pesquisador os afetos não só existem como é o próprio motor da criação.

### **2.3 Negociando o espaço da pesquisa e delimitando os sujeitos**

A investigação foi desenvolvida no Colégio Agrícola do município de Bom Jesus, o qual com base na Resolução nº 003/13/CONSUN que altera o nome das Escolas Técnicas vinculadas à UFPI, a partir de 23/01/2013 passou a ser denominado de Colégio Técnico de Bom Jesus - CTBJ, localizado na região Sudoeste do estado do Piauí, a 635 km de Teresina, sendo que sua população estimada em 2010 era de 22.629 habitantes (IBGE, 2010). O Colégio Técnico de Bom Jesus (CTBJ) é uma unidade de ensino da Universidade Federal do Piauí (UFPI), criado através da Resolução do CONSUN (Conselho Universitário) nº 02/81. Em 21 de março de 1982 teve início a primeira turma do Curso Técnico em Agropecuária. Esta iniciativa da UFPI tinha por finalidade formar técnicos agrícolas habilitados para o exercício dessa profissão, possibilitando assim o retorno desses jovens às suas cidades de origem para atuarem como agentes propulsores do desenvolvimento sustentável da região. Em 1986 foi construída a sua primeira sede, na Vila Stela, numa área de 22,5 hectares, onde hoje são desenvolvidas atividades de campo como bovinocultura, apicultura, forragicultura e outras. Em 1993, foi adquirida uma outra área, planalto horizonte, onde atualmente são desenvolvidas as atividades de ensino e outras atividades de campo como caprinocultura, suinocultura, avicultura, holericultura, etc. No ano de 2006, teve início um projeto de expansão do CTBJ, financiado pelo PROEP (Programa de Expansão da Educação Profissional) onde consta a melhoria e expansão da estrutura física do CTBJ, bem como a oferta de novos cursos técnicos: Informática e Enfermagem (UFPI, 2010).

O Colégio Técnico de Bom Jesus foi escolhido como cenário da pesquisa por ser meu local de trabalho e por existir em mim o desejo de sair da minha zona de conforto, eu queria enxergar o espaço dos jovens do CTBJ por outros ângulos, me arriscar em descobertas que também envolvem meu ser, meu mundo. Ainda são marcantes em minha memória as sensações de medo, insegurança e desconforto que se apresentaram em meu corpo quando eu era uma jovem estudante de Enfermagem e tive que falar pela primeira vez sobre sexualidade para jovens desconhecidos de uma escola em um momento de atividade em campo. Como



disse Adad (2011), “a pesquisa não é um ato apartado da vida pessoal, afetiva e emocional do pesquisador”.

Dessa forma, os jovens alunos do curso Técnico em Enfermagem foram escolhidos como sujeitos da pesquisa porque, como já mencionado anteriormente, foi lecionando para os mesmos e observando suas problemáticas que retomei o desejo de pesquisar o tema em questão.

Diante do exposto, acreditei que os jovens alunos do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ atenderiam aos meus objetivos de conhecer os saberes sobre o que é ser jovem, produzidos por eles mesmos. Para tanto, esta investigação privilegiou estes jovens com o uso da Sociopoética, produzindo conceitos filosóficos sobre o tema gerador “o que é ser jovem”.

Quanto às negociações para a pesquisa, como a diretora do Colégio Técnico de Bom Jesus, Oldênia Guerra, foi, desde o início das aulas do mestrado, informada por mim sobre os objetivos da pesquisa, inclusive apoiando a realização da mesma, tive apenas que formalizar a permissão e reservar a sala de multimídia para as oficinas sociopoéticas, escolhi essa sala por ser ampla, estar disponível e por ser localizada em um local no qual haveria menor possibilidade de interrupções por parte de desconhecedores da pesquisa.

Desse modo, minha preocupação passou a ser a seleção dos alunos do curso Técnico em Enfermagem e a negociação com os mesmos. Para tanto, inicialmente fui às duas turmas do referido curso, expliquei aos alunos a pesquisa de forma clara e objetiva, destaquei a necessidade da assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a possibilidade de desistência em participar da pesquisa a qualquer momento e que não haveria ônus aos participantes.

Conforme o planejamento para realização das oficinas de produção de dados, levando em consideração a disponibilidade de tempo dos alunos e dos facilitadores e os recursos disponíveis, optei por formar um grupo com os 12 interessados, sendo 11 mulheres e 1 homem. É importante destacar que neste momento, não pensei nas questões de gênero por não fazer parte dos meus objetivos, no entanto, com o desenvolvimento da pesquisa, me questionei porque somente um homem se interessou em fazer parte da mesma, talvez a resposta esteja relacionada ao fato das duas turmas serem constituídas predominantemente por mulheres. Na turma de 25 alunos, apenas 3 são homens; na turma de 43, apenas 7 homens fazem parte da concomitância, ou seja, cursam o ensino médio pela manhã e o ensino técnico em enfermagem à tarde.

Posteriormente, convidei esses alunos para participarem de uma oficina de negociação, na qual seriam produzidos os pseudônimos e crachás.

Durante as vivências, com a finalidade de garantir que o planejamento das oficinas sociopoéticas fosse cumprido, de torná-las mais dinâmicas e de garantir a mim mais tranquilidade e concentração como facilitadora, para que eu pudesse inclusive atuar diante de imprevistos de forma coerente com meus objetivos, pedi o auxílio de dois facilitadores (Káthia e Gustavo) que me ajudaram na utilização dos seguintes dispositivos: filmadora e câmera fotográfica para registrar os encontros, priorizar os relatos, depoimentos, gestos e a relação que os copesquisadores estabeleciam consigo e com os outros.

### **2.3.1 Primeira Oficina: Negociação da pesquisa com os jovens e quem são os jovens por eles mesmos por meio da produção dos pseudônimos e dos crachás**

No dia agendado, cheguei ao CTBJ às 13h30min, reli o planejamento da oficina, conferi os materiais que seriam utilizados na mesma e organizei a sala. Às 16h os facilitadores, Káthia e Gustavo chegaram e rapidamente expliquei o planejamento e como gostaria que fosse feita a distribuição de materiais para produção dos crachás, filmagens e as imagens a serem fotografadas.

No horário marcado, 11 jovens estavam presentes, sendo 10 mulheres e 1 homem, uma das alunas havia desistido de participar da pesquisa, mas como eu sabia que esse era um dos riscos possíveis de ocorrer, me mantive tranquila e dei início à oficina.

Sentados em círculo, fiz uma calorosa acolhida, agradei à presença dos alunos e falei um pouco sobre a pesquisa sociopoética. Nesse momento, fiz a sugestão do tema gerador “o que é ser jovem” e prontamente os alunos concordaram e se interessaram pelo tema. Falei sobre o diário de itinerância, o qual estaria à disposição deles durante todo o processo para que escrevessem o que sentissem vontade e também falei sobre a importância de fotografar e filmar, pedindo a autorização dos mesmos, estes por sua vez, concordaram. Além disso, pedi para que os jovens escolhessem o dia do nosso próximo encontro, no qual aconteceriam as oficinas de produção dos dados, eles escolheram um sábado por ser mais conveniente para eles, em função dos mesmos terem aulas do Ensino Médio e Ensino Técnico respectivamente nos turnos da manhã e tarde de segunda a sexta-feira. Aceitei a proposta, e para que os alunos não tivessem dificuldade em ir à escola, após a oficina, solicitei encarecidamente à diretora que dispusesse o ônibus escolar, prontamente ela aceitou meu pedido.

Após esta negociação com os jovens, dei início ao relaxamento, considerado parte integral da investigação enquanto dispositivo, onde “os membros do grupo pesquisador devem conseguir baixar seu nível de controle consciente, afim de que expressem os saberes

enterrados e imersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual” (GAUTHIER, 1999, p. 53).

Enquanto eu fazia o relaxamento, os facilitadores cautelosamente posicionavam próximo a cada aluno: uma tesoura, alguns retalhos de tecidos, lãs, cola e uma cartolina recortada no formato de um corpo. Nesse instante, percebi que duas alunas não estavam totalmente entregues ao relaxamento, pois embora permanecessem calmas e em silêncio, elas abriram os olhos algumas vezes.



**Figura 1: Acolhida dos Copesquisadores**



**Figura 2: Relaxamento**

Ao retornarem do relaxamento, pedi para que eles se deixassem levar pela imaginação e produzissem seus crachás. Os retalhos de tecidos iam sendo cortados colorindo os crachás e o próprio chão, não havia conversas, apenas alguns risos contidos num misto de satisfação, empolgação e concentração perceptível no rosto de cada um.



**Figura 3: Oficina de Negociação**



**Figura 4: Produção dos Crachás**

Os alunos que se adiantaram em produzir os crachás foram recorrendo às folhas do diário para expressar alguns sentimentos, conforme podemos perceber:

*Tenho que aprender a relaxar, sou muito estressada e impaciente. Pretendo com esse projeto ajudar a Cris e me ajudar também a relaxar. Minha relação com minha família é ótima, não sei como vou viver longe da minha irmã e dos meus amigos, pois amo muito eles e considero como minha família. Adoro estudar e pretendo ser alguém muito importante na sociedade brasileira. Gosto muito de sair e me divertir. (JUKINHA).*





*Tanto o relaxamento como o desenho foi uma sensação maravilhosa, me senti leve, senti a paz e o amor dentro de mim, a final, a vida é pra ser feita com alegria. (MARGARIDA).*

*Nessa tarde refleti pouco, pensei apenas no meu corpo e nos movimentos do relaxamento. No pequeno projeto de construção do corpo, fui apenas criando de modo aleatório, sem algum efeito especial e no fim busquei um nome que me marcou pelo gosto e a forma como o desenho foi concluído. (CHRIS ROCK BLUE).*




*Adorei o relaxamento, me diverti bastante. Senti amor, paz. (PEACE).*

Confeccionados os crachás, pedi que os jovens dissessem quem eram eles por eles mesmos e dessa forma demos início às apresentações. Organizados em círculo, orientei-os que, voluntariamente, fossem se apresentando. Os menos tímidos deram início e dessa forma todos se apresentaram falando um pouco da relação que havia entre eles e o crachá que tinham criado.

Eu sabia o nome e um pouco da vida de cada um, mas o que me fez não interferir muito nesse processo foi o desejo de que eles ficassem à vontade para falar o que sentiam, eu queria que os nossos laços de confiança, feitos ao longo de nossa convivência na relação professor e aluno, passassem a ganhar novos significados. Talvez eu também tenha agido dessa forma para que meu corpo de professora ainda cheio de pontos enrijecidos, pudesse abrir espaço para um corpo de pesquisadora capaz de uma escuta sensível. Segue abaixo os crachás com as respectivas apresentações dos alunos

IMAGENS DOS CRACHÁS	TRANSCRIÇÕES DA OFICINA DE APRESENTAÇÃO
	<p>Essa bonequinha eu coloquei o nome de <b>Quadrilha</b> por causa que tem a roupinha que parece para dançar quadrilha, porque eu gosto de quadrilha, acho que os jovens também gostam e também porque nós estamos em época de quadrilha, por isso. Não sei qual a relação da bonequinha comigo, acho que é porque eu gosto de quadrilha e tem uma relação comigo.</p>
	<p>Bom, eu fiz esse corpinho e coloquei o nome de <b>Margarida</b>, fiz bem delicada assim como uma flor, coloquei margarida porque é uma flor, e eu acho assim, que os jovens por mais rebeldia que exista, por mais problemas que existam, todo mundo tem um lado sentimental dentro de si como uma flor sensível, por isso que eu fiz a margarida e é porque eu nem gosto tanto de rosa, mas eu fiz aqui toda sensível e é um jovem, também são sensíveis, não são só rebeldes.</p>
	<p>Eu fiz a bonequinha, o nome dela é <b>Felicidade</b> porque eu acho que todo jovem é feliz apesar de certas dificuldades, tem que ser feliz. A relação da bonequinha comigo é porque eu sou feliz! Não tem tempo ruim comigo não, é só felicidade e mais nada!</p>
	<p><b>Elena</b> porque eu tenho ouvido muito ultimamente esse nome e é um nome que eu gosto. E eu fiz a bonequinha assim mais "street" assim, porque os jovens são muito assim, casuais e tal. Fazer a bonequinha foi legal, liberou assim: a imaginação.</p>

	<p>Eu construí essa bonequinha, <b>Jukinha</b>, e então foi muito bom porque eu gosto muito de criar, porque na minha infância, a minha vida toda, eu passei fazendo roupinhas pra minhas bonecas e eu sinto muito falta dos meus pais porque moram muito longe e eu vejo minha mãe às vezes só de 15 em 15 dias [choro] e eu fiz essa roupinha porque eu gosto muito de sair com meus pais, meus amigos, minha família, então é muito bom, foi por isso [choro].</p>
	<p>No começo eu não sabia nem o que fazer, nem por onde começar, aí eu fui cortando e cortando. Aí eu coloquei esse nome <b>Chris Rock Blue</b> porque eu gosto do Chris Rock, aí blue é porque ele saiu todo azulzinho, o que ele tem a ver comigo é que eu gosto de Rock, só.</p>
	<p>Ah! Eu fiz essa bonequinha aqui, porque eu gosto dessas coisinhas fofinhas assim, delicadas, acho que tem a ver comigo. Eu acho que todo jovem tem esse lado delicado, esse lado que precisa de carinho, de certa forma, que apesar de serem rebeldes, eles tem um lado sensível, sei lá, um lado que precisa de amor e carinho. O nome <b>Diversão</b>, porque acho que tem a ver com todo jovem, que gosta de se divertir, gosta de festa, gosta desse tipo de coisa!</p>
	<p>Eu no começo também não sabia muito bem o que fazer, mas eu fui colando, colando e eu fui dando ideias e tal. E o nome da minha é paz em inglês, <b>Peace</b>, e aqui tem o símbolo da Aids que me lembra muito a Cristianne dando aula pra gente e eu acho que todo jovem devia aceitar as diferenças uns dos outros e eu não coloquei o rosto na minha porque eu acho que deve preservar também na Enfermagem a pessoa, não mostrando quem ela é e tal e tem muito amor, muita paz, muita liberdade representada pela borboleta. Eu acho que todo jovem precisa de paz também.</p>

	<p>Como a Juquinha disse, lembrando minha infância que eu gostava muito de desenhar e estudar e eu gostei de fazer a bonequinha e eu coloquei o diminutivo do meu nome, que é Açucena, <b>Açuceninha</b>, pensando em mim e na infância que eu tive.</p>
	<p>A minha, eu coloquei o nome dela de <b>Trapinho</b>. Assim, é mais porque eu estava sem imaginação, né! Então ela saiu assim meio que bagunçadinha e é mais pra representar o lado brincalhão do jovem de fazer piada com as coisas, com os momentos que acontecem em nossas vidas, do lado brincalhão mesmo que cada jovem tem.</p>
	<p>Eu fiz a minha, <b>Laura</b>, muito alegre porque eu gosto de alegria, de sair, acho que todo jovem, apesar de todos os problemas que existem, tem que sair, se divertir, ser alegre, apesar de todos os problemas.</p>

Desse modo, os copesquisadores se identificaram como jovens que são sensíveis, não são rebeldes e por mais rebeldia que exista, por mais problemas que existam, têm um lado sentimental dentro de si, precisam de carinho, são felizes. Dito por eles, também são jovens que sentem a falta dos pais porque moram longe, gostam de quadrilha, de rock, de coisinhas delicadas, de se divertir, de sair com os pais, os amigos, a família. Têm um jeito de ser “street”, porque são mais casuais, têm um lado brincalhão de fazer piadas com as coisas, com os momentos que acontecem na vida deles e pensam que todo jovem devia aceitar as diferenças uns dos outros e ter amor, liberdade e paz.

Após as apresentações, o grupo avaliou a oficina como ótima, muito boa, divertida e encerramos com uma ciranda que possibilitou que os alunos se aproximassem e se tocassem.



**Figura 5: Ciranda**



**Figura 6: Encerramento da Oficina de Negociação**

Dessa forma, o grupo pesquisador configurou-se mostrando uma prévia do que é ser jovem para eles, encerrando esta primeira etapa da pesquisa, passando então para a produção e análise dos dados no próximo capítulo.



### 3 OS BICHOS JOVENS: PROBLEMAS E CONFETOS SOBRE O SER JOVEM



*A parte que eu mais gostei, desde o primeiro dia, foi expressar o que eu sinto num desenho, numa arte, em alguma coisa assim, porque também só dizer? As pessoas podem dizer, só que se expressando, a gente também mostra o que tá sentindo, entendeu? Principalmente no desenho.*

**(Copesquisadora Margarida)**

### 3.1 Segunda Oficina: Produção dos Dados

Após a oficina de negociação, preparei o planejamento das oficinas de produção dos dados. Neste, após estudar previamente várias técnicas, optei por utilizar duas: Bichos Jovens e Corpo Coletivo Jovem. Escolhi essas técnicas acreditando que elas iriam de encontro aos meus objetivos, também levei em consideração os materiais utilizados em cada técnica, verificando a acessibilidade dos mesmos. Além disso, escolhi a Técnica do Corpo Coletivo Jovem porque já havia experimentado a mesma como copesquisadora durante as aulas da minha orientadora. Por fim, acreditei que estas técnicas seriam potencializadoras de resultados que me surpreenderiam.

Dessa forma, no dia marcado cheguei ao CTBJ às 7h, pedi ao vigilante da escola que abrisse a sala, reli o planejamento da oficina, conferi os materiais que seriam utilizados na mesma e organizei a sala. Nesse dia, também contei com a ajuda dos facilitadores Káthia e Gustavo que chegaram ao local pouco tempo depois de mim.

Conforme meu planejamento, a oficina deveria ter início às 8h. Às 7h30min, sai da sala e no meio de outros alunos que teriam aula de reposição nesse dia, vindo em minha direção, avistei os copesquisadores. Eles estavam em bando, alguns rindo, outros conversando, e houve aqueles que ainda chegaram se espreguiçando, fiquei muito feliz ao vê-los e os convidei para irem à cantina para um café-da-manhã, o qual foi muito conveniente porque de acordo com alguns deles, era muito cedo para um sábado e não havia dado tempo de se alimentar em casa.

Antes que os alunos deixassem a cantina, eu fui para a sala de aula que estava organizada, para minha surpresa a porta não abriu, chamei o vigilante, o qual afirmou que a mesma não havia sido trancada, mas que estava travada. A partir daí, iniciou-se uma situação que seria angustiante, mas também cômica.

Chamei o outro vigilante e os dois não conseguiram abrir a porta, chamei o motorista do ônibus e após a tentativa frustrada dos três, não hesitei em ligar para o vice-diretor da escola, pois a diretora estava viajando, ao contar-lhe o acontecido, ele não resistiu em dar algumas risadas, mas falou ao telefone com um dos vigilantes dando autorização para que a porta fosse arrombada. Ainda sem acreditar, eu colocava a mão na maçaneta da porta tentando abri-la e pelo pequeno vidro da mesma, eu olhava todos os materiais que eu iria utilizar na oficina e, além disso, no canto, coisas pessoais como minha bolsa, a chave do carro, etc. A essa altura, eu já havia contado o que estava acontecendo aos facilitadores e pedido para que ficassem mais tempo na cantina com os alunos. Em pé, próximo aos vigilantes, eu

acompanhei os mesmos dando marteladas e pancadas na porta com os pés, mas a porta de ferro era mesmo resistente. Esse momento se estendeu por mais de uma hora, até que o vice-diretor da escola chegou ao local e começou a ajudar os outros três na difícil tarefa. Decidi me afastar um pouco do local, fui para outra sala com a facilitadora Káthia e demos muitas risadas, a final, sabíamos que imprevistos eram possíveis, mas não havíamos pensado em nada parecido com o que estava acontecendo. Ao olhar o horário, me ocorreu a ideia de fazer a oficina que seria à tarde pela manhã e vice-versa, dessa forma, eu também reorganizei o horário, pois estava certa de que a porta seria aberta. Enfim, às 9h25min, a difícil tarefa de abrir a porta foi cumprida e eu estava mais que preparada para o início das oficinas.

Às 9h30min, com muita calma e alegria, recepcionei calorosamente 10 alunos, eu já havia sido comunicada previamente sobre a ausência de uma copesquisadora por motivo de doença. Dei início à oficina convidando os mesmos para a brincadeira troca de lugares que requer percepção, agilidade e é desenvolvida da seguinte forma: em círculo, cada participante marca seu território com um pedacinho de fita gomada, sendo que um dos participantes fica no meio. Os que estão na roda irão combinar a troca de lugar apenas com o olhar, sem que a pessoa que está no meio perceba. Esta brincadeira causou alegria e bem estar, os alunos riam alto cada vez que movimentavam seus corpos na troca de lugares e como eu estava participando, pude apreciar junto a eles as sensações desse momento de descontração.

Em seguida, colocamos os colchonetes no chão e sentamos em círculo, comecei a ler o diário de itinerância escrito por eles na oficina de apresentação e naturalmente eles foram se acalmando e se interessando pela minha voz. Em silêncio, atentos, a cada página virada eu percebia entre os alunos olhares que conversavam, pareciam estar admirados consigo mesmos.

Posteriormente, pedi para que os alunos deitassem sobre os colchonetes de maneira confortável e fechassem os olhos, dando início ao relaxamento para incorporação do bicho jovem. Abaixo, segue o roteiro do relaxamento:

Nesse momento, feche os olhos e respire profundamente, respire, respire... Procure se concentrar. Respire. Sinta seus pés, seus dedos... Suas pernas... Sua barriga, toque na sua barriga. Imagine seu rosto, seus olhos, seu nariz, toque no seu rosto... Agora, imagine-se num lugar e você está sozinho. Você está caminhando com os pés descalços pelo chão. Sinta este contato com a terra... O vento nos cabelos... Nesse momento, você vê próximo de você uma grande bolha transparente e se aproxima dela. Essa bolha te suga e agora você está dentro da bolha e se sente protegido por ela. (silêncio). A bolha começa a se movimentar. De repente, você sente como se estivesse saindo de você. Você começa a se transformar. Você se incorpora num bicho. Você agora é um BICHO JOVEM. Como você se sente sendo esse bicho? De repente, a bolha transparente começa a se movimentar, a sair do lugar. Você agora fará uma viagem imaginária. No trajeto, o BICHO JOVEM vai enfrentar obstáculos. Há muitas cores e sons por onde você passa. E você presta muita atenção a tudo a sua volta. Viajando, de repente, a bolha fura, começa a secar e você cai dentro do buraco do JOVEM. Ele encontra dificuldades dentro do buraco. QUE DIFICULDADE O BICHO

JOVEM ENFRENTA dentro do buraco? Qual a atitude do BICHO JOVEM nesse buraco? O que ele faz no buraco? De repente, um aliado se aproxima para ajudar você a sair do buraco. Como é esse aliado? Respirando profundamente, O BICHO se potencializa e sai do buraco com a ajuda do seu aliado. Com seu aliado, você agora pode continuar a viagem, este BICHO JOVEM chega ao topo de uma montanha. Com ajuda de que ele subiu ao topo da montanha? Quais as reações dele? Como O BICHO se sente subindo a montanha? O que o bicho encontra no topo da montanha? O que ele vê? O que ele faz? O QUE ELE PENSA SOBRE O JOVEM? Enfim, O BICHO JOVEM começa a retornar da viagem, mexendo os pés, mexendo as mãos e abrindo os olhos. Pergunto: O que é o BICHO JOVEM?

No meio do relaxamento, percebendo a entrega e concentração de todos os alunos, cautelosamente os facilitadores colocaram próximo a cada copesquisador, sem que estes percebessem, os materiais para que pintassem uma aquarela sobre a viagem e massa de modelar para que fizessem o bicho jovem no qual haviam se transformado, produzindo então os primeiros dados.





**Figura 7: Relaxamento**




**Figura 8: Produção dos dados**

Enquanto alguns ainda terminavam de produzir suas aquarelas, outros alunos foram se antecipando e durante a espera, pediam folhas para escreverem no diário de itinerância. Posteriormente, pedi para que voluntariamente eles falassem sobre a viagem e a transformação em bicho jovem. A seguir, as imagens das produções plásticas produzidas pelos copesquisadores e a transcrição dos relatos orais.


COPESQUISADOR	IMAGEM
<p><b>QUADRILHA</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	
<p>Minha viagem foi boa, gostei, eu relaxei muito, parecia que eu estava num paraíso, um monte de pássaros, cheio de água... Meu Deus, mas foi bom! Gostei! Fui no outro mundo e voltei pra cá. E, falar sobre meu desenho, eu fiz uma borboleta jovem porque na minha viagem eu vi um monte de pássaros, um monte de borboletas, um monte de animais voando. E a borboleta, ela é igual jovem, livre para voar, achei muito bom e desenhei. A transformação em borboleta jovem foi boa, desenhei a borboleta, livre pra voar, achei bom. A viagem foi boa. Nossa, Relaxei! A borboleta jovem se sentiu ruim quando caiu no buraco. Achou ruim, porque quebrou as asinhas... Mas foi bom, a borboleta jovem conseguiu, ela saiu vitoriosa. Professora, eu não sei como foi que a asinha da borboleta jovem quebrou lá, não sei como foi que ela consertou não! Eu sei que a bichinha subiu. Os aliados foram as outras borboletas amiguinhas da borboleta jovem que chegaram lá e buscaram ela. Foram as outras amiguinhas dela, bonitinhas lá, que pegaram ela e subiram. A borboleta jovem tem um bocado de dificuldade, não sei explicar não, só sei que tudo se resolve, apesar dessas dificuldades tudo se resolve... E sei lá, vai voar pra ser feliz! Tudo vai se resolver diante dessas dificuldades. (QUADRILHA).</p>	


COPESQUISADOR	IMAGEM
MARGARIDA	
<b>RELATO ORAL</b>	
<p>Essa viagem que eu fiz foi muito boa, porque no começo eu fiquei com medo dela... deixa eu mostrar aqui meu desenho pra vocês, está confuso, né? Pois é, na viagem estava muito confuso mesmo, no começo eu via assim umas coisas escuras, aí aparecia a claridade, aí escurecia de novo, estava muito perturbado. No começo, eu pensei que fosse ser um paraíso, mas não é assim, quando a gente é jovem tem as confusões e tem as coisas boas, né?! Aí eu fiz aqui o que eu estava vendo lá, às vezes aparecia claridade no desenho, uma cor, às vezes não aparecia... a escuridão, os pássaros. O buraco negro, quando eu cai no buraco negro, eu fiquei com muito medo, né?! Porque toda vez que você cai num lugar, cai em alguma coisa que acontece na sua vida, você fica com muito medo, mas pode observar uma coisa, no meu desenho eu botei um buraco negro, mas lá no final, no centro, tem a claridade, ou seja, por mais que tenha a ruindade e a maldade, sempre vai ter algo que vai te fazer feliz, vai lhe ajudar a sair daquelas dificuldades. Então, eu cai num buraco só que lá no fundo tinha uma claridade que me ajudou a me levantar de novo e sair viva. Eu fiz a borboleta, por quê? Porque... eu botei o nome liberdade, pra mim não é só o jovem... Tudo bem, o jovem tem a liberdade, tem que ser livre, mas todo mundo tem que ser livre! No caso do jovem a liberdade é bom, porque viver sob pressão, sob mandados, pra quem está começando a vida não é fácil não! Então, por isso que eu fiz a borboleta representando a liberdade e é isso. A borboleta jovem tem dificuldade, o jovem é assim. A borboleta, ela é forte, só que ao mesmo tempo é frágil, por mais, por exemplo, que um jovem é mais forte que um adulto, que o mais velho... É forte sim! Só que por mais forte que seja, sempre tem uma coisa frágil lá dentro de si que pode derrubar, ou seja, vou dar um exemplo aqui, não sei se tem nada a ver, mas por exemplo: em caso de saúde, um jovem tem mais força pra superar alguma coisa, mas no caso da psicologia, às vezes um jovem é mais fraco que um adulto dentro de si, entendeu? Ele se sente mais fraco porque ele não tem força total pra vida, ele não viveu a vida ainda pra saber como é que é. (MARGARIDA).</p>	


COPESQUISADOR	IMAGEM
<p><b>JUKINHA</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	
<p>Eu imaginei como se fosse assim um paraíso, cheio de flores. Era um lugar que tinha muitas rosas, muitas rosas vermelhas, tinha uma cachoeira, eu imaginei também a borboleta porque ela tem mais liberdade, eu também imaginei as fases dela, o fato dela se transformar de lagarta em borboleta, então eu pensei em uma criança se transformando em um jovem. Esse buraco negro é porque ele tem muitas dificuldades... a pressão! Tem as dificuldades porque ele não está preparado para aquilo, então ele tem que aprender a viver, então nisso também tem que ter humildade, então a borboleta, eu imaginei que ela foi levantada por um pássaro, não sei por que! Só sei que ela saiu do buraco assim, ela tava com alguma coisa quebrada e acho que foi com a asa, alguma coisa, e um pássaro veio e ajudou ela a levantar. Então, as companhias, eu pensei também nas pessoas, a família, os amigos. (JUKINHA).</p>	


COPESQUISADOR	IMAGEM
<p><b>FELICIDADE</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	
<p>Também desenhei tipo um paraíso, porque eu dormia, dormia, dormia e dormia (risos), aí acordava, caminhava um pouquinho, aí depois dormia de novo (risos), aí eu acordava, aí eu pegava, tipo como se... é tipo como um jardim do Éder, aí eu pegava maçã (risos), comia, aí dormia de novo. Nessa viagem, eu só dormia! (risos). Aí eu também fiz uma borboleta, porque eu me imaginei uma borboleta, aí na hora que a professora disse que estava subindo na montanha, não sei o que... primeiro eu me imaginei um gato... aí foi, quando a professora falou que estava subindo na montanha, não sei o que... aí eu vi dificuldade pra um gato subir na montanha, aí eu me imaginei e troquei de animal, virei uma borboleta, aí a borboleta a professora disse que tava lá no topo e tudo mais... aí depois a borboleta caiu no buraco, aí nessa viagem todinha, quem tirava a borboleta era meu avô, não sei por que! Mas era a mão do meu vô que tirava e jogava pra cima e eu voava de novo (risos)! Aí eu coloquei o nome de alegria na borboleta. (FELICIDADE).</p>	





COPESQUISADOR	IMAGEM
<p><b>ELENA</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	
<p>Meu bicho é um cachorrinho poodle, porque eu amo cachorro e eu sempre quis ter um, só que todo cachorro que eu crio morre, eu tenho esse problema muito sério! A última foi a Poli que morreu. Ela tava numa ilha sozinha, e nessa bolha, ela viu a possibilidade de conhecer o mundo através dessa bolha. No começo ela se sentiu segura, só que quando ela tava lá no céu, no meio das gaivotas, ela viu que era frágil e que essas gaivotas queriam derrubar ela, aí ela ficou com medo de cair no mar, aí ela ficou com medo, aí foi indo, mesmo com as dificuldades, mesmo com medo, aí quando ia chegando na montanha, tinha um buraco e ela caiu dentro desse buraco, nesse buraco, ela sentiu mais medo ainda, porque era uma coisa nova pra ela, ela nunca tinha estado em um lugar igual aquele. Aí, lá, ela achou outro animalzinho igual a ela, aí ela viu aquele animalzinho como um amigo pra ela e foi ele que ajudou ela a sair, não sei como, porque dois cachorros dentro do mesmo buraco... (risos) aí os dois foram subindo na montanha, enfrentando as dificuldades e chegaram no topo, aí respiraram o ar límpido. (ELENA).</p>	

COPESQUISADOR	IMAGEM
<p><b>PEACE</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	
<p>Bom, meu desenho, eu não fiz um paraíso, eu fiz a hora que ela subiu na montanha, eu não imaginei como um dia de sol ou qualquer coisa do tipo. Eu imaginei como uma montanha de gelo, ela tava passando muito vento e ela subiu porque ela era um tigrinho, o nome dela é guerreira porque ela é muito forte, eu imagino que eu também sou muito forte, porque já aconteceu muita coisa na minha vida e eu continuo feliz. Bom, eu acho que quando ela se encontrou naquele buraco, ela se sentiu muito sozinha, muito fraca e o amigo que ajudou ela, eu imaginei um pássaro. No começo quando ela estava na bolha, que era eu mesma como pessoa, depois eu me transformei num pássaro, acho que é katitu, né professora? Um pássaro que tem o negócio assim... um pássaro que tem um negócio na cabeça... (risos do grupo). Bom, quando eu imaginei ela subindo, também eu imaginei que ela se transformava numa tigresa, e ela começava a ficar mais forte e cada vez ela ia superando os desafios e tal... e quem ajudou ela pra mim, foi outro pássaro, bem misterioso. Pra mim, as dificuldades da tigresa jovem são problemas mais emocionais do que qualquer outro tipo, porque pra mim, por dentro é mais importante do que por fora, tipo doença ou qualquer outro tipo de coisa, o emocional da pessoa é mais importante, se você tiver um emocional forte não tem nada que te derrube mais então, foi mais desafios de decepções. (PEACE).</p>	

COPESQUISADOR	IMAGEM
<p style="text-align: center;"><b>LAURA</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	
<p>Eu imaginei uma ilha. No começo, eu vi tudo preto, tudo escuro, eu entendi que era ódio, alguma coisa assim, mas depois começou a colorir a minha imaginação, as coisas. Eu fiz uma ilha, só que vermelha pra simbolizar o amor, a paz, e esse preto aqui é pra simbolizar o ódio, porque eu acho assim, que por mais que todo jovem tenha algum problema, alguma coisa que ele aparente ter raiva no coração, alguma coisa, sempre existe amor dentre dele e sempre o amor é maior. Eu fiz uma tartaruga e eu botei o nome dela de paciência, porque apesar de tudo, a gente precisa ter paciência pra conseguir alguma coisa na vida. Quando ela caiu no buraco, ela ficou horas e horas esperando alguém pra poder pegar ela... (risos). Aí, eu imaginei uma mão, acho que era a mão de Deus pegando ela, ajudando ela a sair de dentro do buraco. (LAURA).</p>	

COPESQUISADOR	IMAGEM
<p><b>CHRIS ROCK BLUE</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	
<p>Bem, eu pensei mais como se tivesse numa praia deserta, de um lado tinha o mar calmo, aí tinha areia fina e só floresta e tudo fechado. Aí eu ficava no meio, sozinho, aí nisso veio a bolha e eu me transformei numa fênix, que é um pássaro lendário, que eu gosto muito dele, aí nisso quando ele caiu no buraco ele ficou... que era tipo o primeiro voo dele, a primeira dificuldade que ele passou foi cair nesse buraco e não tinha nada, ele ficou lá abatido e não conseguia voar mais, aí ficou lá preso por um bom tempo, aí veio uma pomba branca, aí essa pomba branca deu apoio psicológico pra ela, disse que ela conseguia, que ela ia ser forte, que ela ia conseguir, aí nisso saiu do buraco e os dois foram juntos voando, aí depois saiu. (CHRIS ROCK BLUE)</p>	

COPESQUISADOR	IMAGEM
AÇUCENINHA	
<b>RELATO ORAL</b>	
<p>Primeiro eu imaginei uma ilha, no início tinha só areia e mar e a floresta... E o pássaro ele só ficava dentro da bolha, não saía pra ir pro mar, porque ele tinha medo de ir pra o mar, e ele era sozinho na ilha como pássaro, ele não sabia que tinha outros animais, aí depois veio a bolha e quando veio a bolha ele se assustou, ele queria sair de alguma forma, e ele não conseguia sair de dentro da bolha, aí a bolha levou ele pra conhecer o mar e distante, distante ele viu a montanha e ele queria chegar nessa montanha, aí, chegando nessa montanha, ele tava com medo, queria voltar, aí ele não conseguia voltar, aí até que ele chegou na montanha. Quando ele chegou lá, aí ele encontrou outros pássaros que ele não sabia que tinha outros pássaros. Quando a professora falou do buraco, ele sentiu como se ele quisesse sair da bolha e não conseguia sair, ele tava se sentindo preso e queria voltar pra casa e não voltava, a bolha não deixava ele voltar e a bolha arrastava ele pra montanha, tipo assim, quando ele chegou na montanha que viu os outros pássaros, ele ficou mais alegre, tipo ele tinha conseguido passar por aquilo e enfrentar o mar, porque ele tinha medo de enfrentar o mar. (AÇUCENINHA).</p>	

COPESQUISADOR	IMAGEM
<p><b>TRAPINHO</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	
<p>Antes de me transformar em um pássaro, eu me imaginei como numa praia deserta, aí assim que a bolha chegou, eu me transformei num pássaro, aí essa bolha subiu e eu dentro da bolha, ela subiu e ela foi passando por vários lugares bonitos, tipo o paraíso, florestas, aí em seguida eu caí no buraco, né! Aí quando eu caí no buraco eu senti muito desespero (choro), aí nesse desespero vieram meus amigos e me tiraram desse buraco, não sei porque eu estou chorando (risos e choro). Aí, em seguida eu fui subir a montanha junto com eles e lá em cima a gente ficou, né! Observando tudo... (muito emocionada) tudo lá de cima. Acho que a dificuldade é mesmo do dia-a-dia, talvez se comparado com as dificuldades que a gente tem, outras dificuldades de outras pessoas... (choro) talvez seja pequena... (choro e risos). Eu acho que as dificuldades que a gente passa no nosso dia a dia comparada com a de outras pessoas, talvez seja muito pequena, mas... a gente vai conseguir. (TRAPINHO).</p>	

Dessa forma, os primeiros dados foram produzidos e para avaliação da oficina da manhã pedi que cada um dissesse uma palavra, o primeiro aluno que se manifestou perguntou se não poderia falar mais e assim, antes de dizer a palavra para avaliar a oficina, cada aluno contou um pouco sobre como havia sido os momentos que antederam a mesma, o que acharam das brincadeiras e da produção dos dados. As palavras citadas foram: alegria, felicidade, amizade, descontração, reencontro, desabafo, liberdade, divertido, diversão, tudo de bom. Os relatos da avaliação estão transcritos abaixo:

FELICIDADE: É só uma palavra? Não pode falar mais? Quadrilha me acordou com uma mensagem... (risos). Aí eu fui vê mãe ainda, aí acabei tomando banho às 7h15min, só 15 min, aí eu estava indo pra pegar o ônibus, e Nara mandou outra mensagem, dizendo que era pra Jatobá passar lá no DER. Aí eu acabei foi perdendo o ônibus, aí peguei esse mototáxi, aí em vez de ir pra ponta da rua, eu disse pra pegar no DER, aí desci pro DER. Cheguei lá o homem já tinha ido, aí e eu disse: moço anda rápido, não vou pagar 5 reais não, ainda bem que tinha uns alunos na ponta da rua, aí parou o ônibus e eu vim. Cheguei aqui, eu estava com fome, não deu tempo fazer comida lá em casa, com fome mesmo! Aí a professora disse pra nós irmos pra cantina, cheguei lá comi mais que todo mundo, como sempre. Aí deu vontade de voltar lá pra casa, aí... não! Vou ficar pra ajudar a professora. Aí vim pra cá, e está sendo muito bom, porque todo mundo aqui é conhecido, já se conhece há bastante tempo. Aí a pessoa se sente melhor em falar, em expressar o que a gente está sentindo e hoje de manhã eu gostei mais, porque no outro, a pessoa estava mais sem coragem, com vergonha, aí hoje de manhã, tá todo mundo com mais liberdade pra falar. Palavra: ALEGRIA, FELICIDADE.

MARGARIDA: Foi assim, quando a professora pediu pra assinar o nome lá no negócio pra participar do projeto, eu fiquei meio assim... Meu Deus do céu! Será que é pra fazer o que? Será que é valendo ponto? Já fiquei pensando em ponto logo... aí depois ela explicou lá... aí eu falei: não, eu sou pra frente mesmo, gosto de participar das coisas, botei meu nome lá. Aí quando ela me chamou pra ir eu fiquei animada, Andressa disse que o da Kathia tinha sido animado, imagine o da Cristianne (risos). Aí eu disse: então, eu vou participar mesmo, aí ela me chamou, aí eu estou aqui desde antes de ontem quando começou, foi bom, comi chocolate, comi 5... Então, chegou aqui, começou com a brincadeira, adorei, porque eu pra brincar... pode ter certeza que eu tô dentro! Começamos a brincar, a pintar... A parte que eu mais gostei, desde o primeiro dia, foi expressar o que eu sinto num desenho, numa arte, em alguma coisa assim, porque também só dizer? As pessoas podem dizer, só que se expressando, a gente também mostra o que tá sentindo, entendeu? Principalmente no desenho, e... Uma palavra pra esse projeto, pra essa diversão, é ALEGRIA, FELICIDADE, é isso!

LAURA: Bom, no primeiro dia eu fiquei com muita vergonha de tudo, mas hoje já melhorei muito. Eu estou gostando muito de participar, como a Margarida falou, expressar tudo que a gente sente, não só pelo desenho, mas falando também. Uma palavra, acho que AMIZADE, acho que amizade é importante em tudo na nossa vida.

CHRIS ROCK BLUE: bom, hoje eu comecei atordoado, acordei 10min para as 8h (risos). Falei: perdi! Não acredito! Aí, eu entrei no banheiro, fiz o mais rápido que eu pude... foi! Tomei banho lá, ligeiro, aí saí indignado, vou pagar 5 reais de mototáxi, (risos do grupo), aí eu vim, quando eu cheguei, aí depois eu comi também, tava com fome, não tinha dado tempo de fazer nada. Aí, quando eu vim pra cá, eu gostei da brincadeira, porque eu nunca tinha visto ela, aí eu achei muito divertida, descontraí muito, aí quando foi pro desenho, aí foi que eu gostei mais, porque eu pude liberar a imaginação pra tudo. É a palavra que eu dou pra aqui é: DESCONTRAÇÃO, porque eu estou descontraíndo a minha vida, eu estou tirando um pouco da rotina que é escola, escola, escola... e estou me divertindo mais com os amigos!

PEACE: Bom, a palavra que pra mim, resume isso aqui tudo é REENCONTRO, encontro com meus amigos que estão aqui, encontro comigo mesma também. Eu gostei muito, até hoje estou gostando bastante de todas as brincadeiras, dos desenhos... tudo! E hoje, eu também perdi o ônibus, liguei pra todo mundo lá em casa, pra ver se alguém vinha me deixar (risos). Saí sem comer, acordei tarde, mas enfim, cheguei!

TRAPINHO: Uma palavra, acho que é DESABAFO, LIBERDADE, porque aqui, a gente pode falar o que quiser, fazer o que quiser, é isso! Todo mundo se conhece, então tá livre pra falar o que quiser, o que pensar... e é isso!

ELENA: Ah não, esqueci o que eu ia falar! Mas vou falar do meu dia, que eu acordei cedo, 6h,

não sei pra quê! (risos do grupo). Eu estava cansada do estágio... professora, os estágios só caem pra mim agora, ave maria! Os outros todos sentados lá e eu não sentei um minuto nos estágios, estava cansada, estava com preguiça... professora, mas é melhor do que ficar lá em casa, porque lá em casa eu ia limpar a casa, aí vim pra cá. Aí foi um momento de DESCONTRAÇÃO, acho que essa é a palavra, LIBERDADE também, acho que numa palavra não conseguiria resumir não. São tantas coisas que a gente aprende aqui, que leva... No passado eu também gostei muito, fiz amizades no passado que eu não tinha, e eu espero ficar mais amiga ainda de vocês, o quanto eu era antes, mais ainda nesse agora.

JUKINHA: O que eu posso falar... É difícil encontrar uma palavra pra resumir em uma só, então o que eu posso falar é DIVERSÃO, é resumir o que todo mundo falou é DIVERTIR, é NOVAS AMIZADES, como a Laura e a Margarida, que eu não sou tão chegada... a Peace, eu estudei com ela no primeiro ano, mas não tão próximo, então a gente tá se aproximando cada vez mais e também é interessante porque em casa eu ia só fazer faxina na casa, então foi bom que sobrou pra Juçara, tomara que ela faça faxina na casa! (risos).

AÇUCENINHA: No ano passado, teve a oficina da professora Maria Augusta e da Cristianne, só que eu não vim, aí eu me arrependi muito porque eu ouvi falar dos meninos: Açuceninha tu perdeu, é bom, é bom... aí quando as meninas falaram agora desse, a professora Cristianne me chamou e eu decidi vir, porque de tanto as meninas me falarem que era bom no ano passado, eu vim esse ano e eu estou aqui, estou gostando muito, é divertido. Você esquece os problemas, sai da rotina, como o Chris Rock Blue falou, que é só escola, escola, estudar, estudar... Você descontra um pouco. E a palavra é DIVERTIDO, é bom.

QUADRILHA: Bom, no começo, eu também não queria vir não! Por causa do sábado, moço já tem a semana todinha estagiando, não tinha nem um tempo, aí no sábado todo. Eu queria ir pra Santa Luz (risos). Aí depois as meninas me falaram que ia ter estágio de manhã, aí eu disse: não, não dá pra mim não! Vou participar do projeto da Cristianne. Aí no primeiro dia gostei e hoje também, com aquela brincadeira do olhar é bom, eu nunca tinha brincado, foi divertido e todos que tiver ainda, nós estamos aí dentro, é bom! (risos do grupo). E a palavra é DIVERSÃO, ALEGRIA, sei lá, tudo de bom! Toda palavra aí boa foi esse projeto da professora.

Como eu havia planejado que o almoço acontecesse na cantina da escola e ainda havia tempo até que estivesse pronto, atendendo ao pedido dos copesquisadores, encerrei a oficina da manhã com uma nova brincadeira, a qual descontraíu ainda mais a todos. A mesma foi realizada da seguinte forma: uma pessoa no centro do círculo imitava alguém ou alguma coisa e qualquer outra pessoa do círculo se aproximava e perguntava: o que você está fazendo? A pessoa do centro dava uma resposta diferente do que estava verdadeiramente imitando e em seguida a pessoa que perguntou imitava o que ela havia respondido, e assim para o próximo que fizesse essa pergunta a resposta seria diferente, dando assim continuidade a brincadeira.





**Figura 9: Brincadeira**



**Figura 10: Brincadeira**

O momento do almoço ocorreu de forma tranquila, com muitas conversas sobre os acontecimentos do dia, muitas risadas e grandes elogios feitos à dona Nilva, uma pessoa querida na escola que gentilmente preparou o almoço. Foi muito bom ver o grupo consolidado, os alunos das duas turmas de Enfermagem unidos, pois normalmente percebe-se facilmente nos corredores que há uma certa disputa, talvez ciúmes entre as turmas. Posteriormente, os alunos se dirigiram para a sala das oficinas e deitaram-se lado a lado nos colchonetes para uma soneca.



**Figura 11: Almoço**



**Figura 12: Momento de Repouso**

A oficina de produção dos dados da Técnica Corpo Coletivo Jovem também ocorreu nesse dia, à tarde, mas para melhor estruturação da dissertação, optei por descrevê-la no próximo capítulo.

### **3.2 Análise dos dados feita pelos copesquisadores da Técnica Os Bichos Jovens**

Antes de descrever a oficina de análise dos dados pelos copesquisadores, julguei importante situar rapidamente o leitor sobre os acontecimentos que ocorreram após as oficinas

de produção dos dados, uma vez que estes afetaram a mim, aos copesquisadores e consequentemente à pesquisa. Uma greve de professores e funcionários federais que já havia sido deflagrada pouco antes da oficina de produção dos dados se fortaleceu e tornou-se um marco na história da educação pela sua durabilidade e consequências. Até então, com 30 anos de existência, nunca antes houve uma greve no CTBJ. Com as aulas no ensino médio interrompidas, impregnados de dúvidas quanto ao final da greve e temendo a proximidade do teste seletivo do ENEM, vários alunos pediram transferência da escola, dentre eles, três copesquisadoras.

Posteriormente, com o final da greve, os alunos passaram a ter aulas de reposição do ensino médio e do Curso Técnico em Enfermagem nos turnos da manhã e tarde, de segunda a sábado, com isso, tive dificuldade em agendar a oficina de análise dos dados, mas sempre que me comunicava com os copesquisadores, percebia muito interesse dos mesmos em continuar na pesquisa, o que me tranquilizava.

Finalmente, após negociar com duas professoras do Ensino Técnico em Enfermagem, na tarde do dia combinado consegui me reunir com oito copesquisadores para realização da oficina de análise dos dados por eles, duas das três alunas transferidas, Quadrilha e Felicidade não puderam comparecer. Quadrilha por estar trabalhando e Felicidade por estar cuidando do seu sobrinho, cuja mãe estava viajando.

Diante das dificuldades mencionadas, aproveitei a oportunidade para que as análises dos dados das duas oficinas fossem feitas no mesmo dia, sendo que para melhor entendimento do leitor, a análise da Técnica Os Bichos Jovens pelos copesquisadores foi descrita neste capítulo e a análise da Técnica Corpo Coletivo Jovem no capítulo seguinte.

Com antecedência, cheguei à escola e preparei a sala, era a mesma cuja porta, no dia da oficina de produção dos dados, havia sido arrombada, mas dessa vez, pude contar que não corria esse risco. Nesse caso, pensei: estaria eu livre dos imprevistos?

Enquanto tomava água na secretaria da escola, 30 min antes do horário combinado, duas alunas se aproximaram, me abraçaram e me surpreenderam ao dizer-me que o grupo já estava reunido na porta da sala a minha espera, queriam começar o momento que tanto havia sido esperado por mim e por eles.

Acompanhada da facilitadora Kathia, ao chegar à sala, os papéis foram invertidos, dessa vez, os alunos é que me fizeram uma calorosa recepção com abraços que denunciavam nossos bons afetos.

Para iniciar, sentados em círculo nos colchonetes, ressalti minha alegria em revê-los, o que gostaria que eles fizessem e a importância do momento. Vale destacar que na

Sociopoética a análise dos copesquisadores é soberana. Segundo Adad (2011) “os copesquisadores e seus saberes tornam-se, na Sociopoética, mais importantes do que o pesquisador oficial, aquele que leva a proposta da pesquisa, com seu saber acadêmico”.

Após me ouvir atentamente, os alunos deitaram nos colchonetes para o relaxamento, estavam calmos e rapidamente se concentraram ao som de uma música suave.

Ao final, peguei um painel montado com as fotos tiradas dos dados produzidos na Técnica Os Bichos Jovens, coloquei no chão e o grupo se posicionou ao redor do mesmo, parecendo-me estarem vislumbrados com as imagens. Então, dei-lhes algumas folhas e canetas para que analisassem.



**Figura 13: Análise das Imagens**



**Figura 14: Análise das Imagens**

Eis que então obtenho a resposta para a pergunta que anteriormente fizera a mim mesma: não, eu não estava livre dos imprevistos. Subitamente a energia elétrica faltou, sem ar condicionado, o tempo quente da cidade de Bom Jesus invadiu nossa sala. A claridade que anteriormente se apresentava deu lugar a uma luz fraca que entrava pela porta, a qual eu abri. A facilitadora Káthia discretamente comunicou-me que sairia alguns instantes por não estar aguentando o calor, o qual se apresentava quase insuportável aos nossos corpos.

*Sentada no chão, em um canto da sala, eu pensava em uma estratégia para que os alunos não se evadissem da sala devido ao calor e nada me ocorria. O tempo foi passando e surpreendeu-me o fato de nenhum dos alunos pedirem para sair da sala, naturalmente eles continuaram empenhados em analisar os dados como se não houvesse nenhum incômodo, para mim, pareciam corpos jovens potentes ao calor. (DIÁRIO DE CAMPO).*

Quando o grupo terminou a análise das imagens, entreguei ao mesmo o painel montado com os relatos orais da referida técnica e dei para cada aluno uma cópia impressa dos mesmos para que analisassem. Os alunos riam ao ler os relatos e conversavam discretamente entre si.



**Figura 15: Análise dos Relatos Orais**



**Figura 16: Análise dos Relatos Orais**

Como a bateria do notebook estava carregada, a música que havia introduzido o relaxamento continuava permeando o ambiente, então Peace indagou: professora, você não tem outra música? Respondi que sim e comecei a citar os cantores cujas músicas eu tinha, ela pediu que eu colocasse Jota Quest, e todos do grupo concordaram. Dessa forma, Chris Rock Blue e outros alunos começaram a movimentar a cabeça ao ritmo das músicas enquanto analisavam atentamente os relatos.

*Nesse instante fiquei a pensar: Analisar ao som de uma música agitada, como eles conseguem fazer isso? Eu não consigo. (DIÁRIO DE CAMPO).*

Após a análise, sentamos em círculo nos colchonetes e pedi para que o grupo dissesse como analisou e lesse o que havia produzido. O grupo afirmou ter analisado da seguinte forma, conforme o relato de uma das copesquisadoras:

*A gente analisou as imagens e o que tinha em comum, por exemplo, todos são paisagens naturais; representam liberdade, diversão e tranquilidade. Apesar das histórias terem retratado obstáculos, eles não foram desenhados nessa técnica, destacaram a parte bonita. Todos passam por obstáculos, mas não os deixam transparecer. (JUKINHA).*

Dessa forma, a partir da análise das imagens da Técnica Os Bichos Jovens, os copesquisadores produziram o seguinte poema:

### **Falta de Imaginação**

Todo jovem procura liberdade  
Vivendo sempre em busca de esperança e igualdade.

Na vida todos temos um problema  
Acompanhado de um dilema  
Que todos os dias tentamos enfrentá-los.

Como na imaginação, os bichos jovens  
Representam nossa inspiração  
O que buscamos para encontrar a solução.

E no final o sol retornará brilhando  
Sempre forte para nos iluminar.

Para análise dos relatos orais da referida técnica, os copesquisadores afirmaram ter utilizado os mesmos critérios da análise dos dados a partir das imagens, produzindo o poema abaixo:

### **O que é ser jovem?**

Parece-me que ser jovem é falar muito “aí”, é chorar e sorrir.  
É dormir e dormir, acordar, acordar,  
É ser livre e tentar voar.  
É ser forte e sair do buraco,  
Viver e sonhar acordado.

Me parece que o jovem sempre sofre pressão,  
Que sempre está precisando da ajuda de um irmão,  
Irmão não só de sangue, mas também de coração,  
Que sempre lhe ampara nos momentos de opressão.

E esse grito de “quero ser livre e viver em um paraíso”?  
Todos queremos gritá-lo e retratá-lo.  
É um sentimento comum,  
Nesse momento todos somos um.

A impossibilidade de hoje termos tempo para pensar e descansar,  
No corre e corre da vida,  
Procuramos um paraíso artificial.  
Na realidade,  
Não procuramos concretizá-lo,  
Vivemos um hoje em busca de tranquilidade.

Quando não conseguimos algo,  
Não podemos desistir de tentar,  
Pois aqueles que conseguiram um dia tentaram.

Como já dizia uma canção,  
“Quem acredita, sempre alcança”.

À medida que eu ouvia a leitura de cada um dos poemas pelos copesquisadores, meu corpo ia sendo afetado. Gradativamente as tensões, provocadas pelas noites anteriores mal dormidas e pelo suor que denunciava o calor, foram sendo substituídas pela leveza da análise dos copesquisadores.

Assim, a referida oficina continuou com a análise dos dados da Técnica Corpo Coletivo Jovem descrita no capítulo seguinte. É importante ressaltar que a avaliação foi feita no final da oficina, portanto, a mesma também será descrita no capítulo seguinte.

### 3.3 Análise dos Dados pela Facilitadora

#### 3.3.1 Análise Plástica das Imagens



Os dados produzidos pelos copesquisadores durante a Técnica os Bichos Jovens foram fotografados. Chegado o momento de analisar as imagens, coloquei-as lado a lado sobre uma mesa e olhando-as procurei sentir suas formas e cores como se eu as tivesse elaborado, fazendo então relações com o tema “o que é ser jovem”. Percorrendo os caminhos da minha imaginação produzi o seguinte poema para a contra-análise:

## BICHOS JOVENS

Muitas cores, tonalidades,  
 Movimento e transformação  
 Envolvem os bichos jovens.  
 Vermelho e verde no céu  
 Amarelo nas árvores  
 e nas montanhas  
 As cores em todos os lugares  
 Mostram  
 Jeitos diversificados  
 De bichos jovens.

O vento chega e balança  
 As árvores  
 E impulsiona o movimento dos bichos  
**Pássaros-borboletas jovens**  
 Viajam pelo céu.  
 Voam entre nuvens  
 Potencializados pelas transformações  
 Desejos de bichos jovens que voam sem parar.

Voando com a imaginação  
**Pássaros-borboletas jovens**  
**Tudo quer ter?**  
**Tudo quer ser?**  
**Pássaros-borboletas jovens** de asas coloridas  
 Com olhos grandes  
**Estão prontos para voar e tudo ver?**

Eis que tem um **pássaro-jovem**  
 Bem diferente  
 Desmanchando-se  
 Num fluxo fluido  
 Marcado por um corpo  
 Em transformação  
**Em que situações o pássaro-jovem**  
**Desmancha-se e torna-se outra pessoa?**

Por sua vez  
**O pássaro jovem língua de fogo**  
 É o jovem que solta faíscas.  
 Quem nele toca  
 A Brasa queima  
 Seu corpo brinca com fogo  
 Corre riscos.  
**Como lidar com pássaros jovens língua de fogo?**

Entretanto, há muitos **pássaros jovens**  
 Que andam em bando  
 Misturados  
 Não se sabe quem é quem.  
 Nada é pouco  
 Tudo é excesso  
 Falam alto, gesticulam muito,

Sorriem alto, abraçam-se  
**O que pode pássaros jovens em bando?**

Os jovens que tem um tempo próprio  
 Há aqueles **jovens tartaruga**  
 Que agem esperando o tempo  
 Sem ansiedade  
 Mas há aqueles que correm  
 Feito gato  
 O tempo nunca é suficiente  
 E nem eficiente

Para suas aventuras de **jovem tigresa**

**O que pensar?**

**É o jovem que faz a hora? Ou a hora já vem marcada?**

**Qual o tamanho da liberdade do jovem?**

### 3.3.2 Resultado da Contra-Análise da Análise Plástica

Para realizar a oficina de contra-análise utilizei-me de muita astúcia. Os estágios do Curso Técnico em Enfermagem já tinham iniciado e ocorriam da seguinte forma: cada professor levava um grupo da turma para um local no campo de estágio, que poderia ser o hospital, PSF, CAPS e outros. Esses grupos iam frequentando os campos de estágio alternadamente entre si, de modo que cada grupo ficava sem estágio ocasionalmente um turno, uma vez na semana. Diante desse fato, que já demonstra a rotina cansativa dos alunos do curso Técnico em Enfermagem, levei uma proposta às professoras para que permutassem os grupos de modo que coincidissem a mesma tarde livre para os copesquisadores selecionados das duas turmas. Com isso, minha intenção era não privar nenhum dos copesquisadores do desejo e direito de continuar na pesquisa.

Foi dessa maneira que consegui uma tarde disponível para realizar a oficina de contra-análise. Eu sabia que teria que aproveitar bem essa oportunidade, pois o final do período letivo já estava se aproximando e a maioria dos copesquisadores voltaria para suas respectivas cidades. Nessa etapa, existiu em mim muita ansiedade e medo de não conseguir concluir a pesquisa com o grupo por estes motivos.

Dessa forma, planejei a contra-análise das Técnicas Os Bichos Jovens e Corpo Coletivo Jovem para a mesma tarde. Era um planejamento ousado, pois se tratava de 4 textos, dois referentes a cada uma das técnicas. Eu entendia perfeitamente não só a importância desse momento, mas o quanto a minha escuta teria que ser sensível, eu não poderia e não queria de maneira nenhuma controlar o tempo que os copesquisadores iriam falar. Mas o que mais me preocupava não era o tempo, pois tínhamos 4 horas para a oficina, o que realmente me



angustiava e me tirava o sono era o medo de que os corpos dos alunos não aguentassem e ficassem como naqueles dias em que eu chegava na sala de aula no último horário e percebia o cansaço na face dos alunos após terem 5 aulas pela manhã e 5 à tarde no mesmo dia. Eu temia que dessa vez a oficina se tornasse enfadonha, fria, diferente das altas temperaturas que haviam ocorrido nas oficinas anteriores.

No dia acordado, cheguei ao CTBJ às 13h, ao entrar na sala de multimídia, que eu já havia pedido para limparem pela manhã, percebi que um dos ar condicionados estava com problema e fazia muito barulho, o que conseqüentemente poderia comprometer a qualidade do som nas filmagens. Imediatamente identifiquei outra sala, era aquela onde ocorriam as aulas do próprio curso Técnico em Enfermagem, pois a mesma fica desocupada em períodos de estágio do curso. A sala estava suja e a limpeza prevista para às 14h, quando então o funcionário responsável iria iniciar seu turno. Eu estava aflita, não quis esperar, não podia perder tempo, levei os colchonetes para a sala, afastei as carteiras e antes que eu terminasse o funcionário da escola antecipou a limpeza para me ajudar, enquanto ele varria, eu limpei todos os colchonetes e organizei a sala.

Às 14h, sete copesquisadoras e um copesquisador estavam presentes, Quadrilha e Margarida, alunas transferidas, faltaram por estarem respectivamente no trabalho e fazendo avaliação na nova escola. Ambas me mandaram mensagens carinhosas se justificando e lamentando pela ausência, também fiquei um pouco entristecida, mas entendi que como em um espetáculo, a Sociopoética não pode parar.

Sentados nos colchonetes, em círculo, seguindo nossos rituais, iniciei fazendo uma calorosa recepção e contando aos alunos que era chegado o momento da contra-análise.

*Sempre que sento junto aos copesquisadores nesse círculo, sinto ventos de calma que levam minhas ansiedades, me fazem esquecer as noites mal dormidas e deixam transparecer em mim uma leveza e sutileza que poucas vezes consigo perceber fora da pesquisa. (DIÁRIO DE CAMPO).*

Ao som de uma música de ninar, a meia luz, os copesquisadores ficaram deitados e com os olhos fechados para um relaxamento.

Ao retornarem e com a luz acesa, dei início à contra-análise com a leitura do poema Bichos Jovens, elaborado a partir da minha análise plástica das imagens da técnica Os Bichos Jovens. O mesmo foi mencionado anteriormente no item 3.3.1.



Figura 17: Relaxamento



Figura 18: Contra-Análise

À medida que eu ia lendo pausadamente o referido poema, o grupo foi parando nos trechos onde havia perguntas ou provocações. Assim, o grupo confirmou os confetos produzidos ao discutir o seguinte trecho do poema:

O vento chega e balança  
 As árvores  
 E impulsiona o movimento dos bichos  
 Pássaros-borboletas jovens  
 Viajam pelo céu.  
 Voam entre nuvens  
 Potencializados pelas transformações  
 Desejos de bichos jovens que voam sem parar.

Voando com a imaginação  
 Pássaros-borboletas jovens  
**Tudo quer ter?**  
**Tudo quer ser?**

Os copesquisadores acrescentaram a estas perguntas algumas ideias problematizando-as, vejamos:

*Isso aí é a dúvida, o que a gente quer ser e ter, eu sei que eu quero ter um futuro confortável, agora o que eu quero ser, ainda não sei. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Eu tenho a mesma dúvida do Chris Rock Blue (risos). (TRAPINHO).*

*Eu quero ter muito carimbo no meu passaporte. (PEACE).*

*Quero ser uma futura doutora, me especializar, fazer especialização em outro país, intercâmbio, e depois quando eu tiver minha especialização, aí sim eu vou casar, ter meus filhos, levar meus pais pra morarem comigo. (JUKINHA).*

*Tu quer morar a vida toda com teus pais? Eu quero trabalhar e manter eles, por exemplo: ele quer ir pra tal lugar, quer quanto? Nunca vamos conseguir retribuir tudo que fizeram pela gente, então pelo menos o conforto que eles*

*tanto sonham, por tudo que já fizeram pela gente, tanto desconforto que eles já passaram, eles tem que ter isso em troca. Investem na nossa educação, justamente pra gente ser alguma coisa na vida e acho que quando eu conseguir ser esse alguém, eu vou poder dar uma vida melhor pra eles. Ser alguém na vida é questão mesmo de ter o respeito de todo mundo, porque sua profissão deve ser respeitada e ter o dinheiro que você quer, mas também ter uma profissão que você gosta, que você ama, que você se dê por aquilo. (PEACE).*

*Ser alguém na vida é ser um profissional reconhecido na sociedade. (AÇUCENINHA).*

*Ser alguém na vida é ter prestígio. (JUKINHA).*

Dando continuidade ao poema, o grupo parou no trecho seguinte:

**Pássaros-borboletas jovens** de asas coloridas  
Com olhos grandes  
**Estão prontos para voar e tudo ver?**

Sobre isto, falaram:

*Eu acho que sim, os jovens estão mais que prontos para voar e tudo ver. (PEACE).*

*A gente não está pronto para voar, eu diria que estamos a caminho. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Digamos que estamos pegando o voo (risos). (AÇUCENINHA).*

*É porque a gente ainda está começando, depois a gente pega o voo (risos). (TRAPINHO).*

*A gente quer voar para o alto e avante! (risos). O alto são nossos objetivos que falamos. Até passar no vestibular, só se fala em vestibular (risos). (ELENA).*

Continuando a leitura do poema, os jovens pararam na estrofe abaixo:

Eis que tem um **pássaro-jovem**  
Bem diferente  
Desmanchando-se  
Num fluxo fluido  
Marcado por um corpo  
Em transformação  
**Em que situações o pássaro-jovem**  
**Desmancha-se e torna-se outra pessoa?**

Em relação a isto, o grupo acrescentou:

*Acho que é quando você casa. (JUKINHA).*

*Quando você vira adulto, quando você passa a ter mais responsabilidade. A partir do momento que você sai da casa dos seus pais pra morar fora, você vai ter que virar um adulto de qualquer forma, você vai ter que ter aquela responsabilidade de morar sozinho. (AÇUCENINHA).*

*Quando você vai para o estágio você também tem que ser um adulto, quando você veio de outra escola para o CTBJ, você se tornou um adulto, porque é mais responsabilidade. Nós somos jovens com responsabilidade de adulto. (PEACE).*

*À medida que vai acontecendo as coisas, você é obrigado a amadurecer cada vez mais. (TRAPINHO).*

Dando continuidade à contra-análise, o grupo parou na seguinte estrofe:

Por sua vez  
**O pássaro jovem língua de fogo**  
 É o jovem que solta faíscas.  
 Quem nele toca  
 A Brasa queima  
 Seu corpo brinca com fogo  
 Corre riscos.  
**Como lidar com pássaros jovens língua de fogo?**

O grupo entendeu o confeto **pássaros jovens língua de fogo** como sendo jovens rebeldes e sobre isto, problematizou da seguinte forma:

*Eu quero ser rebelde, mas não consigo (risos). (PEACE).*

*Depende mais da confiança dos pais, porque se o pai confia no filho, ele não vai ter necessidade de ser rebelde, eu acho. Agora se o pai prende o filho, se ele não deixa ele sair, com certeza o filho vai ser rebelde. Pra lidar com o filho rebelde, eu acho que os pais deveriam depositar mais confiança nos filhos porque a final, são filhos. (LAURA).*

*Mas também os filhos tem que fazer por onde os pais depositarem essa confiança nos filhos, porque tem uns que querem ter confiança, mas não fazem por onde ter confiança, aí como é que os pais vão confiar? (FELICIDADE).*

*Geralmente são esses filhos que não merecem a confiança dos pais é que são os rebeldes. Os jovens levam muito a fama de rebeldes por causa de poucos, não são todos que são. (CHRIS ROCK BLUE).*

*É porque jovem tem aquela fama de que ninguém entende jovem. O jovem está querendo uma coisa, amanhã está querendo outra, diz uma coisa, faz outra... é tudo o jovem que faz, tudo é o jovem que tem culpa. (FELICIDADE).*

*Ninguém leva jovem a sério, todo mundo acha que jovem é só uma fase que vai passar, como se a gente hoje não fosse nada, ou é criança ou é adulto, e entre isso e outro, ninguém compreende, eu acho. (PEACE).*

*Um exemplo onde a gente vê isso é nos postos de saúde, lá você não vê aquelas palestras voltadas ao jovem, ao adolescente, você vê mais à criança, ao hipertenso, ao idoso, à grávida, nada relacionado ao adolescente, são poucos. Eu acho que no postinho, eles deveriam pelo menos fazer palestra na escola. (JUKINHA).*

*Sempre quando vão falar com o jovem devem ir mais na escola porque raramente um jovem vai num postinho de saúde, a não ser que aquela jovem esteja grávida, vá tomar vacina ou alguma coisa assim, porque não vai de jeito nenhum, aí eles deviam ir na escola. (FELICIDADE).*

*Eu acho que a questão que o jovem tem mais dificuldade é na questão da sexualidade envolvendo como um todo. (JUKINHA).*

*Eu acho que (a sexualidade) deveria ser conversado era com o pai mesmo, porque eu acho que o início está aí, nem todo pai e nem toda mãe se abre, porque já vem lá de trás, por exemplo, eles dizem: ah! Porque meu pai e minha mãe não conversaram comigo, eu não sei como conversar com meus filhos, então vem dos pais. (PEACE).*

*Os jovens só falam dessas coisas, sobre sexualidade, quando estão na escola ou então quando conversam com as amigas, alguma coisa assim. (FELICIDADE).*

*Eu acho que aqui no Agrícola deveria ter um psicólogo pra você todo dia conversar do seu problema, por menor que seja, mas conversar com o psicólogo, se abrir porque tem aquelas pessoas, teve até um caso de uma menina, foi bem no comecinho (das aulas), uma menina do primeiro ano ali embolada ali atrás do banco, chorando e todo mundo passava e não estava nem aí pra ela, acho que foi até tu, Elena e Diversão que chegaram e acho que ela estava sentindo alguma coisa e todo mundo ficou zoando dela, eu achei aquilo errado, eu acho que algumas pessoas não têm com quem se abrir, se é um aluno do primeiro ano e ele chega, ele não vai ter aquela intimidade de conversar com a Elena, de conversar comigo, Açuceninha, ele quer outra pessoa, uma pessoa adulta pra conversar com ele que conheça mesmo. O jovem quer conversar com um adulto, ele só tem é vergonha. (JUKINHA).*

*É porque o jovem tem medo de falar o que está acontecendo e levar uma bronca, acho que é isso, o medo da reação do adulto. Ao invés de compreender ou tentar ajudar, vai logo com as broncas e tudo mais. O jovem vai ter é medo de conversar com um adulto, diz: não, não vou conversar com um adulto não, não dá certo porque vem briga, vou conversar com o jovem que entende mais, aí ensina as coisas erradas ou então as coisas certas, aí conversa com o jovem (risos). (FELICIDADE).*

*A gente queria conversar com um adulto principalmente dos problemas do dia a dia, chegar em casa e dizer: aconteceu isso na escola, acho que isso já dá uma aproximação maior pra você conversar sobre sexualidade, sobre drogas, sobre namoro, álcool, essas coisas. Eu acho que deveria ter essa aproximação, porque hoje em dia, os pais só pensam em trabalhar e dar um futuro para o filho, só que não pensa que tem que ter aquela intimidade com o filho primeiro pra fazer com que a pessoa seja melhor e não só tenha com o que sobreviver, o que comer, que carro andar, essa coisas. Deveria ter uma maior aproximação dos pais com os filhos. (PEACE).*

*Eu acho que a maioria dos pais deixa tudo pra escola, dizem: o que eu não ensino em casa, lá na escola eles vão falar sobre isso, aí pronto! A maioria pensa assim: não vou conversar isso com meu filho, porque na escola ele aprende, aí fica por isso, ele pensa: conversar pra que? (FELICIDADE).*

*Os pais dizem: não vou conversar porque já sabe mais que eu, às vezes a pessoa nem sabe. Eu converso com meus pais, mas não é como eu gostaria. (PEACE).*

Dando continuidade à leitura do poema, o grupo parou no seguinte trecho:

Entretanto, há muitos **pássaros jovens**  
 Que andam em bando  
 Misturados  
 Não se sabe quem é quem.  
 Nada é pouco  
 Tudo é excesso  
 Falam alto, gesticulam muito,  
 Sorriem alto, abraçam-se  
**O que pode pássaros jovens em bando?**

Sobre isto, acrescentou:

*Tem uns que dão ideia, diz: vamos lá pra casa assistir filme, outro tem ideia de bagunçar mesmo, bagunçar na aula, por exemplo, tem um grupinho de amigos, um bando que não gosta de certo professor, aí diz: quando for a aula de fulano, nós vamos largar o pau conversando, aí começa a bagunçar. Já tem uns que não, que são mais calmos, aí diz: vamos lá em casa assistir*

*filme, fazer esse tipo de programa. Pelo menos eu sou assim com meu bando. E jovem tem mais força quando está num bando, com certeza dá mais coragem, às vezes nem quer fazer aquilo, aí vem um e diz: vamos mulher, vai ser bom, não sei o que. Raramente o jovem está sozinho, só anda em bando mesmo (risos). (FELICIDADE).*

*Acho que todo jovem está à procura da identidade, até achar, a gente vai pegando um pouquinho de um, um pouco de outro, até achar o que você realmente gosta, o que você realmente é. E um bando nunca se junta pra ficar triste, um bando sempre se junta pra ficar mais alegre, pra esquecer tudo, pra zoar, ir à festa, você nunca vê um grupo ali chorando. (PEACE).*

*Se junta nem que seja pra falar besteira (risos). (FELICIDADE).*

*Nosso grupo planejou que quando terminar nosso curso superior vai ter um encontro em outro país, a gente não marcou o país ainda, mas a gente falou que a gente tem que manter contato pra se encontrar em outro país (risos). (AÇUCENINHA).*

*Saiu Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, Itália, França, Espanha, até a Argentina, Colombia (risos). (JUKINHA).*

*O grupo nunca se junta pra falar de problema. (AÇUCENINHA).*

*Problema é muito íntimo, falar no grupo não! (PEACE)*

*Falar de problema no grupo não, mas uma, duas pessoas sim. (LAURA).*

*Pra falar dos problemas junta uma, duas, só mais uma colega, mas em bando não. (AÇUCENINHA).*

*Até porque o jovem não presta atenção, se a pessoa está bem aqui triste caçando uma pessoa pra conversar, tipo diz: Chris Rock Blue vamos aqui que eu quero conversar contigo, aí os outros chamam: vamos ali, começa a conversar, nem dá atenção (risos). (FELICIDADE).*

*Acho que quando o jovem se junta pra falar essas coisas tristes, ele não vai lá, fica quieto, os outros é que vão lá e falam com ele, começa a conversar. (CHRIS ROCK BLUE).*

*O jovem fala assim: vamos ali, junte-se a nós (risos). (FELICIDADE).*

*Geralmente quando você vai falar de problema, você não vai falar em bando, você vai falar pra pessoa que você confia, seu melhor amigo, o jovem não confia no seu bando, eu acredito que em todos não, mas tem uns que ele confia mais. (AÇUCENINHA).*

*Até porque amigos de verdade são poucos, mas colegas são milhares, é orkut, face book, aqui na escola todo mundo é amigo, agora pra ser íntimo mesmo, amigo de verdade, acho que são muito poucos. (PEACE).*

*Acho que dá pra contar os amigos verdadeiros nos dedos da mão, de uma mão (risos). (ELENA).*

Continuando a leitura do poema, os jovens pararam na estrofe abaixo:

Os jovens que tem um tempo próprio  
 Há aqueles **jovens tartaruga**  
 Que agem esperando o tempo  
 Sem ansiedade  
 Mas há aqueles que correm  
 Feito gato  
 O tempo nunca é suficiente  
 E nem eficiente  
 Para suas aventuras de **jovem tigresa**  
**O que pensar?**  
**É o jovem que faz a hora? Ou a hora já vem marcada?**  
**Qual o tamanho da liberdade do jovem?**

Em relação a esta que foi a última estrofe do poema, os jovens acrescentaram:

*É o jovem que faz a hora. (JUKINHA).*

*Depende do compromisso (risos). (AÇUCENINHA).*

*Depende, na escola você tem que acordar 6h, fazer o café da manhã, se você atrasar 2 minutos você perde o ônibus (risos). (JUKINHA).*

*Se perder o ônibus tem que pegar moto táxi (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

*Agora quando o jovem marca um programa assim, é ele que marca a hora, depende do compromisso, no final de semana ele faz a hora. (AÇUCENINHA).*

*Acho que o jovem pode dividir seu tempo, mas escolher a hora de tudo, não! (PEACE)*

*Não sei o tamanho da liberdade do jovem, a liberdade depende dos pais de cada um, depende muito. (LAURA).*



*Ninguém é totalmente livre, porque o mundo é cheio de regras, ninguém tem toda liberdade de fazer o que quer, sempre tem alguma regra a seguir, mesmo que não queira. (CHRIS ROCK BLUE).*

Sempre vai ter horário pra tudo, independentemente do que for fazer, então eu acho que nunca vai ser livre (LAURA).

*Acho que sempre vai ter a lei e a ética, você não vai xingar no meio da igreja, você também não vai sair com um carro a 200Km/h numa rua, acho que tem isso. (PEACE).*

*Mas não é porque a pessoa é livre pra fazer aquilo que ela vai fazer, às vezes eu tenho a liberdade para fazer aquilo, mas eu não vou fazer porque eu sei que é errado, mas liberdade pra fazer aquilo eu tenho. (FELICIDADE).*

*Tem muitas pessoas que falam que querem morar sozinhas, porque não aguenta mais morar com os pais porque quer ser livre. Teve um colega meu que estava falando isso, eu falei: meu filho, é tão bom morar com seus pais, quando você vai morar sozinho, você além de ter hora pra acordar no final de semana, tem que ir no supermercado, tem que ir varrer casa, lavar louça, tem que ir lavar roupa. (JUKINHA).*

*Eu moro com meus pais, mas eu tenho que fazer tudo isso (risos). (FELICIDADE).*

*Mas quando você mora com seus pais, se acontecer alguma coisa, você sabe que seus pais vão fazer por você e no meu caso minha filha, não tem isso não, ou sou eu, ou sou eu. Esse negócio de fazer festa em casa, eu dizia que ia fazer festa em casa era todo dia... Hum! Mas depois eu falei: ei meu filho, vocês não sabem o tanto que dá trabalho depois limpar (risos). (JUKINHA).*

*A vida está boa, eu gosto da liberdade restrita (risos). (ELENA).*

*É porque todo mundo sempre reclama de tudo, nunca está bom pra ninguém, nem adianta, a pessoa pode ter a vida mais perfeita do mundo, mas pra ela não está. (FELICIDADE).*

*Por exemplo: a vida de Felicidade pra mim pode ser perfeita, mas pra ela, ela já quer alguma coisa, não é perfeita, falta alguma coisa. (CHRIS ROCK BLUE).*

Esta oficina de contra-análise prosseguiu com a leitura do texto obtido a partir da minha análise classificatória dos dados obtidos na técnica Os Bichos Jovens. O resultado da contra-análise desse texto será descrito no item 4 deste capítulo.

### **3.3.3 Análise Classificatória dos Dados Orais**

Após a análise dos dados pelos copesquisadores, debrucei-me sobre os dados para fazer minhas análises. Na pesquisa Sociopoética a análise dos facilitadores pode vir exposta

na parte textual do trabalho, para que o leitor possa acompanhar todo o procedimento da análise classificatória dos relatos orais, inclusive o cruzamento das ideias entre as categorias classificadas. No entanto, optei por colocar as análises classificatórias das técnicas Os Bichos Jovens e Corpo Coletivo Jovem na parte pós-textual da pesquisa, nos apêndices, por acreditar que dessa forma o texto fica mais direto e de melhor entendimento dos resultados aos quais cheguei.

Ainda assim, se o leitor quiser conferir o processo das análises, ele pode visualizar nos apêndices (APÊNDICES A e B). No corpo do trabalho, deixei descrito respectivamente no capítulo 3 e 4, os estudos transversais das ideias e a contra-análise das Técnicas Os Bichos Jovens e Corpo Coletivo Jovem porque me pareceram imprescindíveis para o entendimento do momento filosófico, ou melhor, como chegamos às linhas ou dimensões do pensamento do grupo sobre o tema gerador “o que é ser jovem”.

As categorias encontradas a partir da análise dos relatos orais produzidos na técnica Os Bichos Jovens foram:

- 1- Características da viagem
- 2- Motivos da escolha do bicho jovem
- 3- Conceitos de jovens
- 4- A transformação dos copesquisadores em bicho jovem
- 5- Dificuldades vividas pelo bicho jovem
- 6- Quanto pode o bicho jovem
- 7- Características do bicho jovem

#### **4. Estudos Transversais**

Na análise classificatória dos relatos orais da Técnica Os Bichos Jovens, selecionei frases sublinhando-as com cores diferentes, buscando as categorias-chave que atravessavam o pensamento do grupo, para no momento do cruzamento das ideias, procurar em cada categoria possíveis divergências, oposições e ambiguidades entre elas (APÊNDICE A). Enquanto que nos estudos transversais destaquei as relações entre as ideias mapeadas e cruzadas na análise classificatória de modo a seguir as linhas ou dimensões do pensamento do grupo sobre o tema gerador “o que é ser jovem”, produzindo para a contra-análise o conto abaixo:

#### **Conto para Contra-Análise**

## A PROFESSORA E OS ALUNOS JOVENS ENCANTADOS

Era uma vez uma professora que tinha dez alunos como grandes amigos. Eles eram alunos jovens diferentes de todos os demais: eram encantados, pois podiam fazer viagens por lugares incríveis e passar por transformações especiais.

O encanto dos alunos jovens era tão intenso, que sempre que eles contavam suas histórias, a professora conseguia através da sua imaginação e sonhos, se sentir como eles. Fascinada pelas aventuras desses alunos, em um belo dia de sol, a professora resolveu convidá-los para um encontro em que eles pudessem lhes contar sobre uma de suas viagens mágicas.

Os alunos aceitaram o convite e juntamente com a professora reuniram-se em uma sala de aula na escola. Um dos alunos disse: professora, decidimos que contaremos a você sobre um dia muito especial, o dia em que nós nos transformamos em bichos. Em bichos? Indagou a professora com bastante curiosidade, apoiando entusiasmadamente, em seguida, a ideia.

Um dos alunos iniciou a história: Cada um de nós estava em um lugar sozinho, caminhando com os pés descalços pelo chão, sentindo o contato com a terra, e o vento nos cabelos, quando inesperadamente uma grande bolha transparente se aproximou de cada um de nós e nos sugou para dentro dela. A bolha começou a se movimentar. Repentinamente, sentimos como se estivéssemos saindo de nós, começamos a nos transformar, nos incorporamos em bichos, nos tornamos bichos jovens. Nossa! Exclamou a professora impressionada com tamanha magia e poder de transformação dos alunos jovens e ela perguntou: em que bichos vocês se transformaram? Um aluno respondeu: em tartaruga jovem, cachorrinho poodle jovem, três se transformaram em borboletas jovens e uma em gato borboleta jovem, dois em pássaros jovens e um em pássaro fênix jovem, o último em pássaro katitu tigresa jovem.

A **borboleta jovem** é o jovem livre para voar, porque tem mais liberdade, disse um jovem. De modo diferente outro jovem disse: eu fiz a **borboleta jovem** porque eu botei o nome liberdade, não só para o jovem, mas todo mundo tem que ser livre, mas no caso da borboleta jovem a liberdade é bom porque **as dificuldades buraco negro** são aquelas em que o jovem vive sob pressão, sob mandados, e isto pra quem está começando a vida não é fácil. Diante dos relatos, a professora observou que as ideias sobre a **borboleta jovem** desconstróem a ideia de que o jovem é livre ou melhor não vive dificuldades. Isto mostra que um jovem, mesmo sendo borboleta, vive **dificuldades buraco negro**, que são aquelas que o pressionam, que é viver sob os mandados dos outros, tornando sua vida difícil. Então a professora perguntou: **Que pessoas ou situações podem exercer pressão a um jovem, a ponto de impedir a liberdade? Quanto pode um bicho jovem diante de dificuldades buraco negro?**

Os alunos jovens continuaram a contar suas histórias e criaram conceitos de jovens de modo diferente. Uma jovem disse que **tartaruga jovem paciência** é o jovem que precisa ter paciência para conseguir alguma coisa na vida. Por sua vez, outro aluno jovem afirmou: **Tigrinha jovem guerreira** é forte como eu, porque já aconteceu muita coisa na minha vida e eu continuo feliz. A professora ficou confusa e perguntou: **Em que momentos da vida o jovem tem que ser guerreiro e forte e/ou paciente?**

A professora exclamou: Essa é realmente uma história de aventura e magia! Um aluno retrucou: Você ainda não ouviu a melhor parte, essa história está apenas começando, pois depois que nos transformamos em bichos, a bolha transparente começou a se movimentar e cada um de nós começou a fazer uma viagem mágica e desafiadora. No trajeto, tivemos que enfrentar muitos obstáculos, o primeiro deles foi quando, no meio da viagem, a bolha furou, começou a secar e caímos dentro do **buraco jovem**. E o que é uma **dificuldade buraco jovem**? Perguntou a professora.

Em seus relatos, os alunos jovens falaram sobre as dificuldades de viver pela primeira vez uma situação nova. Um jovem disse: A **borboleta fênix pássaro lendário jovem** caiu no buraco, quebrou as asinhas por que era o primeiro voo, primeira dificuldade que ele passou, pois não tinha nada, não estava preparado para aquilo e ficou ruim, abatido, não conseguia voar mais, aí ficou lá preso por um bom tempo. De modo diferente, o **cachorrinho poodle jovem** caiu no buraco, sentiu medo porque era uma coisa nova para ele, nunca tinha estado num lugar igual aquele. Dessa forma, os jovens desconstruíram na professora conceitos filosóficos de que ser jovem é viver o novo livremente, com destemor e rebeldia, porque os jovens sentiram medo, tristeza e desânimo em relação a isto, portanto, a professora quis saber: **Que situações podem gerar estes afetos de medo e apatia no jovem? Como reagir ao medo, ao desânimo, a falta de energia?**

Os alunos jovens prosseguiram contando seus problemas e dificuldades na viagem e a professora ficou muito impressionada quando alguns bichos jovens se transformaram em outros bichos e a partir dessa transformação, viveram os problemas de modo diferente: O **pássaro katitu** subindo se transformou numa tigresa, e ela começava a ficar mais forte por dentro e cada vez superando os desafios. Por sua vez, o **gato jovem** estava subindo a montanha, viu dificuldades para subir e se transformou em outro animal, numa borboleta, e chegou ao topo. A professora entendeu que estes bichos passaram por metamorfoses que potencializaram seus corpos, tornando-os fortes. **Que metamorfoses vivem os jovens que potencializam seus corpos em guerreiros?**

Viver problemas faz parte da vida dos bichos jovens, pensou a professora. Uma aluna jovem falou: As dificuldades da **tigresa jovem** são problemas emocionais. Diante destas dificuldades, o pássaro Katitu jovem ao subir e se transformar numa tigresa ficou mais forte por dentro e cada vez superou os desafios porque por dentro é mais importante do que por fora, pois se você tiver um emocional forte, não tem nada que te derrube nem **desafios de decepções**. **E O que são desafios de decepções?**

**Indagou a professora.**

De modo diferente, as dificuldades do **pássaro jovem** são as do dia-a-dia, talvez pequenas se comparadas a de outras pessoas.

Em meio às dificuldades, os alunos jovens contaram que aliados se aproximaram para ajuda-los a sair do buraco jovem, dessa forma, eles puderam continuar a viagem e chegar ao topo da montanha.

Um jovem contou que **borboleta cachorro jovem** tem um bocado de dificuldades, não sabe explicar quais são, só sabe que tudo se resolve, apesar das dificuldades, voa para ser feliz: sobe a montanha, enfrenta as dificuldades, chega no topo, respira o ar límpido e consegue sair vitoriosa.

Outro jovem contou: quando a **borboleta jovem** caiu no buraco negro, eu fiquei com muito medo, porque toda vez que você cai num lugar, em alguma coisa que acontece na sua vida, fica com medo. Esse buraco negro são as dificuldades da borboleta jovem, a pressão. Os jovens, diante da **dificuldade buraco negro**, contaram que criaram o **aliado claridade** que tanto pode estar no centro quanto no fundo das **dificuldades buraco negro**, pois o **aliado claridade** é aquele aliado que potencializa o jovem pois por mais que tenha ruindade e maldade, ele sempre vai ter algo para fazê-lo feliz, ajudá-lo a levantar de novo e sair vivo daquela dificuldade. A professora ficou impressionada e pensou: os jovens são brilhantes ao trazerem a ideia de que os problemas podem potencializar e criar situações novas como as do aliado claridade. E então ela quis saber: **O que é aliado claridade nas dificuldades?**

Após os relatos, a professora respirou fundo e exclamou: Nossa, quanta magia! É incrível como estou viajando junto com vocês através da minha imaginação, o que mais vocês sentiram diante desta aventura?

Uma jovem disse: a viagem foi boa, gostei, relaxei, parecia que eu estava num paraíso, vi pássaros, água, flores, rosas vermelhas, cachoeira. Fui ao outro mundo e voltei pra cá. Outros alunos pensaram numa praia deserta, numa ilha, de um lado tinha o mar calmo, areia fina e só floresta e tudo fechado. Aí, eu ficava no meio, sozinho.

Houve um aluno que viajou pelo paraíso onde dormia, acordava, caminhava, caminhava um pouquinho, depois dormia de novo, aí acordava, como num jardim do Éder, pegava maçã, comia, dormia de novo. De modo diferente um aluno disse: não fiz um paraíso, fiz a hora que subi na montanha de gelo.

Outra aluna contou: no começo, eu vi tudo preto, tudo escuro, era ódio, mas depois começou a colorir as coisas. Para um aluno: essa viagem foi muito boa, porque no começo eu fiquei com medo dela, estava muito confuso, no começo eu via umas coisas escuras, aparecia a claridade, escurecia de novo, estava muito perturbado. A professora então perguntou: **Como viver situações confusas enquanto jovem? Como o jovem pode viver um tempo considerado bom se ao mesmo tempo é confuso e perturbado?**

Ao anoitecer, a professora agradeceu aos alunos jovens por contarem suas histórias e reconheceu que a magia deles era realmente muito intensa, pois ao ouvi-los ela havia embarcado por uma viagem de grandes aventuras e descobertas.

## 5 Resultado da Contra-Análise da Análise Classificatória

Dando continuidade à oficina de contra-análise, iniciei à leitura do texto: **A PROFESSORA E OS ALUNOS JOVENS ENCANTADOS**, obtido a partir da minha análise classificatória da Técnica Os Bichos Jovens. A primeira parada do grupo foi no trecho abaixo:

A **borboleta jovem** é o jovem livre para voar, porque tem mais liberdade, disse um jovem. De modo diferente outro jovem disse: eu fiz a **borboleta jovem** porque eu botei o nome liberdade, não só para o jovem, mas todo mundo tem que ser livre, mas no caso da borboleta jovem a liberdade é bom porque **as dificuldades buraco negro** são aquelas em que o jovem vive sob pressão, sob mandados, e isto pra quem está começando a vida não é fácil. Diante dos relatos, a professora observou que as ideias sobre a **borboleta jovem** desconstróem a ideia de que o jovem é livre ou melhor não vive dificuldades. Isto mostra que um jovem, mesmo sendo borboleta, vive **dificuldades buraco negro**, que são aquelas que o pressionam, que é viver sob os mandados dos outros, tornando sua vida difícil. Então a professora perguntou: **Que pessoas ou situações podem exercer pressão a um jovem, a ponto de impedir a liberdade? Quanto pode um bicho jovem diante de dificuldades buraco negro?**

Diante das perguntas, os alunos disseram:

*As regras da escola e em parte os pais. Toda escola acho que pressiona, porque tem aquela preocupação: o aluno tem que tirar nota boa, o aluno tem que se comportar, não pode responder aos professores, tem que assistir a todas as aulas e em parte os pais por impor limites. (JUKINHA).*

Em relação ao questionamento:

**Quanto pode um bicho jovem diante de dificuldades buraco negro?**

Os alunos responderam:

*Ele pode sempre mais, eu acho que uma pessoa jovem é mais capaz de superar uma dificuldade do que uma pessoa mais velha, porque o jovem ele é mais forte, a pessoa mais velha talvez já tenha sofrido muito, talvez não consiga superar aquela dificuldade, o jovem não. No caso de uma doença, por exemplo, uma pessoa jovem tem mais capacidade de se recuperar mais rápido do que uma pessoa velha. Em relação a um problema, como traição, eu fico em dúvida. (ELENA).*

*Eu acho que o adulto, no caso de uma traição, é mais forte porque já tem mais maturidade pra lidar com aquilo, o jovem ainda está começando, começou a namorar a pouco tempo, está iniciando aquela fase da vida dele agora. (AÇUCENINHA).*

*Eu acho o contrário, porque tem tanto caso de marido que mata a mulher porque ela traiu ele, acho que é um jeito de mostrar que ele não superou e um jovem é mais difícil de você vê matando a namorada. Acho que quando é um homem mais velho namorando uma menina mais nova, é mais fácil ele matar a namorada então, mas é mais fácil o jovem superar. O jovem anda mais em bando, ele é mais alegre, tem o pensamento muito mais positivo que o adulto, acho que por isso ele consegue superar mais. Tem tanta coisa que a gente almeja, que a gente vê no futuro que uma traição é uma coisa tão pequena perto de tudo que a gente ainda tem pra viver. (PEACE).*

*Eu acho que depende, o jovem, como a Peace falou, ele tem sua forma de superar, já o adulto tem uma maturidade, já tem uma vivência maior, cada caso é um caso. (TRAPINHO).*

Continuei a fazer a leitura do texto pausadamente e os copesquisadores pararam no trecho abaixo:

Os alunos jovens continuaram a contar suas histórias e criaram conceitos de jovens de modo diferente. Uma jovem disse que **tartaruga jovem paciência** é o jovem que precisa ter paciência para conseguir alguma coisa na vida. Por sua vez, outro aluno jovem afirmou: **Tigrinha jovem guerreira** é forte como eu, porque já aconteceu muita coisa na minha vida e eu continuo feliz. A professora ficou confusa e perguntou: **Em que momentos da vida o jovem tem que ser guerreiro e forte e/ou paciente?**

Diante do questionamento, o grupo acrescentou:

*Ele tem que ser forte diante dos problemas e das dificuldades que ele passa. Independentemente de qualquer problema que ele tiver, ele tem que ser forte e paciente pra poder resolver, porque nem tudo se resolve de uma hora para outra, pra ele ser paciente ele tem que ser forte. (LAURA).*

Dando continuidade à leitura, o grupo parou no trecho a seguir:

A professora exclamou: Essa é realmente uma história de aventura e magia! Um aluno retrucou: Você ainda não ouviu a melhor parte, essa história está apenas começando, pois depois que nos transformamos em bichos, a bolha transparente começou a se movimentar e cada um de nós começou a fazer uma viagem mágica e desafiadora. No trajeto, tivemos que enfrentar muitos obstáculos, o primeiro deles foi quando, no meio da viagem, a bolha furou, começou a secar e caímos dentro do **buraco jovem**. E o que é uma **dificuldade buraco jovem**? Perguntou a professora.

Os jovens responderam:

*Eu acho que são todas as dificuldades até ele chegar onde quer, no caso, são todos os passos que ele caminha até chegar ao topo de uma escadaria, ele vai caminhando até onde ele quer chegar que é no topo. As dificuldades são: conseguir casa, conseguir trabalho, primeiro sair de casa e procurar um lugar melhor, aí sim começa as dificuldades. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Quando eu vim morar aqui em Bom Jesus eu tive as mesmas dificuldades do Chris Rock Blue, eu tive que procurar casa, tive que morar na casa da minha tia e o filho dela era muito ciumento porque a gente não podia nem abrir a geladeira pra pegar alguma coisa que ele já ficava fazendo fofoquinha, a gente não podia ficar com a luz acesa, a gente precisava estudar até mais tarde, ele ficava só com aquelas coisinhas bestas. (JUKINHA).*

*Ciumento não, ele era muito enjoado! (risos). (FELICIDADE).*

*A dificuldade é a aparência, a roupa, o cabelo, o peso, o sapato, se vai na festa ou não vai, se namora fulano ou se não namora, se vai obedecer ao pai ou se vai pela cabeça do grupo, ou se vai estudar ou vai assistir televisão, se vai estudar ou vai na festa, se vai pra escola ou vai dormir, todo dia eu repenso, são tantas escolhas. (PEACE).*

*Por mais que a pessoa não fale, a aparência conta, a aparência conta muito. (LAURA).*

*E eu acho que todo mundo tem problema de baixa autoestima, mesmo que seja pouco. (PEACE).*

*Tem dias que a gente diz: meu Deus, como estou feia! Aí tem dia que a gente se arruma, aí diz: hoje eu estou melhorzinha, é sempre assim. (LAURA).*

*Acho que a aparência não é um problema, depende de cada pessoa, acho que tem gente que é muito fissurado nisso, se preocupa demais, eu não me preocupo muito não! (CHRIS ROCK BLUE).*

*Tem tanta dificuldade, a aparência, tudo que a Peace falou, mas acho que essa dificuldade, ele mesmo supera, porque se ele se sente bem com a aparência dele, não importa o que os outros pensam. Tem gente que se importa muito com isso, pra algumas pessoas isso é muito importante. (ELENA).*

*Tem gente que está se sentindo bem com a roupa que está usando, mas porque alguém disse que estava feia, ela vai trocar e veste uma apertadinha, ela não está se sentindo bem, mas ficou mais bonita que a outra, tem gente que vai pela cabeça dos outros. (FELICIDADE).*

Prosseguindo a leitura, o grupo fez uma pausa no seguinte trecho:

Em seus relatos, os alunos jovens falaram sobre as dificuldades de viver pela primeira vez uma situação nova. Um jovem disse: A **borboleta fênix pássaro lendário jovem** caiu no buraco, quebrou as asinhas por que era o primeiro voo, primeira dificuldade que ele passou, pois não tinha nada, não estava preparado para aquilo e ficou ruim, abatido, não conseguia voar mais, aí ficou lá preso por um bom tempo. De modo diferente, o **cachorrinho poodle jovem** caiu no buraco, sentiu medo porque era uma coisa nova para ele, nunca tinha estado num lugar igual aquele. Dessa forma, os jovens desconstruíram na professora conceitos filosóficos de que ser jovem é viver o novo livremente, com destemor e rebeldia, porque os jovens sentiram medo, tristeza e desânimo em relação a isto, portanto, a professora quis saber: **Que situações podem gerar estes afetos de medo e apatia no jovem? Como reagir ao medo, ao desânimo, a falta de energia?**

Sobre isto, o grupo acrescentou:

*O futuro incerto, não saber o que pode acontecer depois, como agora em que eu me vejo em uma situação de não saber que curso escolher, eu fico com medo de escolher um curso errado, de fazer um curso que eu não gosto, de que as coisas deem errado. (TRAPINHO).*

Quando feito o questionamento abaixo:

### **Como reagir ao medo, ao desânimo, a falta de energia?**

Os jovens problematizaram:

*Eu acho que o medo é psicológico, você tem que ser confiante, falar: eu não tenho medo e ser confiante. (JUKINHA).*

*Primeiro é tentar me conhecer melhor, vê as coisas que eu gosto e tentar escolher o certo e sempre achar que vai dar tudo certo, sempre acreditar. (TRAPINHO).*

*Eu acho que você tem que ter seu objetivo e acreditar, se você não acredita, como é que você vai conseguir alcançar ele. (AÇUCENINHA).*

*Sempre você diz que não tem medo, mas sempre lá no fundo você tem medo, eu fico pensando: será que eu vou passar no ENEM? Qual será minha nota? (JUKINHA).*

*Todo mundo tem medo de não conseguir chegar no seu objetivo. (AÇUCENINHA).*

*Eu já estou fazendo um discurso pra mãe, se eu não passar no ENEM (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

*Eu tenho medo de meus familiares ficarem doente, porque tanto vai ser uma pessoa que a gente vai perder que é importante tanto afetivamente, como financeiramente, vai desabar tudo, tudo que a gente construiu até hoje, tudo que nós somos vai cair por terra, você vai ter que se refazer completamente. Medo da minha morte eu não tenho, mas da morte dos outros eu tenho. (PEACE).*

*Eu não tenho medo da morte, mas eu não quero é morrer sozinha, sentindo a dor da morte, eu quero morrer de boa, de velhice, tipo, ficou velha e morreu, agora morrer afogada, de acidente, aos poucos, eu não quero não, agora medo da morte eu não tenho não. (FELICIDADE).*

*Eu não tenho medo de relação sexual, porque se você se prepara com segurança, pronto! (CHRIS ROCK BLUE).*

*Se você está andando no meio da rua e vem um estuprador, se você está numa cidade que você não tem costume, tipo, você vai estudar fora e você*



*conhece uma pessoa, confia numa pessoa errada, ela pode te levar pra um lugar desconhecido, te fazer mal, também sequestro, roubo, tudo que leva a violência, você chegar em casa e sua porta está arrombada, tudo que você lutou, trabalhou, comprou com seu dinheiro do jeito que você gosta e a pessoa entrou lá e quebrou tudo. (PEACE).*

*Entraram lá em casa pela janela, pegaram 100 reais da menina que morava comigo e o indivíduo pegou meu chinelo e simplesmente deixou o dele lá na janela, ainda fez o favor de deixar duas pedras na minha cama e amassar as bananas que estava do lado da janela e o pior foi que mãe me obrigou a ficar aqui sozinho depois (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

Dando continuidade, os alunos pararam a leitura no parágrafo a seguir:

Os alunos jovens prosseguiram contando seus problemas e dificuldades na viagem e a professora ficou muito impressionada quando alguns bichos jovens se transformaram em outros bichos e a partir dessa transformação, viveram os problemas de modo diferente: O **pássaro katitu** subindo se transformou numa tigresa, e ela começava a ficar mais forte por dentro e cada vez superando os desafios. Por sua vez, o **gato jovem** estava subindo a montanha, viu dificuldades para subir e se transformou em outro animal, numa borboleta, e chegou ao topo. A professora entendeu que estes bichos passaram por metamorfoses que potencializaram seus corpos, tornando-os fortes. **Que metamorfoses vivem os jovens que potencializam seus corpos em guerreiros?**

Sobre isto, os mesmos problematizaram da seguinte forma:

*O aprendizado, as experiências, tipo assim, ele passa por um problema e ele supera esse problema, aí ele se torna mais forte com aquilo, ou seja, se acontecer de novo a mesma coisa ou uma coisa parecida, ele já sabe lidar com aquele problema. (LAURA).*

*Quando ele tem uma experiência, já tem uma maturidade de saber como agir diante daquele acontecimento. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Primeiro a cabeça, a forma de pensar muda muito conforme a idade, o tempo de vivência. Mudança física também, o corpo. (TRAPINHO).*

*Tudo que a Laura falou, quando o jovem passa por problemas e ele consegue superar, ele já está mais forte, já consegue lidar com isso da próxima vez, amadurecimento. (AÇUCENINHA).*

Continuando a leitura do texto, o grupo parou no parágrafo a seguir:

Viver problemas faz parte da vida dos bichos jovens, pensou a professora. Uma aluna jovem falou: As dificuldades da **tigresa jovem** são problemas emocionais. Diante dessas dificuldades, o pássaro Katitu jovem ao subir e se transformar numa tigresa ficou mais forte por dentro e cada vez superou os desafios porque por dentro é mais importante do que por fora, pois se você tiver um emocional forte, não tem nada que te derrube nem **desafios de decepções. E o que são desafios de decepções? Indagou a professora.**

Sobre isto, o grupo falou:

*Quando a gente descobre uma traição, quem terminou com o namorado, eu não. Essas coisas assim, amigo afeta, namorado não. (LAURA).*

*Esses desafios são dentro de você mesmo, não sei quais são. (CHRIS ROCK BLUE).*

*A decepção, o desânimo, tipo assim, você querer uma coisa e você não ter como conseguir. (PEACE).*

No parágrafo no qual a pergunta abaixo foi colocada:

Outro jovem contou: quando a borboleta jovem caiu no buraco negro, eu fiquei com muito medo, porque toda vez que você cai num lugar, em alguma coisa que acontece na sua vida, fica com medo. Esse buraco negro são as dificuldades da borboleta jovem, a pressão. Os jovens, diante da dificuldade buraco negro, contaram que criaram o aliado claridade que tanto pode estar no centro quanto no fundo das dificuldades buraco negro, pois o aliado claridade é aquele aliado que potencializa o jovem pois por mais que tenha ruindade e maldade, ele sempre vai ter algo para fazê-lo feliz, ajudá-lo a levantar de novo e sair vivo daquela dificuldade. A professora ficou impressionada e pensou: os jovens são brilhantes ao trazerem a ideia de que os problemas podem potencializar e criar situações novas como as do aliado claridade. E então ela quis saber: **O que é aliado claridade nas dificuldades?**

O grupo respondeu:

*São as soluções para nossos problemas, aquelas pessoas que te ajudam: um amigo, os pais, alguma pessoa da tua família que vai lá e ajuda, os professores também ajudam. (JUKINHA).*

*O bom humor também ajuda o jovem a superar os problemas (risos). (FELICIDADE).*

*O bando também ajuda, os amigos! (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

Prosseguindo a leitura, o grupo parou no parágrafo seguinte:

Uma jovem disse: a viagem foi boa, gostei, relaxei, parecia que eu estava num paraíso, vi pássaros, água, flores, rosas vermelhas, cachoeira. Fui ao outro mundo e voltei pra cá. Outros alunos pensaram numa praia deserta, numa ilha, de um lado tinha o mar calmo, areia fina e só floresta e tudo fechado. Aí, eu ficava no meio, sozinho.

Houve um aluno que viajou pelo paraíso onde dormia, acordava, caminhava, caminhava um pouquinho, depois dormia de novo, aí acordava, como num jardim do Éder, pegava maçã, comia, dormia de novo. De modo diferente um aluno disse: não fiz um paraíso, fiz a hora que subi na montanha de gelo.

Outra aluna contou: no começo, eu vi tudo preto, tudo escuro, era ódio, mas depois começou a colorir as coisas. Para um aluno: essa viagem foi muito boa, porque no começo eu fiquei com medo dela, estava muito confuso, no começo eu via umas coisas escuras, aparecia a claridade, escurecia de novo, estava muito perturbado. A professora então perguntou: **Como viver situações confusas enquanto jovem? Como o jovem pode viver um tempo considerado bom se ao mesmo tempo é confuso e perturbado?**

Sobre isto, o grupo acrescentou:

*Eu tento esclarecer com a ajuda de um irmão, pai, de um amigo, eu tento conversar pra esclarecer o que está acontecendo pra colocar tudo no seu devido lugar. (JUKINHA).*

*Fico pensativa, quando eu estou confusa eu penso muito antes de falar, antes de agir, até a gente confiar em alguém pra poder conversar eu penso muito antes, eu resolvo mais é sozinha, ou com ajuda de um amigo ou familiar, em relação ao meu sentimento. (PEACE).*

*Quando a gente toma a decisão errada, a gente está confuso ou indeciso em alguma coisa e toma a decisão errada, aí acaba tudo. (LAURA).*

*A gente passa por isso ouvindo música triste, a pessoa já está ruim e ouve música triste, aí acaba com tudo mesmo (risos). (PEACE).*

*Eu acho que as coisas boas superam esse tempo confuso e perturbado, por isso que é bom, tem mais tempo bom do que ruim. (ELENA).*

*Acho que é também nesse tempo do jovem que ele vai descobrir os amigos verdadeiros porque quando você é criança, todo mundo pra você é amigo, você não vê maldade e quando você é jovem você vai descobrir quem são seus verdadeiros amigos, aí vai começar, é um momento que você tem muita afetividade, você precisa de muito afeto, então você vai procurar meios pra suprir esse afeto. (JUKINHA).*

*O jovem escuta a outro jovem e aos pais, ele escuta um pouco de cada um, escuta o que povo fala na rua. (ELENA).*

*Às vezes até os professores na escola, quando dão algum conselho é muito bom também. (LAURA).*

*Eu escuto a televisão, na televisão tem tanto conselho que você não tem ideia, você assiste a um filme, você vê um amigo fazendo e se dá mal, você não vai fazer, vai fazer pra quê se você já sabe no que vai dar? Um filme mostra uma vida inteira de uma pessoa, você já toma aquilo pra você. A televisão influencia a vida do jovem, de tanto a gente vê uma coisa, a gente se acostuma. (PEACE).*

*Acho que nem tanto a televisão, acho que agora é a internet. (ELENA).*

*É! As redes sociais, quem não sabe usar a internet... (JUKINHA).*

*Eu não tenho face book e todos os meu amigos têm, mas não faz falta, quando eu chego em casa à noite, só tomo um banho, vejo se vou estudar ou assistir a novela, mas quando eu pego uma novela, é do começo até o final, a Carminha por exemplo, está tudo errado naquela novela, ali é tudo movido pelo ódio e eu acho que a Nina não é boa, pra mim a Nina é igual a Carminha, igual a todo mundo do lixão, pra mim é tudo igual. (PEACE).*

Com o final da leitura desse texto, fizemos uma pausa para um lanche para então retomarmos a oficina de contra-análise com os textos feitos a partir das minhas análises sobre

a Técnica Corpo Coletivo Jovem. A contra-análise da referida técnica foi descrita no capítulo 4.

#### 4 O CORPO COLETIVO JOVEM: PROBLEMAS E CONFETOS SOBRE O SER JOVEM



*Acho que eu sou muito fechada com relação ao que eu sinto e eu gostaria de ser mais aberta com relação a isso, [...] acho que todo jovem deve expressar o que sente, ser quem realmente é, não ter vergonha. O coração jovem é a liberdade, é fazer o que dá vontade, expressar o que sente.*

**(Copesquisadora Trapinho).**

#### 4.1 Terceira Oficina: Produção dos Dados

Dando continuidade, no período da tarde, à produção de dados com a Técnica Corpo Coletivo Jovem, enquanto os alunos dormiam tranquilamente nos colchonetes, em um canto da sala, eu estava quieta e um turbilhão de sensações ocorria em meu corpo. Vários pensamentos me ocuparam e uma estranha associação foi inevitável para mim, eu olhava para os alunos e os via como se fossem os bichos jovens nos quais eles haviam se transformado na Técnica Os Bichos Jovens (descrita no capítulo 3), a qual ocorreu pela manhã. Pensando em como interromper o sono dos alunos para o início da oficina da tarde, tive a ideia de acordá-los como se nós todos fôssemos bichos jovens, mais uma vez segui minha intuição de pesquisadora. Eu me senti muito a vontade com a ideia e pedi para que o facilitador Gustavo fizesse juntamente comigo sons de bichos, enquanto isso a facilitadora Káthia ficaria fotografando.

Com as mãos e joelhos apoiados no chão, com andar que lembrava um lobo, me aproximei dos alunos que estavam deitados nos colchonetes e comecei a uivar bem alto, alternadamente o facilitador Gustavo, com andar que lembrava um gato, começou a miar. Os jovens foram surpreendidos, no entanto, alguns fizeram uma entrega desprovida de inibições, começaram a imitar expressões de bichos enfurecidos, enquanto isso, na face daqueles cujos corpos responderam ao estranhamento de uma forma diferente, o medo aparecia e as expressões imitadas e reais passaram a se confundir. Os mais afoitos começaram a rolar, rastejar, correr, passamos a ouvir grunhidos, latidos, mugidos e cacarejos por todos os lados. Era um passeio de timbres aparentemente alucinados pelo reino dos bichos jovens.



**Figura 19: Copesquisadores imitando bichos jovens**

Percebendo o cansaço nos alunos, fiquei em silêncio e comecei a andar, queria dar início a uma nova brincadeira, mas não foi preciso dizer nada, pois os alunos seguiram o fluxo dos movimentos. Entre passos rápidos e lentos, em alguns momentos eu ficava parada como estátua e os alunos faziam o mesmo. Foi interessante perceber a sintonia dos corpos dos copesquisadores comigo, com o espaço e com os acontecimentos.



**Figura 20: Brincadeira**



**Figura 21: Brincadeira**

Depois de alguns minutos, com a ajuda dos cofacilitadores Káthia e Gustavo, coloquei vendas pretas nos alunos e demos início à brincadeira dos vampiros, a qual acontece da seguinte forma: vendados, os alunos andam pela sala e ao encontrarem-se podem tocar no pescoço um dos outro. A pessoa tocada dá primeiro um grito de medo, diz-se que ela foi vampirizada, quando outra pessoa tocá-la novamente no pescoço ele deverá dar um grito de prazer, diz-se desvampirizar-se. Essa brincadeira envolve muita percepção, uma vez que se perde um dos sentidos e é preciso aguçar os demais.

Posteriormente, solicitei que os alunos sentassem em círculo e comecei a ler o diário de itinerância produzido durante a manhã, a cada pausa, nos olhávamos, era possível perceber a satisfação do grupo a cada frase dita.

Quando mencionei que era hora do relaxamento, automaticamente os alunos deitaram-se nos colchonetes e fecharam os olhos, estavam dispostos a mais uma entrega, mais uma viagem, seria o início da Técnica O Corpo Coletivo Jovem. Em mim, um coração que alternava batidas, hora lentas, hora aceleradas. A essa altura, meu corpo de pesquisadora já estava totalmente entregue aos acontecimentos, e nesse instante em que escrevo, refletindo sobre a pesquisa, me questiono: seria eu mais uma jovem que compunha o grupo?

Na tentativa de manter uma visão aguçada de pesquisadora, a cada pausa no relaxamento, eu olhava para os copesquisadores. Eles estavam tranquilos, concentrados e para mim era muito perceptível os movimentos diafragmáticos de cada um, confesso que várias

vezes me peguei respirando profundamente e embora estivesse em pé, também senti meu corpo pesar. Não sei se a formação em Enfermagem e o fato de saber contar os movimentos respiratórios exerceram influência sobre mim, mas percebi que de forma inevitável minha respiração obedecia ao ritmo de uma dança diafragmática.

Abaixo, segue o roteiro do relaxamento:

Nesse momento, de olhos fechados, respire profundamente, respire, respire, respire. Você vai fazer uma viagem imaginária. Pense nela e sinta seu corpo. Fique de olhos fechados até o final da viagem... Deixe o corpo pesar. Flexione as pernas e coloque a planta dos pés bem esparramados no chão. Sinta seu pé esparramado no chão. Sinta os pés, as panturrilhas, as coxas até a coluna. Em seguida bote as mãos na bacia e vá apalpando de modo a reconhecer os ossos da bacia. Coloque suas mãos sobre sua barriga e sinta o volume de suas vísceras. Sinta o seu corpo. Pergunte-se: **O que é jovem?** Comece a mexer com as mãos as suas vísceras. Pegue nelas e movimente-as de um lado para o outro, girando, jogando o peso de um lado para o outro. Use a palma da mão. Suba e desça as mãos partindo do seu umbigo até o diafragma (boca do estômago). Depois amplie o movimento sentindo os ossos na base do pescoço. Massageie o pescoço. Massageie os braços. Abrace seu corpo. Em seguida, você vai movimentar sua língua dentro da boca, em movimentos circulares. Sinta seus dentes. Sinta o seu corpo. **O que é jovem?** De olhos ainda fechados, comece a massagear seu globo ocular olhando dentro de suas pálpebras, em movimentos circulares. Respire. Em seguida, faça massagem na sua testa, circulando os dedos das mãos pelos olhos e pela testa. Suba as mãos até os seus cabelos e massageie seu couro cabeludo. Levante sua pelve e movimente-a fazendo um oito com movimentos curtos. Enfim, sinta o seu corpo, a energia que tem nele. Pense: **O que é jovem?** Sinta seu corpo. Respire profundamente. Nesse momento, escolha uma parte do seu corpo. Escolha uma parte do seu corpo que seja **jovem**. Olhe para ela. Como é essa parte do seu corpo? Sinta essa parte do seu corpo. Respire profundamente. Essa parte do seu corpo tem cheiro? Sinta o cheiro. Como é esse cheiro? Respire. Essa parte do seu corpo tem sentimentos? Quais os sentimentos que envolvem essa parte do seu corpo. Respire. Essa parte do seu corpo tem cor? Ela se movimenta? Como ela se movimenta? Emite sons? Ouça os sons! A gente come essa parte do corpo? Como se come? Respire. **Essa parte do seu corpo tem dificuldades? Quais dificuldades? Como essa parte do corpo faz para superar essas dificuldades?** O que se passa entre você e a parte do corpo que você escolheu? Respire. Ela possui desejos? Quais são os desejos desta parte do seu corpo? Como você se sente agora? Estamos chegando ao fim de nossa viagem pela parte do corpo. Prepare-se para voltar. Como foi fazer a viagem pelo seu corpo? Movimente seus braços, mexa suas pernas lentamente... sinta seu corpo retornar... a cabeça, o tronco, todo o corpo se movimenta de um lado para o outro. Sente-se e pegue o jornal que está ao seu lado. Em seguida, modele com jornais a parte do corpo que você escolheu.

Durante o relaxamento, os cofacilitadores distribuíram cola branca em copinhos, jornais, tinta guache e pincéis aos copesquisadores, sem que os mesmos percebessem para que ao término do relaxamento, não se dispersassem.

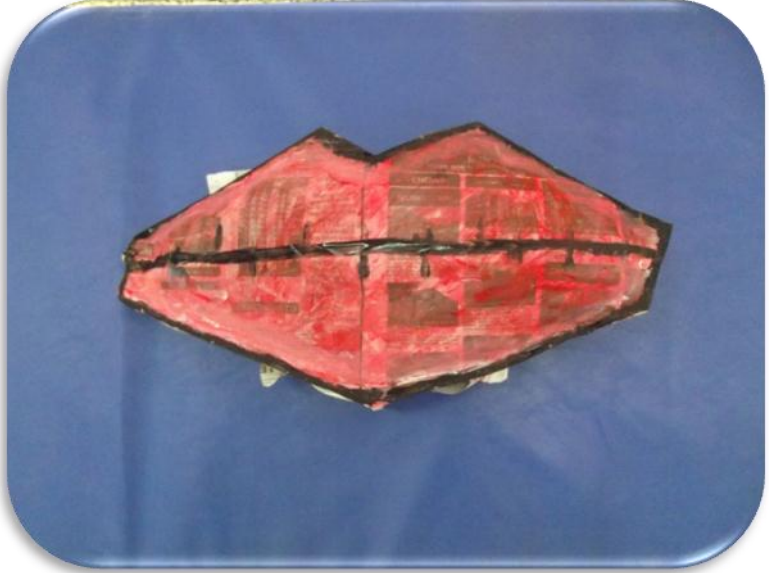
Ao retornarem, pedi para os alunos esculpirem a parte do corpo que haviam escolhido durante a viagem imaginária. Sem demora, alguns começaram a amassar os jornais com as mãos, outros ficaram alguns segundos parados, mas iniciaram. Uma copesquisadora me perguntou se poderia utilizar uma tesoura, como não estava previsto na técnica e a intenção era causar estranhamento, gentilmente respondi que não. Outra aluna, respondendo de modo




diferente ao estranhamento, me chamou e disse baixinho que não sabia como fazer a parte na qual havia pensado, eu apenas disse que ela experimentasse tocar nos materiais plásticos e deixasse a imaginação fluir. Esta copesquisadora demorou um pouco para obter a parte desejada, mas conseguiu. Quando enfim os jornais de todos os copesquisadores começaram a ganhar formas e cores, percebi olhares curiosos sobre as produções uns dos outros. Sobre isto, escrevi no diário:

*À medida que os alunos iam terminando, eu ia fotografando cada uma das partes. Fingindo estar distraída com essa tarefa, afinal não queria que os alunos se sentissem vigiados, percebi que o Chris Rock Blue se aproximou da Jukinha e perguntou se ela tinha feito peitos, disfarçadamente eu ri quando a ouvi dizer timidamente que era uma bunda. Ao passo que percorria meus olhares sobre as produções, percebi o quanto a técnica havia causado estranhamento, curiosidade e potencialidade nos jovens. (DIÁRIO DE CAMPO).*


Ao término das produções, pedi que voluntariamente os alunos falassem sobre a viagem e a parte do corpo que haviam escolhido. A seguir, segue as imagens e os relatos:


<b>COPEQUISADOR</b>	<b>PEACE</b>
<b>PARTE DO CORPO</b>	
<b>RELATO ORAL</b>	<p>Minha escultura é uma boca, e eu acho que tem tudo a ver com o jovem, por que é uma fase assim de descoberta, de beijar muito, né! (risos) Então, foi bem legal sentir meu próprio corpo, gostei bastante. E eu escolhi a boca por que é por ela que a gente sente, é... sentimentos, às vezes a gente fala alguma coisa que não deveria ter falado, não devia ter dito, né! Eu acho que a boca é uma parte do corpo muito importante, por onde a gente se alimenta... Essa boca jovem tem dificuldades, eu acho que tem sim... Eu acho que é essa parte mesmo de falar as coisas que não deveria ter falado, de se expressar, como agora que eu não tô conseguindo me expressar (risos). Para essa boca jovem superar as dificuldades, ela precisa de outras partes do corpo, como o coração. A boca jovem tem desejos... (risos, envergonhada), de fazer carinho... ai meu Deus do céu, eu tô louca! (risos)</p>


<b>COPEQUISADOR</b>	<b>JUKINHA</b>
<b>PARTE DO CORPO</b>	
<b>RELATO ORAL</b>	<p>Como todos estão vendo, eu desenhei uma bunda (risos do grupo), eu não sei por quê (risos do grupo). Moço, eu pensei em todas as partes do corpo, também eu pensei na bunda (risos do grupo), aí a relação com o jovem é por que eu acho que todo mundo, mulher e homem também pensa nessa bunda (risos do grupo), tem aquela coisa fanática pelo bumbum. A viagem foi esquisita. Foi estranho. Sei lá, eu senti uma emoção de tá... (risos do grupo), mas eu não pensei só na bunda, pensei na bunda já no final. (risos do grupo). Essa bunda jovem tem dificuldades... (risos, envergonhada)... se essa bunda sentar no formigueiro... Moço, essa... (risos), supera as dificuldades com a ajuda de todas as pessoas... (risos do grupo), da família... (risos do grupo), pronto professora! (risos do grupo, envergonhada). Essa bunda jovem tem desejos (risos do grupo)... tem... (risos, envergonhada), sei lá, de passar no vestibular... (risos do grupo)... tá bom professora termina. (risos, envergonhada). Moço, essa bunda jovem, para superar as dificuldades... eu tento esquecer todos os meus problemas. Toda vez que eu vou dormir eu esqueço todos os problemas e toda vez que eu venho para a escola eu deixo todos os meus problemas em casa. Nunca trago para a escola, ninguém nunca me viu chorando na escola não... todo mundo... cê chato Chis Rock Blue...pronto professora, passa para a TRAPINHO!</p>

<b>COPEQUISADOR</b>	<b>ELENA</b>
<b>PARTE DO CORPO</b>	
<b>RELATO ORAL</b>	<p>Não, eu falo! Eu pensei no braço, na mão, nessa parte, na questão do tato... da gente sentir, porque eu acho que o jovem ele tem muito esse negócio de carinho, de tá perto, de abraçar, de sentir assim a outra pessoa. Eu acho que o jovem é muito carinhoso e que precisa muito de carinho. Esse braço jovem é o braço de um jovem que gosta de abraçar, que gosta de sentir. Foi confuso a viagem, porque eu pensei em tantas coisas que eu podia focar, em tantas outras partes do corpo, mas aí eu preferi o braço. Essa parte do corpo tem a ver com o jovem porque eu acho que o jovem ele gosta muito de carinho, tem alguns que não demonstram, tem uns que são assim mais secos, mas eu sei que eles gostam de carinho, todo jovem gosta.</p> <p>O braço jovem tem dificuldades porque às vezes ele quer uma pessoa específica, para sentir carinho daquela pessoa específica, e não tá perto... Pra superar essa dificuldade, ele espera... (risos) até chegar perto para poder abraçar. Esse braço jovem tem desejos de sentir.</p>

<b>COPEQUISADOR</b>	<b>LAURA</b>
<b>PARTE DO CORPO</b>	
<b>RELATO ORAL</b>	<p>Eu fiz o olho porque eu acho uma parte muito importante, em mim principalmente, por que eu acho que é... a maioria dos sentimentos que a gente sente, eu acho que é através do olhar, né. Minha viagem foi muito boa! Tipo assim professora, é uma viagem que a gente imagina, mas se não for, não dá nem pra ter noção da viagem que eu tive. O olho tem a ver com o jovem porque é através dos olhos que a gente procura... é... conhece as pessoas, que a gente observa, porque o jovem gosta muito de observar, principalmente eu que observa tudo.</p> <p>O olho jovem tem algumas dificuldades, quando ele vê alguma coisa que não é agradável, quando ele vê alguma coisa que é decepcionante, mas também tem momentos alegres. Pra superar as dificuldades, o olho jovem tenta esquecer o que ele viu, partir pra frente. Esquecer de tudo! E o olho jovem tem desejo, não dá nem pra falar de todos, de tantos desejos que meu olho tem (risos), de me formar, dá uma vida melhor pra minha família.</p>

<b>COPEQUISADOR</b>	<b>FELICIDADE</b>
<b>PARTE DO CORPO</b>	
<b>RELATO ORAL</b>	<p>Eu desenhei um rosto porque o jovem gosta muito de cuidar do rosto, todo jovem gosta. A viagem foi boa, igual as outras (risos). Foi calma, tranquila... Eu senti sono! (risos). Não, eu senti paz, achei que eu tava pelo céu. Eu fiz essa parte porque a hora que a senhora falou pense numa parte do corpo aí o que veio na mente foi o rosto. O rosto jovem tem um monte de dificuldade... Ah professora! Tem um monte aí, não vou falar não. O olho jovem pra superar as dificuldades, tenta apagar tudo que viu, tudo que tá passando pela cabeça. Tem que pensar só em coisas boas, aí esquece. O rosto jovem tem desejos, igual todo mundo tem, de terminar os estudos, de ir pra uma universidade, de fazer o que gosta de fazer, de subir na vida.</p>

<b>COPEQUISADOR</b>	<b>QUADRILHA</b>
<b>PARTE DO CORPO</b>	
<b>RELATO ORAL</b>	<p>Eu escolhi os olhos, por causa de... porque na minha viagem que eu fiz, eu olhava a praia, tava na praia lá, caminhando naquela areia boa. Meu Deus do céu, mais é bom! E também em relação ao jovem, o olho... tanto o coração, como o olho jovem também sofre porque consequentemente o que o coração tá sentindo, quando ele vai... vai derramar lágrimas... nossa! O jovem também sofre e é muito, chora... sei lá, tem momento de alegria e momento de tristeza e os olhos, eles fazem perceber isso. O olho jovem tem dificuldade, um bocado aí! Não sei dizer! Pra superar essas dificuldades, não sei! Tirar da memória e apagar das lembranças o que aconteceu, sem chorar e sem lembrar das coisas ruins que o coração sente, né! O olho jovem tem desejos, vixe Maria! Meu desejo é passar pra odontologia, comprar meu carro, meu som, meu Deus do céu! (risos). Comprar minha casa, acho que a primeira coisa que eu vou fazer depois que terminar, acho que a primeira coisa que eu vou fazer é comprar meu som. (risos do grupo).</p>

<b>COPEQUISADOR</b>	<b>CHRIS ROCK BLUE</b>
<b>PARTE DO CORPO</b>	
<b>RELATO ORAL</b>	<p>Bom, eu fiz um coração. Na minha viagem eu pensei em várias nuvens, no alto, aí lá eu ficava de um lado para o outro pensando na tranquilidade, como que é a vida. Só na vida sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade. A relação do coração com o jovem é que quase nenhum jovem é tranquilo, aí precisa da tranquilidade. Esse coração jovem com certeza tem dificuldade. Sofre o bichinho e sofre mais. Pra superar essa dificuldade, ele fica triste, aí chora... (risos). Esse coração jovem tem desejo, tem muito desejo... Ele tem desejo de ter uma vida melhor, buscar em primeiro passar de ano, não sei a situação do jeito que tá, né! Aí depois passar num vestibular bom, que me traga um futuro bem tranquilo,</p>



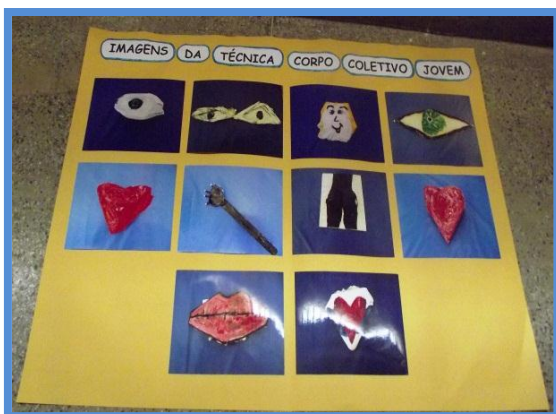
<b>COPEQUISADOR</b>	<b>TRAPINHO</b>
<b>PARTE DO CORPO</b>	
<b>RELATO ORAL</b>	<p>Eu escolhi um coração porque eu acho que eu sou muito fechada com relação ao que eu sinto e eu gostaria de ser mais aberta com relação a isso. E o jovem... em relação ao jovem porque eu acho que todo jovem deve expressar o que sente e... é isso... ser quem realmente você é, não ter vergonha. O coração jovem é a liberdade, é fazer o que dá vontade, expressar o que sente. O coração jovem tem dificuldade, porque ele é muito fechado e tem que ser mais aberto. Pra superar as dificuldades, ele escuta. Esse coração jovem tem o desejo de todo mundo aqui, pelo menos da maioria, que é chegar na universidade, ser feliz, realizar os sonhos que a gente tem. Eu senti na viagem que foi legal professora! Só senti mesmo.</p>

COPESQUISADOR	AÇUCENINHA
<p><b>PARTE DO CORPO</b></p>	
<p><b>RELATO ORAL</b></p>	<p>Eu fiz um olho, por onde agente vê e tudo... desde quando a gente nasce e vai vendo, vivendo e aprendendo. E eu acredito que é com os olhos que a gente vê as coisas, vai conhecendo, sabendo os caminhos que existem de certo e errado. Na maioria das vezes a gente faz alguma coisa de errado, mas depois se arrepende. Tem sempre as pessoas que te influenciam: olha faz isso, mas não, a gente teima e vai pelo outro caminho, mas aí depois a gente vai, se arrepende. A relação desse olho com o jovem é por que quando a gente é jovem, a gente vê muitas coisas, tem muitas coisas ruins no mundo, a gente pode ir ou não e a gente tá com quem a gente não conhece, aí fica meio confuso, mas aí, você consegue, vai indo e consegue. Esse olho jovem tem muitas dificuldades. Ele fica na dúvida na hora de tomar uma decisão. Para superar as dificuldades, esse olho jovem pensa bastante, pra ver qual é a melhor opção. Acredito que os desejos do olho jovem é o de todo mundo, todo mundo tem, de melhorar a vida, não que ela esteja ruim, mas que é bom melhorar. É, a gente sempre tem aquela ganância de querer mais.</p>

#### 4.2 Análise dos dados feita pelos copesquisadores da Técnica Corpo Coletivo Jovem

Dando continuidade à oficina, após a análise dos dados da Técnica os Bichos Jovens, era chegado o momento dos copesquisadores analisarem os dados da Técnica Corpo Coletivo

Jovem. Para isso, coloquei o painel montado com as imagens da Técnica Corpo Coletivo Jovem no chão, dei aos alunos algumas folhas e canetas e os mesmos sentaram-se em volta do painel.



**Figura 22: Painel de Imagens**



**Figura 23: Análise das Imagens**

O som que foi momentaneamente interrompido durante a leitura dos poemas construídos para análise da técnica anterior voltou a permear o ambiente, eram as músicas de Jota Quest.

Enquanto eles analisavam, após eu tirar as fotos necessárias para o registro desse momento, sentei-me no chão e novamente percebi os risos dos alunos e as conversas em tom de voz baixo,

*parecia que eles não queriam que eu os ouvisse, não queriam anunciar com antecedência os resultados das análises que posteriormente iriam me mostrar. A sensação que tive foi de ser uma jovem na escola em dias de avaliação, como se quisesse “colar” as respostas de um aluno nerd que sentado na cadeira à frente, com o corpo encobre a prova (DIÁRIO DE CAMPO).*

Após a análise do painel das imagens, eu o substituí pelo painel construído com os relatos orais da Técnica Corpo Coletivo Jovem. Os risos, agora menos contidos, ecoavam pela sala, mas as conversas continuavam em tom de voz baixo. Eu apenas continuava com o desejo que anteriormente mencionei no diário de campo, eu queria “pescar”, mas não consegui.

Finalmente sentamos em círculo nos colchonetes e pedi para que os copesquisadores dissessem como analisaram e lessem aquilo que haviam produzido. De acordo com a copesquisadora Margarida:

*A gente analisou as fotos, estavam lá: a boca, o coração, os olhos, o braço, a gente procurou o que aquelas coisas tinham a ver com o jovem e fizemos um poema, eu espero que esteja como um poema. (MARGARIDA).*

Dessa forma, a partir da análise das imagens da Técnica Os Bichos Jovens, os copesquisadores produziram o seguinte poema:

**O que éramos, o que somos e o que seremos**

Fomos crianças, pré-adolescentes,  
Fomos crianças inocentes.

Crescemos e nos tornamos completos,  
De corpo, alma e mente,  
Nos tornamos adolescentes.

Nasceu em nós um coração,  
Mas que dentro de nós vale por um milhão.

Com o olhar enxergo o amor,  
Mas com ele também posso passar por sofredor.

Com as mãos sentimos,  
Ou até mesmo, ferimos.

Com a boca sentimos um prazer imenso, o beijo,  
Ah! O beijo, beijo carinhoso, safado ou até mesmo de brincadeira.  
A vida é ou não é uma zoeira?

Ah! A bunda, essa aí sim tem zoeira,  
Melhor não falar do que se trata,  
Nem de brincadeira.

E nós jovens, o que somos?  
Ah! O que somos tá na cara,  
O importante agora é o que iremos ser.

Para análise dos relatos da referida técnica, os copesquisadores afirmaram ter utilizado os mesmos critérios da análise dos dados a partir das imagens, conforme Margarida: “*a gente procurou o que aquelas coisas tinham a ver com o jovem*”. Além disso, Margarida relatou que

*A gente analisou, analisando a gente prestou atenção que quando a gente fala de sentimento, mal se pensa nos homens, se pensa mais nas mulheres, porque as mulheres sentem mais que os homens na verdade, é verdade! Só que eu sei de um fato real, não contei ele aqui, como o homem tem sentimento e como ele é diferente de nós, na minha opinião e na delas.*

Assim, os copesquisadores produziram o texto abaixo:

### Um só sentimento

Tem quem diga que homens (jovens) não têm sentimentos, ou somos nós que não conseguimos enxergar? Presenciei um caso real de como os homens têm sim sentimentos e verdadeiros, mas com um certo porém, eles são plantaçao única, o homem (jovem) tem um só sentimento no qual após destruído, jamais será construído.

Nas mulheres temos uma plantaçao em que mesmo com chuvas, tempestades e secas, conseguimos reconstituir tudo.

Ser jovem é saber amar, perdoar, ensinar, aprender e até mesmo viver, não importa a situaçao ou problema, sempre daremos um jeito, o jeito jovem.

Enquanto os copesquisadores liam respectivamente o poema e o texto que haviam produzido, meu corpo continuava sendo afetado e a sensaçao era de como se eu fosse uma jovem aluna grata ao professor por ter esclarecido suas dúvidas.

Conforme ressaltai no capítulo 3, as análises dos dados produzidos nas Técnicas: Os Bichos Jovens e Corpo Coletivo Jovem foram feitas na mesma oficina, portanto as avaliações que seguem abaixo dizem respeito às análises das duas técnicas mencionadas. Para avaliação da oficina, perguntei aos alunos como foi analisar, as respostas obtidas foram:

Jukinha: Foi muito engraçado você ver todas as metáforas que as pessoas usaram. Aí, né, também utiliza a gíria, isso é uma expressao do jovem, não só do jovem, mas quem usa mais é o jovem. Eu gostei porque naquele momento eu estava, sei lá, em outro mundo, agora eu tive a possibilidade de ver o que mesmo a pessoa falou naquele momento.

Margarida: Eu acho assim, que quando a gente pega pra ler um livro, uma história, ela está lá toda certinha, eu acho que ela deveria ser dita como a senhora mostrou que a gente falou, os risos, o choro, que a gente se emocionou e quando eu estava fazendo os textos ali, é interessante porque na hora que você está ouvindo a pessoa, você não presta atençao em certos detalhes que tem. Eu marquei alguns detalhes, que é tipo dizer: beijar muito, pra que a boca serve, mas também tem lá que fala de mais, que não é a hora certa de falar, a hora que os olhos enxergam de mais ou enxergam o suficiente pra vida. Tem pequenas coisas no texto, uma palavra que você não pegou na hora que a pessoa estava falando, mas na hora que você vê no texto, você vê a importância que tem na nossa vida.

Chris Rock Blue: Foi bom analisar.

Trapinho: Eu gostei, foi bom porque eu lembrei daquele dia, foi engraçado também quando eu vi o que eu tinha falado. Foi bom, porque a gente teve que interpretar o sentimento de cada um, foi a parte mais legal, prestar atençao no que cada um falou, cada um se expressou. Foi bom.

Elena: Foi bom porque além de divertido, ainda teve essa parte da produtividade das palavras. É diferente a pessoa está falando aqui e depois você ler, ver como aquilo ali foi tão mais profundo do que pareceu ser, foi bom por isso. A gente interpretou mesmo o que a pessoa quis falar.

Peace: Eu não gostei porque hoje eu estou muito introvertida, então eu não me expressei do jeito que eu queria, foi mais as meninas que fizeram.

Laura: Gostei porque eu nem lembrava muito das coisas que eu tinha falado. Acho que todo mundo tem um desejo, tem o mesmo desejo, que é se formar, de crescer na vida. Foi bom, muito

bom a gente lembrar das coisas tristes, das coisas alegres, de tudo.

Margarida: crescer na vida, todo mundo aqui está interessado, não é?

Acuçeninha: eu gostei, eu achei importante, porque como as meninas disseram tem coisas que a gente não percebe quando a gente está falando. E a gente não tem aquela convivência, a nossa turma convive o dia inteiro, mas a gente não sabe o que aquela pessoa está sentindo. Nesse dia eu acredito que muitas pessoas se expressaram na hora que estavam ali falando, a gente chorou, a gente sorriu, a gente conheceu mais o sentimento de cada pessoa que está aqui e a pesar da convivência, a gente convive o dia inteiro, de manhã, de tarde e agora a noite nos estágios, mas a gente não sabe o que aquela pessoa está sentindo e até as meninas que a gente não têm muita aquela comunicação, mas quando a gente junta e forma um grupo, como foi dividido aqui, a gente interagiu, conversou e chegou na mesma conclusão e a gente conseguiu como se fosse sentir o que aquela pessoa está sentindo, perceber quais são os sentimentos dela, que no dia a dia a gente não sente, não consegue, passa por despercebido.

### 4.3 Análise dos dados pela Facilitadora

#### 4.3.1 Análise Plástica das Imagens



Coloquei as imagens lado a lado sobre uma mesa, olhei-as e procurei sentir cada uma, deixando-me seduzir pelas formas e cores que cultivavam minha imaginação. Em seguida coloquei em um texto a produção dos sentidos em relação ao tema “o que ser é Jovem”:

### CORPO JOVEM EM CONSTRUÇÃO (PARTE I)

Em uma tarde ensolarada, no sertão do Piauí, alunos de uma escola resolveram ser cientistas e construir um corpo jovem coletivamente. Ficaram a pensar: **O que é um corpo jovem? Por onde começar?** Eita confusão! Os alunos adoraram a invenção, cada um do seu jeito foi criando partes do corpo. Uns vagarosamente e outros apressadamente amassavam com as mãos, usando jornal, grude, cores e a imaginação, foram dando forma ora despedaçando, ora ligando a sua parte na criação. Dessa forma, o corpo foi feito com pedaços de pessoas diferentes: a cabeça completa era de uma, o braço com a mão de outra, a boca era de uma terceira, o tronco da quarta, quatro olhos e três corações vieram do restante das pessoas.

Na hora da montagem, a sala entrou em ebulição, como montar partes de um corpo que foram feitas sem combinação? Ora, ora, o corpo jovem nasce cheio de olhos. Era um corpo cheio de encanto. Tinha tantos olhos, tantos olhos, que os jovens ficaram meio tontos: Como encaixá-los numa só cabeça? Foi uma sensação! Com seu olhar diversificado, ele é cheio de emoção. **Seria um corpo jovem sensível? E tudo que olha, ele vê? Ele sente tudo que olha?** Aposto que quando cai no choro, não tem quem não fique molhado.



Continuando a montagem, os jovens colocaram uma boca a mais, dessa vez uma boca grande. Com duas bocas, o corpo jovem tornou-se tagarela e os jovens engataram numa conversinha: Falaram dos óculos que usaria caso tivesse miopia, sobre os beijos que ele daria, dos namoros que teria.



Os jovens da escola do sertão, empolgados, começaram a pensar e queriam saber: **O que pode um corpo jovem com duas bocas fazer?**

Mas eis que surgem 3 corações! E o **corpo jovem** não cabe em si de emoções! Também pudera, um dos corações tem asas e voa na imaginação: **o corpo jovem é volúvel? Ele fica com muitas pessoas ao mesmo tempo?**



Os alunos estavam satisfeitos com o que estavam criando, entretanto, pensaram: falta tanta coisa ainda! Falta nada! disse alguém. O corpo é nosso! Faremos o que é preciso para um jovem viver. Assim, tiveram o desejo de ter um tronco para abrigar seus corações. **Como fazer um abrigo coração?** Uma pessoa traz sua criação. E os alunos aceitaram a sugestão.



**Agora sim, o corpo ganha outra dimensão, um tronco abriga coração. O que é isto num corpo jovem?** Para dar um fim à criação, a última parte foi o **braço-mão jovem**.





Esta parte foi ligada ao **tronco abrigo coração**. Olharam, olharam e pensaram: este corpo precisa de outro **braço-mão**? Disseram: não! Afinal, o corpo jovem é diferente, nem mais nem menos, ele pode ser potente!

#### 4.3.2 Resultado da Contra-Análise da Análise Plástica

Dando continuidade a oficina de contra-análise, após o lanche, distribuí o texto Corpo Jovem em Construção (Parte I) para cada um dos alunos e iniciei a leitura pausadamente. A primeira pausa foi no parágrafo abaixo:

Na hora da montagem, a sala entrou em ebulição, como montar partes de um corpo que foram feitas sem combinação? Ora, ora, o corpo jovem nasce cheio de olhos. Era um corpo cheio de encanto. Tinha tantos olhos, tantos olhos, que os jovens ficaram meio tontos: Como encaixá-los numa só cabeça? Foi uma sensação! Com seu olhar diversificado, ele é cheio de emoção. **Seria um corpo jovem sensível? E tudo que olha, ele vê? Ele sente tudo que olha?**

Sobre isto, o grupo disse:

*Um corpo jovem sensível é aquela pessoa que tem sentimentos, sente amor, esperança, é sensível à alguma coisa, aos problemas do dia a dia, eu não sei bem, tem aqueles que são sensíveis a doenças, tem aqueles que moram longe dos seus pais, tem aqueles que constróem uma amizade e depois alguém vai embora, algo assim. No nosso caso, nós estamos passando uma dificuldade que é escolher um curso, porque você sabe que você vai passar o resto da sua vida se dedicando àquilo, então é o que mais você fica mais preocupado é com isso, pelo menos eu. Será que eu escolho esse? será que eu escolho aquele? Acho que é a dúvida que todo mundo tem. (JUKINHA).*

*O jovem não sente tudo que olha porque tem coisa que ele olha e não dá importância ou então ele vê de uma maneira que outras pessoas não veem e para ele não representa muito. (ELENA).*

Prosseguindo com a leitura do texto, os jovens pararam no seguinte trecho:

Os jovens da escola do sertão, empolgados, começaram a pensar e queriam saber: **O que pode um corpo jovem com duas bocas fazer?**

O grupo então acrescentou:

*Expressar suas opiniões. Muitas vezes os jovens são reprimidos. (ELENA).*

*Eu acho que ele é reprimido porque se for deixar falar tudo que quer, tudo que pensa, é complicado! (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

*Se for falar tudo que pensa, o jovem já fala besteira de mais (risos). (ELENA).*

*A maioria do que falo é besteira, porque eu sou besta. (risos). (FELICIDADE)*

Os jovens fizeram outra pausa no trecho a seguir:

Mas eis que surgem 3 corações! E o **corpo jovem** não cabe em si de emoções! Também pudera, um dos corações tem asas e voa na imaginação: **o corpo jovem é volúvel? Ele fica com muitas pessoas ao mesmo tempo?**

Sobre isto, disseram:

*Na maioria das vezes é difícil ele andar sozinho, nem que seja com um, dois, três, ele nunca fica sozinho, sempre tem alguém com ele. A maioria com duas pessoas, nunca fica sozinho. Só vai na festa se o outro for, na maioria das vezes é assim. (AÇUCENINHA).*

*Ficar de namorar, se achar! (risos) tem algumas que sim, tem outras que não, tem umas que só sai da festa se pegar cinco ou seis pra sair falando pras amigas, tem outras que não, tem umas que nem fica. (risos). (FELICIDADE).*

*Eu acho que vai de cada pessoa, tem gente que vai namorar e fica só com uma pessoa, mas tem outras que não, fica com um hoje, outro amanhã. (LAURA).*

*Ao mesmo tempo eu acho que o jovem não pode ficar com mais de um, por que se não fica bagunçado, acho que não. Não existe regra pra ficar com alguém. (FELICIDADE).*

*Mas tu vai lá ficar com uma pessoa só se ele for bonito, primeiro tu vai pela aparência, depois pela conversa... (risos do grupo). (JUKINHA).*

*Mas depois de ficar tchau e bênção! (risos). (FELICIDADE).*

Posteriormente, demos continuidade à leitura do texto construído a partir da análise classificatória da técnica Corpo Coletivo Jovem. A contra-análise do referido texto, foi descrita no item 6 deste capítulo.

### **4.3.3 Análise Classificatória dos Dados Orais**

A análise classificatória da Técnica Corpo Coletivo Jovem foi realizada conforme descrito no capítulo 3 (item 3.3.2). Dessa forma, as categorias encontradas foram:

- 1- Conceitos de jovem;
- 2- Motivos pelos quais escolheu a parte do corpo jovem;
- 3- Dificuldades da parte do corpo jovem;
- 4- Relatos da viagem;
- 5- Táticas da parte do corpo jovem para superar as dificuldades/ Quanto pode a parte do corpo jovem;
- 6- Desejos da parte do corpo jovem;
- 7- Características ou sentimentos da parte do corpo jovem.

## **5. Estudos Transversais**

Para a análise classificatória dos relatos orais da Técnica Corpo Coletivo Jovem, utilizei os mesmos procedimentos descritos no capítulo anterior referentes à Técnica Os Bichos Jovens. Selecionei frases sublinhando-as com cores diferentes, buscando as categorias-chave que atravessavam o pensamento do grupo, para no momento do cruzamento das ideias, procurar em cada categoria possíveis divergências, oposições e ambiguidades entre elas.

Nos estudos transversais destaquei as relações entre as ideias mapeadas e cruzadas na análise classificatória de modo a seguir as linhas ou dimensões do pensamento do grupo sobre o tema gerador “o que é ser jovem”. Nesse caso produzi o texto abaixo:

### **Texto para Contra-Análise**

## AS DESCOBERTAS DE LOVEPEACEPOLIÓRGÃOS JOVEM (PARTE II)

No sertão do Piauí, após uma tarde ensolarada, na qual os jovens cientistas haviam se reunido em uma escola para construir um corpo jovem coletivamente, nasceu Lovepeacepoliórgãos Jovem. Os cientistas lhe deram esse nome porque pensaram que todo jovem precisa de amor e paz, além disso, a invenção foi feita com as mãos de todos os cientistas, usando jornal, grude, cores e a imaginação. Dessa forma, foram criados vários órgãos: a cabeça completa era de uma, o braço com a mão de outra, a boca era de uma terceira, o tronco da quarta, quatro olhos e três corações vieram do restante das pessoas.

Depois de tanta confusão na criação, quando enfim, Lovepeacepoliórgãos Jovem ficou pronto, um dos cientistas decide ajudá-lo a se levantar e que surpresa! O corpo jovem é curioso e quer saber sua história, então ele faz uma dancinha e engata uma conversinha: de onde eu vim? Espontaneamente, um dos cientistas responde: Love, nós o criamos e por isso você tem um pouco do que há em cada um de nós. Você surgiu a partir de uma viagem que fizemos pelo nosso próprio corpo. Disse um jovem: uma viagem muito boa, calma, tranquila e senti sono, paz. Achei que estava pelo céu, em várias nuvens, no alto. Lá eu ficava de um lado para outro pensando na tranquilidade, como é que é a vida sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade. Só tranquilidade? Exclamou Love, que perguntou aos cientistas: **Em que sentido a vida de vocês ou a vida de um jovem é intranquila?**

De modo diferente, houve aqueles jovens cientistas que acharam que a viagem foi confusa, esquisita, estranha, sentiu uma emoção. Love questionou: **Em que situações a vida do jovem pode ficar confusa, estranha? Que tipo de emoções estas situações trazem para o jovem?**

Alguns acharam a viagem legal e gostaram bastante porque puderam sentir o próprio corpo. E outros cientistas foram até a praia, caminharam na areia e foi muito bom. Por fim, disseram que é uma viagem que a gente nem imagina, não dá nem para ter noção, se não for.

Não é à toa que durante a conversinha, os jovens cientistas fizeram surgir uma profusão de conceitos e problemas referentes ao que é jovem. O conceito **boca braço jovem** é o jovem que tem sentimentos, que gosta de abraçar, que gosta de sentir. Por sua vez, **boca jovem** é uma parte do corpo muito importante, por onde a gente se alimenta. Este conceito é diferente de **Boca jovem** como uma fase de descoberta, de beijar muito e que tem tudo a ver com o jovem.

Ao ouvir os relatos dos cientistas, Love ficou eufórico e sem papas na língua quis saber: **Um jovem pode beijar todo mundo? Como o jovem escolhe alguém para beijar? Existem critérios para selecionar uma pessoa para beijar?**

Um das cientistas produziu o conceito **coração jovem** como sendo aquele **jovem liberdade** que faz o que dá vontade, expressa o que sente, é quem realmente é, não tem vergonha. Jovem com ou sem vergonha? Brincou Love que em seguida questionou: **Em que situações o jovem sente vergonha de ser quem realmente é?**

A partir desse momento, os cientistas começaram a explicar ao Love que os jovens têm dificuldades, o **braço mão jovem**, por exemplo, é a parte da gente sentir porque o jovem tem esse negócio de carinho, é muito carinhoso e precisa de carinho, de tá perto, de abraçar, de sentir a outra pessoa, mas ele tem dificuldades porque às vezes ele quer carinho daquela pessoa específica e ela não está perto. Mas este **braço mão jovem** encontra a solução ao dizer: O **braço mão jovem**, quando não está perto da pessoa querida, espera até poder chegar perto para abraçar.

De modo diferente, o **braço mão jovem** gosta de carinho, mas tem alguns que não demonstram, tem uns que são assim mais secos, mas eu sei que eles gostam de carinho. **Gostar e não demonstrar, por quê? Em que situações isso acontece? Perguntou Love.**

A **bunda jovem** por sua vez, tem dificuldades quando ela senta em um formigueiro e seu desejo é de passar no vestibular. Mas que formigueiro? Retrucou Love, que em seguida esclareceu a pergunta: **O que é um formigueiro para uma bunda jovem que tem desejos de passar no vestibular?**

Em seguida, um dos cientistas mencionou que o **coração olho jovem** sofre porque o coração sentindo, o olho vai derramar lágrimas e chora e o **olho jovem** tem dificuldades quando vê alguma coisa que não é agradável, alguma coisa que é decepcionante, mas também tem momentos alegres. Diante disso, Love não hesitou em perguntar: **O que o olho jovem vê que não é agradável? Ou quais seriam as situações desagradáveis que o olho jovem vê? O que pode decepcionar um jovem?**

Além disso, o **olho jovem** pode ter outra dificuldade, mencionou uma cientista, ele fica na dúvida na hora de tomar uma decisão, principalmente diante de quem não conhece, por isso o olho jovem gosta muito de observar, observa tudo, procura conhecer as pessoas que observa. E como estratégia, quando o **olho jovem** está com quem não conhece, fica confuso e para superar as dificuldades, pensa bastante para ver qual é a melhor opção, vai indo e consegue. Com dúvidas estou eu, disse Love ao pedir que a cientista esclarecesse: **Que situações causam dúvidas aos jovens em relação às decisões que precisam tomar?**

E no meio de tantos questionamentos, eis que uma cientista exalta: Ora, ora, o **coração jovem** também tem dificuldades! E explicou ao Love que esse **coração jovem** é muito fechado e tem que ser mais aberto. Insatisfeito com a resposta, Love perguntou: **Como seria um coração jovem aberto?**

E dessa forma, os cientistas foram pacientemente contando ao Love suas dificuldades, mas existiram aqueles, como a **boca jovem** que explicou que a dificuldade está em falar alguma coisa que não deveria ter falado. No caso da **boca olho jovem** a dificuldade está em se expressar, não saber dizer. Love ficou confuso, demorou um tempo pensando, afinal ele só tem uma cabeça, e finalmente perguntou:

- **Que coisas ou que assuntos um jovem não sabe como falar, se expressar?**
- **Que assuntos um jovem não pode falar e o que impede que ele os fale?**
- **Que assuntos um jovem não quer falar?**

Diante de tantas dificuldades relatadas, Love preocupou-se em ser um corpo jovem, mas os cientistas riram e o acalmaram dizendo que os jovens possuem muitos sentimentos, desejos e também são capazes de superar dificuldades.

Segundo uma cientista, **boca bunda jovem** para superar as dificuldades, ela precisa da ajuda das pessoas, de outras partes do corpo, como o coração e a família.

No caso da **bunda olho jovem**, esta tenta esquecer as dificuldades, tirar da memória e apagar os problemas das lembranças do que viu, do que aconteceu e do que está passando pela cabeça e faz isso sem chorar, sem lembrar das coisas ruins que o coração sente, ou seja, tem que pensar nas coisas boas, só assim esquece. Love quer saber: **que problemas os jovens gostariam de esquecer? E se não esquece, o que fazer para (re)significar essa memória de dor? Dito de outro modo, o que fazer para dar um novo significado para os problemas que não foram esquecidos?**

De modo diferente, o **coração jovem**, para superar as dificuldades, escuta. **Mas escuta a quem?** Pergunta Love.

As dúvidas do Love não pararam por aí e entendendo que este passava por uma fase de muitas mudanças, os cientistas quiseram contar-lhe sobre os seus desejos e sonhos. E são tantos! Com entusiasmo, uma cientista diz: a **bunda coração jovem** tem desejos de passar no vestibular e, como a maioria, quer chegar à universidade pra ser feliz e realizar os sonhos. Uma outra cientista também empolgou-se ao falar que o **rosto olho jovem** tem os desejos de terminar os estudos, de ir para universidade, de subir na vida, porque temos aquela ganância de querer mais. Enfim, os cientistas

contaram ao Love que são tantos desejos, que não dá nem pra falar de todos e reforçaram os sonhos de uma formação, comprar carro, som, dar uma vida melhor para família, ter um futuro tranquilo e querer subir na vida.

Enquanto ouvia, os quatro olhos de Love brilhavam de felicidade e ele não se conteve de curiosidade: **É possível sonhar mais? Que outros desejos os jovens têm? E o que ou quem estimula o jovem a querer sempre mais?**

Ao anoitecer, Love percebeu o cansaço dos jovens cientistas e entendeu que era hora de dar uma pausa na conversinha. Despediu-se dos jovens cientistas, sentiu-se grato a eles pelos esclarecimentos e ficou a pensar: minha curiosidade me levou a iniciar minha própria viagem por um caminho de grandes descobertas, onde estão presentes sentimentos, dificuldades, superações e desejos. Nesse momento, experimento como é ser um jovem.

## 6. Resultado da Contra-Análise da Análise Classificatória

Dando continuidade, iniciei à leitura do último texto da oficina de contra-análise, intitulado: As Descobertas de Lovepeacepoliörgãos Jovem (Parte II). A primeira parada do grupo foi no parágrafo a seguir:

Depois de tanta confusão na criação, quando enfim, Lovepeacepoliörgãos Jovem ficou pronto, um dos cientistas decide ajudá-lo a se levantar e que surpresa! O corpo jovem é curioso e quer saber sua história, então ele faz uma dancinha e engata uma conversinha: de onde eu vim? Espontaneamente, um dos cientistas responde: Love, nós o criamos e por isso você tem um pouco do que há em cada um de nós. Você surgiu a partir de uma viagem que fizemos pelo nosso próprio corpo. Disse um jovem: uma viagem muito boa, calma, tranquila e senti sono, paz. Achei que estava pelo céu, em várias nuvens, no alto. Lá eu ficava de um lado para outro pensando na tranquilidade, como é que é a vida sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade. Só tranquilidade? Exclamou Love, que perguntou aos cientistas: **Em que sentido a vida de vocês ou a vida de um jovem é intranquila?**

Sobre isto, o grupo-pesquisador falou:

*Na correria do dia a dia, tem sempre que está no horário certo, tem que comer no horário certo, dormir no horário certo, ir pra escola, voltar, dormir, a gente tem muita responsabilidade em relação à escola, futuramente a universidade, ao trabalho, a família que a gente vai construir e também porque a gente tem sempre que obedecer a alguns padrões, todo mundo tem que estar de uma forma correta, ninguém pode sair do eixo. Tipo, todo jovem tenta ser divertido, ser aceito pelo grupo, então a gente tem sempre que está respondendo a isso, se a gente não é, se é mais diferente é mais complicado. (PEACE).*

*Fazer o ensino médio junto com o curso Técnico em Enfermagem é uma intranquilidade, porque no momento que você está na sala de aula você tem que prestar atenção, porque quando você vai estagiar você está lidando com uma vida, então você não pode fazer nada de errado, porque aquela pessoa que não tem nada a ver com a sua vida vai sofrer. (JUKINHA).*

*Ao mesmo tempo em que você lida com o Técnico você tem a preocupação com o Ensino Médio e o Ensino Médio não é moleza, é uma barra, os dois ao mesmo tempo, cai semana de prova global, semana de prova no Técnico e estágio a noite, aí lasca! (ACUÇENINHA).*

*Nosso projeto da Carla de sexualidade na adolescência, a gente tinha que falar dos problemas de jovens pra outros jovens, causava intranquilidade, porque a gente ficava sério, tentando ser sérios, explicando as coisas e eles ficavam com gracinha. (FELICIDADE).*

*Por a gente ser jovem também, eles não tinham tanto respeito pela gente, é claro. (ELENA).*

*Eles ficavam dizendo: já sei essas besteiras aí, nadinha, nem sabia! A Andressa lá ensinando a colocar a camisinha, aí eles ficavam dizendo: essa aí pratica. (FELICIDADE).*

*Jovem presta mais atenção em outro jovem falando do que em um adulto, mas depende do adulto. (AÇUCENINHA).*

*O adulto fala o tempo todo, quando você vê o jovem falando desses assuntos sem ser com gracinha ele fala de uma forma que a gente entende, não é que nem um adulto, o adulto fala mais é brigando. (PEACE).*

*Quando a gente chegou lá, acho que eles pensaram que por a gente ser jovem, eles não achavam que a gente ia falar aquele tanto de coisa, aí já chegava a Rita a Jeovalda, alunas da subsequência que têm mais idade, começavam a falar, aí eles já ficavam mais calados, prestavam mais atenção. Mas eu prefiro ouvir outro jovem. (FELICIDADE).*

*Eu prefiro ouvir outro jovem, porque é mais fácil de entender. (PEACE).*

*Mas naquele caso ali, era pra ser uma conversa formal, de um adulto com o jovem porque eles não levavam a gente a sério. (ELENA).*

*Acho que a culpa é dos pais que não conversam sobre sexualidade em casa, aí depois vem um amigo na escola e diz: ei tu sabe disso? (PEACE).*

*Quando os pais da gente vem conversar, faz tempo que a gente está sabendo, já é passado, já tem é outro nome pra aquilo dali. (FELICIDADE).*

*Às vezes já sabe mais que o próprio pai. (LAURA).*

Continuei a leitura do texto e no trecho a seguir, o grupo-pesquisador fez uma nova parada:

De modo diferente, houve aqueles jovens cientistas que acharam que a viagem foi confusa, esquisita, estranha, sentiu uma emoção. Love questionou: **Em que situações a vida do jovem pode ficar confusa, estranha? Que tipo de emoções estas situações trazem para o jovem?**

O grupo acrescentou:

*O corpo muda, mas a cabeça fica lá atrás, a gente não muda tanto em relação à cabeça, eu acho que é confuso porque muda muito o corpo e às vezes os pais que é quem sabe das coisas pra falarem pra gente, às vezes não conversam muito, eu acho meio confuso, coisas que a gente vê, que a gente ouve, mas que a gente não entende, os pais fazem coisas que a gente não entende, por exemplo, prender, não deixar ir na festa, só muito tempo depois que você vai entender porque não podia ir para aquela festa. (PEACE).*

Em relação ao questionamento: **Que tipo de emoções estas situações trazem para o jovem?** O grupo-pesquisador disse:

*Emoções? Eu fico é zangado quando meus pais não deixam sair, depois vem as indiretas, todo mundo vai, só quem não vai sou eu. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Não tem nadinha, é melhor os pais saberem do que a gente faz, de todo jeito a gente vai fazer mesmo, é pior que fazer escondido, se prender em casa fica com raiva, aí diz: rapaz, na próxima vez que eu sair eu vou chegar é tal hora, se for pra eu chegar meia noite eu vou chegar é 2 horas, aí é pior. (FELICIDADE).*

*Eu acho assim, que tem que colocar limites, dizer: eu deixo você ir, mas você tem que chegar certa hora, se você não chegar, eu não deixo você ir na próxima vez, pelo menos minha mãe faz isso. (JUKINHA).*

*Acho que isso é o que acontece. (ELENA).*

*Acho que tem é que conversar, os pais conversarem com os filhos, não é bater, tirar coisas, botar de castigo, é conversar, acho que todo jovem entende quando conversa, não tem nem como não entender. (PEACE).*

*Eu acho assim, que é só uma forma de proteger, mas claro, como todo mundo falou, tem que ter limite, porque prender não faz bem pra ninguém, acho que tem que deixar o jovem sair, mas impondo limite. (TRAPINHO).*

*Acho que se aconteceu alguma coisa errada, aí ele chega no pai e diz aconteceu: isso e isso, aí o pai vai ensinar, agora se ele prende, prende e de uma hora para outra solta, ele vai morar em outra cidade, aí ele não tem companhia, não tem com quem conversar, aí ele vai experimentar e vai fazer coisa errada. (PEACE).*

*Minha mãe e meu pai nunca foram de prender eu e minha irmã, se eles iam pra festa, mesmo tendo oito anos de idade, a gente ia e ficava com eles, mas eles ensinavam, quando viam alguma coisa diziam: isso não é certo, é errado, não faça isso, ensinava. Sempre foi assim, acho que por isso que hoje pai e mãe, eles confiam em mim e minha irmã. (JUKINHA).*

*Mãe diz assim: se for beber, não quero que você beba, mas se for beber, não vá beber no copo de ninguém, aí quando eu chego, ela fala desse jeito: bebeu? Eu digo: só um pouquinho, e aí pronto (risos). Se acontecer alguma*



*coisa eu conto, por exemplo, se uma amiga embebedar, eu conto, mãe briga comigo e briga com ela. (FELICIDADE).*

Ao ler o trecho que se segue, os alunos fizeram mais uma pausa:

Ao ouvir os relatos dos cientistas, Love ficou eufórico e sem papas na língua quis saber: **Um jovem pode beijar todo mundo? Como o jovem escolhe alguém para beijar? Existem critérios para selecionar uma pessoa para beijar?**

Sobre isto, os alunos levantaram a seguinte discussão:

*Primeiro você vai pela aparência, depois pela conversa. (JUKINHA).*

*Tem a afinidade também. (LAURA).*

*Claro que se você ver alguém usando droga, você não vai beijar ela só porque ela tem boa aparência. (PEACE).*

*Acho que a aparência e a conversa não bastam, tem que ter algo mais pra te interessar, não vai sair beijando todo mundo. (TRAPINHO).*

*Quando é na festa, não tem como conversar muito, quando é na festa que a pessoa só fica geralmente o tempo é curto ela não vai saber da vida toda da pessoa (risos). Depende da pessoa como ela chega pra conversar contigo, se já chega chamando pra sair, não. Agora tem uns que são mais educados, se apresenta, senta pra conversar. Aí depende de como a pessoa chega pra conversar. Aí eu já não concordo quando a pessoa chega e diz: meu amigo quer conversar contigo, aí eu já digo: e por que ele não vem aqui falar comigo? (risos). (AÇUCENINHA).*

*Eu vou primeiro pela convivência. Se eu for pra uma festa, eu chego lá e converso e chamo pra dançar. Não é a mais bonita, é a que eu gostei mais, se tiver uma mais bonita, mas eu achar outra mais parecida comigo, eu vou ficar com a mais parecida com meu jeito (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

*Acho que é assim, se a gente olhar assim, aí aquela que tiver maior afinidade, aquela troca de olhar, aquela coisa. Não é só pela beleza, pela aparência, lógico que a aparência ajuda e muito, mas tem que ter aquela afinidade, aquela coisa. (LAURA).*

*A mulher pra seduzir o homem é quando você vê aquela mulher só mexendo na franja, arrumando o cabelo, só olhando, encarando (risos), aí já sabe, pode ir. (JUKINHA).*

Continuando a leitura do texto, o grupo fez mais uma pausa no parágrafo abaixo:

Um das cientistas produziu o conceito **coração jovem** como sendo aquele **jovem liberdade** que faz o que dá vontade, expressa o que sente, é quem realmente é, não tem vergonha. Jovem com ou

sem vergonha? Brincou Love que em seguida questionou: **Em que situações o jovem sente vergonha de ser quem realmente é?**

Sobre isto, o grupo acrescentou:

*Tem gente que tem essa vontade de ser um pouco mais velho. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Grupo: eu não!*

*Mas tem gente que acha, eu não. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Eu queria era ser mais nova pra ter menos responsabilidade. (LAURA).*

*Eu tenho é orgulho quando estou no hospital, que aí tem uns pacientes que diz: minha filha, tão novinha, enfermeirinha (risos). (JUKINHA).*

*Tem umas pacientes que já não gosta porque a gente é jovem, aí pergunta: você tem quantos anos? 17 anos. Aí a pessoa fala: não, não quero não e 17 anos sabe de quê? Não sabe de nada! Não vai fazer não! (FELICIDADE).*

*Às vezes a gente escuta um monte de piadinha lá dentro, mas eu não tenho vergonha. Quando eu vi passar a sonda, eu não fiquei com vergonha. (JUKINHA).*

*Trocar a fralda, dar banho nos pacientes, eu não senti vergonha não. (FELICIDADE).*

*O paciente sente mais vergonha do que a gente. (ELENA).*

*Principalmente quando o paciente é mais jovem que nem a gente, ele sente mais vergonha que a gente, eu me sinto muito mais como profissional, vejo ele como paciente e não como jovem, independentemente do paciente ser jovem, idoso ou adulto, a gente está ali com aquela postura. (AÇUCENINHA).*

*Acho que pela formação que a gente tem, acho que nenhum colega, dos que estão aqui e os outros, nenhum sente vergonha. (JUKINHA).*

O grupo fez mais uma parada no trecho que se segue:

De modo diferente, o **braço mão jovem** gosta de carinho, mas tem alguns que não demonstram, tem uns que são assim mais secos, mas eu sei que eles gostam de carinho. **Gostar e não demonstrar, por quê? Em que situações isso acontece? Perguntou Love.**

Em relação a isto, o grupo disse:

*Eu acho que muitas vezes é com medo de não ser retribuído, por exemplo: a gente gosta de uma pessoa e aquela pessoa não demonstra que gosta da*

*gente. A gente tem muito medo de demonstrar e não ser retribuído no que a gente sente, acho que é isso. Isso acontece em várias situações, tanto no namoro, amizade, familiares, tudo. (LAURA).*

*Quando meus pais brigam, que eu não posso responder, eu tenho que guardar ali, é horrível. (JUKINHA).*

*Quando eles começam a falar as coisas lá, eu tenho vontade de responder, mas aí não pode, às vezes a pessoa diz: mas não foi isso que aconteceu, quando a gente está certo é pior ainda. Tem uns que responde, eu não respondo, agora tem uns que responde, não obedece. Eu não respondo, minha mãe fala e eu fico só caladinha, com a mão na cama, o pé na parede, mas responder, eu não respondo porque eu fico sem dente na boca e por respeito, já minha irmã, a mais nova, ela faz é bater o pé, a mãe diz: Laís não é desse jeito e ela responde e eu não tenho coragem de responder por respeito e medo de apanhar. (FELICIDADE).*

*É horrível aquelas crianças que falam com a mãe de todo jeito, não obedece, responde aos pais. (JUKINHA).*

*Lá em casa eu e a Margarida falava senhora e a pequenininha aprendendo a falar, aí ela não chamava mãe e pai, ela chamava de senhorinha e senhorzinho (risos). (ACUÇENINHA).*

Dando continuidade à leitura do texto, os jovens pararam no parágrafo abaixo:

A **bunda jovem** por sua vez, tem dificuldades quando ela senta em um formigueiro e seu desejo é de passar no vestibular. Mas que formigueiro? Retrucou Love, que em seguida esclareceu a pergunta: **O que é um formigueiro para uma bunda jovem que tem desejos de passar no vestibular?**

Sobre este questionamento, os jovens disseram:

*As pessoas que a gente está ali concorrendo é um formigueiro enorme e também as diferentes áreas que a gente pode escolher. (ELENA).*

*No caso do ensino médio, que a gente não teve um ensino de qualidade. (JUKINHA).*

*Esse ano a gente não teve um bom preparatório por causa da greve, aqui o ensino sempre é bom, mas esse ano não foi, a greve foi um formigueiro e bota formigueiro nisso. (ELENA).*

*Meu maior formigueiro mesmo é a escolha de um curso. (TRAPINHO).*

*Também ter que passar pra outra cidade, que você não conhece ninguém, é o curso que você gosta, aí você passa pra uma cidade muito longe, aí não conhece ninguém, aí vai morar, tem aquela coisa de querer levar a mãe, os amigos, e a gente não pode. (FELICIDADE).*

*Eu penso: o que eu vou fazer nessa cidade se eu não conheço ninguém, só pra eu fazer um curso, eu podendo ficar bem aqui, aí vem a outra parte que me diz: tem que ir, tem que passar, ganhar dinheiro (risos). (JUKINHA).*

*Eu adoraria ir pra uma cidade nova, novas amizades, novas coisas que você vai viver, eu acho que o que você conquistou na cidade passada já é seu, você tem que sair pra conquistar outras coisas, novas amizades. Acho que o formigueiro são as festas, os namoros, festa, a escola, a família. Eu acho que namoro é um problema, pra passar no vestibular é, eu acho. Namoro, amizade, festa que você quer ir e você não pode, atrapalham porque eu acho que o ensino médio concomitante com o técnico atrapalha todo o Enem, porque a gente tem sempre que escolher ou uma matéria ou outra pra estudar, ou você estuda uma coisa que é de manhã ou você estuda outra coisa que é da tarde, aí se eu estou estudando matemática eu estou pensando nas outras que tem ali e aí fica muito ruim pra gente se preparar, eu acho. (PEACE).*

*Eu acho que namoro não atrapalha em nada, depende de você saber dividir o que é estudo, o que é namoro, as horas certas, porque no meu caso eu já namoro um ano com o Iago e nunca me aconteceu de eu tirar uma nota vermelha por que eu estava namorando, então eu acho que depende da pessoa, nunca deixei de fazer minhas tarefas da escola. (JUKINHA).*

Continuei a leitura do texto e a próxima pausa foi no parágrafo a seguir:

Em seguida, um dos cientistas mencionou que o **coração olho jovem** sofre porque o coração sentindo, o olho vai derramar lágrimas e chora e o **olho jovem** tem dificuldades quando vê alguma coisa que não é agradável, alguma coisa que é decepcionante, mas também tem momentos alegres. Diante disto, Love não hesitou em perguntar: **O que o olho jovem vê que não é agradável? Ou quais seriam as situações desagradáveis que o olho jovem vê? O que pode decepcionar um jovem?**

Em relação a essas perguntas, o grupo problematizou da seguinte maneira:

*A traição e também quando você pensa que é seu amigo, aquela maior coisa e você descobre que ele é completamente diferente do que você pensa, são amizades falsas. Quando eu estudava na oitava série, tinha uma menina que eu gostava muito dela, a gente sempre andava juntas, depois descobri que era amizade falsa, que ela só estava ali quando tinha alguma dificuldade na escola, que ela sempre corria pra mim, era interesse, é a decepção. (JUKINHA).*

*O vestibular é assim, seus pais, seus parentes, todo mundo aposta e está confiando em você, aí você fala assim: não vou conseguir passar, aí eles falam: você vai passar. Aí fica aquela pressão, aí se você não passa, você vai estar se decepcionando e se sentindo mal pelos outros que estão se sentindo mal por você, é pior. (AÇUCENINHA).*

*Em primeiro lugar eu tenho que mostrar pra mim, pra depois eu poder pensar nos outros, tenho que pensar em mim, dizer: isso vai ser bom pra mim? Se eu não passar o que eu vou fazer, eu já tenho tudo detalhado, se eu passar e se eu não passar. Se eu não passar vou pensar em fazer isso e isso*

*até atingir meu objetivo, aí depois eu vou pensar em mãe e pai. Mãe falou assim: minha filha, tem certeza que vocês vão passar no vestibular com essa greve? Aí depois tem hora que ela diz: tu vai passar, com fé em Deus, você vai passar. (JUKINHA).*

*Pois eu digo: mãe eu não vou passar, mãe diz: tu vai passar! (ELENA).*

*Mãe diz: tu vai fazer o que? E eu ainda não sei. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Pois difícil é passar, meu sonho é fazer medicina. (JUKINHA).*

*Acho que é difícil você escolher o curso, vai que você está lá e não gosta, aí você perdeu tempo, aí vem a decepção pra você. (CHRIS ROCK BLUE).*

*É errado um jovem escolher uma profissão só porque ela está no auge. (JUKINHA).*

*Também assim, na maioria das vezes, a pessoa quer fazer uma área de direito, aí o pai diz: não, você vai fazer medicina, aí a pessoa fica sem saber, porque ela gosta de uma coisa e o pai quer que ela faça uma coisa totalmente diferente, acontece muito isso. (AÇUCENINHA).*

*Lá em casa é o que eu quiser (escolha do curso). (JUKINHA).*

*Lá em casa também, mãe diz: tem certeza que é isso que tu quer? Porque é uma coisa que tu vai fazer pelo resto da tua vida. (AÇUCENINHA).*

*Mãe nunca falou, nunca comentou: tu vai fazer engenharia, vai fazer isso? Ela só pergunta: tu vai fazer o que? (JUKINHA).*

*Ela pergunta e diz: tu tem certeza disso que tu quer? Porque se não for, você vai ter que fazer depois outro vestibular pra fazer outro curso e aí vai ser uma perda de tempo. (AÇUCENINHA).*

*Eu acho que o que decepciona o jovem é você acreditar, você se empenhar em alguma coisa, seja em amizade, profissão, namoro e depois você descobrir que não era nada daquilo, tipo uma pessoa que você convive diariamente e depois em dois meses ela se transforma em outra, aí vem a decepção. (PEACE).*

Dando continuidade, os alunos fizeram uma pausa no parágrafo abaixo:

Além disso, o **olho jovem** pode ter outra dificuldade, mencionou uma cientista, ele fica na dúvida na hora de tomar uma decisão, principalmente diante de quem não conhece, por isso o olho jovem gosta muito de observar, observa tudo, procura conhecer as pessoas que observa. E como estratégia, quando o **olho jovem** está com quem não conhece, fica confuso e para superar as dificuldades, pensa bastante para ver qual é a melhor opção, vai indo e consegue. Com dúvidas estou eu, disse Love ao pedir que a cientista esclarecesse: **Que situações causam dúvidas aos jovens em relação às decisões que precisam tomar?**

Sobre isto, os alunos acrescentaram:

*Pra onde ir, qual a faculdade. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Todo jovem tem dúvida, desde a mais simples, por exemplo: uma amizade, será que essa pessoa é quem demonstra ser? Até na hora da prova tem dúvida (risos). O jovem fica em dúvida em tudo, no curso que vai fazer, tudo que vai fazer, quando começou a greve, aí eu fiquei com dúvida em ficar lá ou aqui, a gente tem dúvida em tudo, em tudo que vai fazer. (LAURA).*

*Eu tenho dúvida em relação ao curso, à universidade e eu também sou uma pessoa muito indecisa. (TRAPINHO).*

*Pra escolher o curso eu penso em salário, afinidade. (JUKINHA).*

*Para escolher um curso, eu penso em tudo, afinidade, salário, mercado de trabalho. (ELENA).*

*Eu acho que a profissão é uma forma de você ganhar dinheiro pra você realizar todos os seus sonhos, você comprar uma casa, você ter sua família, você comprar a roupa que você quer, fazer uma viagem, eu acho que a profissão é só um meio de você ganhar dinheiro pra você realizar tudo que você sempre sonhou. Lógico que você não vai fazer uma coisa que você não gosta só pra ganhar dinheiro. (PEACE).*

*Quando você faz uma coisa que você gosta, pra ganhar dinheiro vai ser mais fácil porque você vai se empenhar em fazer aquilo, então é mais fácil de você ganhar dinheiro. Agora se você fizer uma coisa que você não gosta, conseqüentemente você não vai ser um bom profissional, aí não vai ter como você ganhar dinheiro, porque você não vai está fazendo aquilo certo, acho que é isso. (TRAPINHO).*

Ao ler o parágrafo que se segue, os jovens fizeram mais uma pausa:

E no meio de tantos questionamentos, eis que uma cientista exalta: Ora, ora, o **coração jovem** também tem dificuldades! E explicou ao Love que esse **coração jovem** é muito fechado e tem que ser mais aberto. Insatisfeito com a resposta, Love perguntou: **Como seria um coração jovem aberto?**

Sobre este questionamento, acrescentaram:

*Acho que deveria ser aberto às emoções, aos sentimentos, a se envolver mais. (TRAPINHO).*

*Acho que seria você ter mais liberdade, acho que quando você tem mais liberdade, seu coração fica mais aberto, eu quero mais liberdade. (PEACE).*

A próxima pausa do grupo-pesquisador foi no trecho a seguir:

E dessa forma, os cientistas foram pacientemente contando ao Love suas dificuldades, mas existiram aqueles, como a **boca jovem** que explicou que a dificuldade está em falar alguma coisa que não deveria ter falado. No caso da **boca olho jovem** a dificuldade está em se expressar, não saber

dizer. Love ficou confuso, demorou um tempo pensando, afinal ele só tem uma cabeça, e finalmente perguntou:

- **Que coisas ou que assuntos um jovem não sabe como falar, se expressar?**
- **Que assuntos um jovem não pode falar e o que impede que ele os fale?**
- **Que assuntos um jovem não quer falar?**

Dessa forma, o grupo trouxe as seguintes problemáticas à contra-análise:

*Assuntos pessoais, da família, por exemplo, se ocorre uma briga entre seu pai e sua mãe, tu não vai sair falando, eu pelo menos não, acho que se acontecesse isso comigo, acho que ficaria comigo mesma, não ia contar pra ninguém. Isso acho que é o que o jovem não quer falar. (JUKINHA).*

*Os assuntos que eu não posso falar, tipo como a Juquinha falou, briga com os pais, é uma coisa que eu quero falar, acho que quando acontece alguma coisa ruim com a gente, a gente quer desabafar, só que é uma coisa que a gente não pode falar porque é uma intimidade da família, principalmente do casal, então eles que tem que conversar entre si. (PEACE).*

*Se um jovem for agredido pelos seus pais, ele não vai querer falar pros outros jovens, ele não vai chegar e falar: ow minha irmã, apanhei ontem! Então, acho que ele não quer falar. (FELICIDADE).*

*Eu acho que muitas pessoas não sabem falar sobre sexualidade, no nosso caso aqui a gente estuda tudo, então é mais fácil, mas tem aquelas pessoas que se você for falar em menstruação já fica assustada (risos). A gente fala do corpo humano como se fosse a coisa mais normal pra gente e os outros jovens não, a gente já percebe que eles tem uma vergonha de falar. (JUKINHA).*

*A gente já chegou em turma do terceiro ano que tinha aluno que a gente percebia que não sabia nada sobre os métodos contraceptivos, que até na hora que a Andressa estava ensinando a colocar uma camisinha, eles não sabiam e era terceiro ano, aluno de 16 e 17 anos da mesma idade nossa. (AÇUCENINHA).*

*Tem muito disso, da amiga perguntar, veste uma roupa e pergunta se está bem, eu falo na hora, se alguém perguntar: como está essa saia em mim? Eu digo: a bunda está feia, ficou feia, mas tem amiga que pergunta e quando você fala que está feia, fica com raiva. (FELICIDADE).*

*Igual minha irmã que pergunta e quando eu digo que está feia, ela pensa que é por que eu quero usar (as roupas dela), (risos). (JUKINHA).*

*Eu digo que está feia, agora se você gostou, vai. (FELICIDADE).*

*Tem algumas coisas que você não pode falar, por exemplo, professor explica esse assunto melhor, você não vai falar isso pra o professor. Você pode até falar, mas com aquele carinho e não com aquela arrogância. (JUKINHA).*

*Às vezes você fala uma coisa e você pensa que a pessoa vai achar bom por você está falando aquilo, a verdade pra ela, mas aí a pessoa fica achando ruim, então você tem que ficar pensando antes, analisar as coisas, pensar:*

*será que ela vai gostar? Será que ela vai me agradecer depois? Se não, fala pensando que vai acontecer uma coisa e acontece outra. (FELICIDADE).*

*O problema não é o que você fala, mas o jeito como você fala. (PEACE).*

Os copesquisadores fizeram mais uma parada no parágrafo abaixo:

No caso da **bunda olho jovem**, esta tenta esquecer as dificuldades, tirar da memória e apagar os problemas das lembranças do que viu, do que aconteceu e do que está passando pela cabeça e faz isso sem chorar, sem lembrar das coisas ruins que o coração sente, ou seja, tem que pensar nas coisas boas, só assim esquece. Love quer saber: **que problemas os jovens gostariam de esquecer? E se não esquece, o que fazer para (re)significar essa memória de dor? Dito de outro modo, o que fazer para dar um novo significado para os problemas que não foram esquecidos?**

Sobre isto, eles disseram:

*Tem uma coisa que envolve não só a mim, mas a minha família, que é muito difícil de esquecer, é uma coisa que eu não posso falar, mas que eu já estou conseguindo superar. (JUKINHA).*

*O jovem quer esquecer tudo que não deu certo, tudo que decepcionou, que magoou. (PEACE).*

*O jovem quer esquecer as decepções de amizade, amorosas, pessoais. (CHRIS ROCK BLUE).*

*A gente quer esquecer tudo de ruim que acontece com a gente, eu pelo menos procuro esquecer tudo de ruim que acontece comigo, acho que é assim com qualquer pessoa, ninguém vai querer lembrar do tempo ruim. (FELICIDADE).*

*Até hoje uma coisa que eu nunca consegui esquecer foi a separação dos meus pais, eu era muito pequena ainda, só que minha mãe me ajuda muito conversando, ela fala que não deu certo. Também decepções de amizade, muitas amizades. (LAURA).*

*Eu tinha 12 anos quando meus pais quase se separaram, meu Deus, eu sofri tanto, só que eu não demonstrava pra eles que eu estava sofrendo porque se não minha mãe ia sofrer mais ainda, então eu tive que esconder de todo mundo que eu não estava feliz, eu não queria demonstrar pra eles que eu estava muito triste, acho que por que minha mãe ficaria ainda mais triste. (JUKINHA).*

*O jovem quer esquecer tudo de ruim que acontece na vida dele, que envolve decepções, sei lá, tudo de ruim que acontece na vida dele. (ELENA).*

*Quando o jovem sofre violência, ele não vai querer lembrar daquilo. Abuso sexual do adolescente, ele nunca mais vai querer lembrar daquilo, é um trauma. (AÇUCENINHA).*

*Pra esquecer continua calada tentando esquecer. (ELENA).*



*Eu procuro me distrair, ver outras coisas, sair. (FELICIDADE).*

*Se você ficar calado é pior. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Eu não, porque se você ficar falando naquilo você não vai esquecer, você tem que ficar calada. (ELENA).*

*Mas se eu ficar calada bem aqui, aí é que eu fico lembrando, tenho que procurar me distrair, sair, conversar para aquele pensamento ir embora, mas se a pessoa quer esquecer, a pessoa não vai ficar falando. (FELICIDADE).*

*Se acontecer alguma coisa ruim comigo eu não vou querer contar pra ninguém, pra meus familiares eu contaria, mas se é uma coisa que eu quero esquecer, eu não vou ficar tocando naquele assunto direto, porque como é que eu vou esquecer uma coisa que eu fico falando direto? É isso que eu quis dizer. (ELENA).*

*Eu acho que uma coisa que cause vergonha em um jovem com certeza ele não vai querer falar pra ninguém ou ele vai desabafar e vai tentar esquecer, agora se for uma coisa que cause medo ou que cause decepção mesmo, ele vai tentar esquecer conversando, desabafando, chorando e também se distrair como a Felicidade falou. (PEACE).*

Continuando a leitura, o grupo-pesquisador parou no seguinte trecho:

De modo diferente, o **coração jovem**, para superar as dificuldades, escuta. **Mas escuta a quem?** Pergunta Love.

*Escuta a outros jovens, aos pais. (ELENA).*

*Os jovens escutam aos pais, obedecer já é outra coisa. (FELICIDADE).*

*Quase todos os conselhos o jovem escuta de outro jovem. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Mas acredita nos pais, eles (os jovens) acham aquilo errado, mas acreditam nos pais. (ELENA).*

*Tipo, vai fazer alguma coisa, aí os pais dizem: não faz porque é errado, aí o jovem faz sabendo que é errado. (FELICIDADE).*

*Quando eu era pequeno minha mãe falava: não coma manga com sal, eu comia e ainda hoje eu como (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

*Eu não converso com meus pais, mas eles conversam comigo (risos), é o contrário. Eles dão conselhos, eles falam, falam, mas eu não me abro com eles, também os professores falam, o professor dá um conselho, eu tenho certeza que ele sabe. Mas é porque é assim, se alguém fala uma coisa, a gente tem que identificar o problema que a gente está tendo com aquilo que*

*ele falou, eu estou vivendo aquilo que ele disse, entendeu? Tipo, se eu dou um conselho para o Chris Rock Blue e ele está passando por algum problema, mesmo que não tenha nada a ver, ele vai tentar envolver aqueles assuntos pra seguir meu conselho. (PEACE).*

*Se for uma dúvida de namorado, eu pergunto para uma amiga minha, primeiro eu pergunto: eu estou namorando com fulano, o que você achou dele? Aí ela vai falar se gostou ou não. Quando eu falo com minha mãe: mãe estou namorando com fulano e tal, aí mãe fala: eu tenho que conhecer ele, aí mãe vai conhecer a pessoa, a família da pessoa, depois ela me diz: eu não gostei disso e disso dele e tal, aí eu converso com ele, aí eu falo: mãe não gostou disso e aí pronto, tenta resolver as coisas. Agora se eu gostar realmente dele, eu continuo com ele e vou tentar fazer com que mãe também goste dele, eu faço isso. Se a amiga disser que a pessoa é ruim, o jovem acredita mais, pelo menos no meu caso, porque se meus pais disserem que achou a pessoa ruim, pode ser que talvez, seja porque eles não querem que eu namore com ele, porque não querem que eu namore com ninguém, entendeu? Não tem esse de bom e ruim, aí eu vou mais na amiga, escuto a amiga, porque pode ser que meus pais digam que ele é ruim porque não querem que eu fique com ele e nem com ninguém. (FELICIDADE).*

*Se chegar um conhecido, não é amigo, falando alguma coisa, primeiro eu pergunto pra pessoa, namorado, depois eu fiscalizo com os amigos, depois eu falo com minha mãe, aí eu chego numa conclusão, mas se a pessoa chegar de primeira eu não acredito. (PEACE).*

*Eu acredito que quem toma essas decisões é a gente, acho que nem o pai nem o amigo vai decidir namorar por ele, ele não vai deixar de namorar por que o pai não deixa, nem por que minha amiga falou. Se a pessoa realmente gostar, não vai ter nem amigo e nem pai que impeça não, é você que decide. (AÇUCENINHA).*

*Até porque a gente é jovem, mas a gente não é uma coisa dispersa, a gente tem que ter sentimento, a gente tem que ter namorado, a gente tem que ter decisões erradas pra aprender também, a gente tem que saber das coisas por experiência própria. (PEACE).*

*A gente tem que adquirir experiência também, não é só pela experiência dos outros, pelo conselho dos outros, vai que a pessoa está dando o conselho errado? (LAURA).*

*Em questão de pai ou amigo, eu acho que depende da situação e também da pessoa. No caso de namorado, depende do namorado, se tem alguma coisa que ele tenha feito pra gerar uma desconfiança, aí a gente tem que ver também. (TRAPINHO).*

Finalizando o texto, os copesquisadores fizeram a última pausa no trecho seguinte:

Enquanto ouvia, os quatro olhos de Love brilhavam de felicidade e ele não se conteve de curiosidade: **É possível sonhar mais? Que outros desejos os jovens têm? E o que ou quem estimula o jovem a querer sempre mais?**

Sobre isto, disseram:

*Viajar.* (CHRIS ROCK BLUE).

*Conhecer outros países.* (JUKINHA).

*Conhecer coisas novas, outras culturas.* (FELICIDADE).

*Casar, ter uma família, ter filhos.* (JUKINHA).

*Filhos? Deus me livre!* (FELICIDADE)

*Acredito que depois que a pessoa realizar esse sonhos, aí sim vai querer casar.* (ACUÇENINHA).

*Sonho nunca acaba, quando você consegue já está pensando em realizar outra coisa, aí vai, vai... nunca acaba.* (FELICIDADE).

Dessa forma, pedi para que os copesquisadores avaliassem a oficina de contra-análise, a qual poderia ser com uma palavra ou conforme o entendimento deles. Os mesmos fizeram conforme transcrito abaixo:

Trapinho: a do Lovepeace achei união e a segunda: discussão entre a gente.

Laura: pra do Lovepeace eu achei amizade e pra história dos bichos eu achei confiança.

Peace: Do Lovepeace eu achei perfeição porque eu adorei o Lovepeace, adorei aquele dia inteiro que ficamos lá e a de hoje foi pensamento, porque eu refleti bastante em relação a muita coisa que veio a minha cabeça, muita coisa que me rodeia que eu não pensava e que a professora fez com que a gente pensasse mais, a gente avaliasse, muita coisa que ela falou e que eu não falei, mas no começo eu não falei por que eu fiquei mais foi pensando, eu pensei bastante e cheguei a muitas conclusões boas. As duas de hoje foram boas.

Açuceninha: avaliando a oficina de hoje, eu acho que foi **esclarecido** tudo que a gente não estava conseguindo identificar.

Jukinha: reflexão.

Elena: reflexão também.

Felicidade: foi boa.

Chris Rock Blue: Foi descontraída, foi uma experiência bem generosa.

Felicidade: foi boa.

Elena: ótimo.

Jukinha: ótimo, foi um prazer participar, tem que ter outra.

Açuceninha: foi ótimo.

Peace: foi muito prazeroso.

Laura: eu adorei.

Trapinho: foi ótimo.

Durante a leitura dos 4 textos, os alunos mantiveram-se atentos e empolgados. Ao final da avaliação me senti feliz, aliviada por perceber a satisfação dos copesquisadores em terem participado da pesquisa.



**Figura 24: Encerramento da Oficina**



**Figura 25: Copesquisadores**

Finalizei o momento entregando a cada um uma pequena lembrança. Tratava-se de um envelope contendo fotos dos dados produzidos por eles juntamente com pequenos papéis coloridos no qual coloquei meu agradecimento a eles.

## 5 O SER JOVEM NAS LINHAS DO PENSAMENTO DOS JOVENS E O CONFRONTO COM OS ESTUDIOSOS DA TEMÁTICA JUVENTUDES



*O corpo muda, mas a cabeça fica lá atrás, a gente não muda tanto em relação à cabeça, eu acho que é confuso porque muda muito o corpo e às vezes os pais que é quem sabe das coisas pra falarem pra gente, às vezes não conversam muito, eu acho meio confuso, coisas que a gente vê, que a gente ouve, mas que a gente não entende [...].*

**(Copesquisadora Peace)**

Como já anunciei anteriormente, o momento filosófico da Sociopoética é aquele dedicado a confrontar o conhecimento produzido pelo grupo-pesquisador, com reflexões teórico-filosóficas de outros autores ou correntes. Nesse caso, a rica produção de dados realizada na pesquisa pelos copesquisadores criaram confetos heterogêneos, polifônicos, polissêmicos e de multiplicidades em relação ao tema gerador “o que é ser Jovem”, permitindo-me, após a análise desses dados, chegar a duas linhas ou dimensões do pensamento do grupo: **Jeitos de Ser Jovem** e as **Problemáticas sobre Ser Jovem para os Alunos do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ**.

A primeira linha da pesquisa diz respeito aos **Jeitos de Ser Jovem para os Alunos do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ**, na qual os copesquisadores produziram vários confetos e problemáticas. Inicialmente, eles se debruçaram na contra-análise sobre o confeto **pássaro-borboletas jovens que são jovens de asas coloridas, com olhos grandes que podem ou não estar prontos para voar e tudo ver**, sobre o qual problematizaram:

*Eu acho que sim, os jovens estão mais que prontos para voar e tudo ver.* (PEACE).

*A gente não está pronto para voar, eu diria que estamos a caminho.* (CHRIS ROCK BLUE).

*Digamos que estamos pegando o voo (risos).* (AÇUCENINHA).

*É porque a gente ainda está começando, depois a gente pega o voo.* (risos). (TRAPINHO).

Interessante observar nestas falas, modos diferentes de pensar o ser jovem **pássaro-borboletas**, pois alguns afirmam estarem prontos, outros não se consideram prontos, mas a caminho e há aqueles que estão ainda começando e só depois pegam o voo. Exceto pela fala de Peace de que os jovens estão mais que prontos para voar e tudo ver, percebo nos outros enunciados a presença de representações instituídas historicamente sobre os jovens de que devido a sua idade ou pela noção de ser em desenvolvimento, podem viver fora da vida produtiva e social com o intuito de preparar-se para o futuro e esperar um tempo para ser adulto, numa espécie de “moratória social” (ABRAMO, 1994; LEVI; SCHMITT, 1996). Isso me chamou atenção porque esses jovens do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ estão com idades entre 15 e 17 anos, estão fazendo um curso técnico profissionalizante e em sua maioria morando em outra cidade, longe de seus pais. Nesse contexto, poderíamos pensar que esses jovens não passaram por uma moratória social? Se não passaram e já adentraram a vida produtiva e social, por que nem todos se consideram prontos para voar e tudo ver? Por que

alguns disseram estar a caminho desse momento? Nesse sentido, para esses jovens do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ, quando essa moratória social termina?

Para problematizar esta dimensão do tempo de espera para o mundo adulto, o grupo-pesquisador criou ainda o confeto **pássaro-jovem** *que é aquele jovem bem diferente, desmanchando-se num fluxo fluido marcado por um corpo em transformação*. Quando questionados na contra-análise sobre: Em que situações o **pássaro-jovem** desmancha-se e torna-se outra pessoa? Os jovens disseram:

*Acho que é quando você casa. (JUKINHA).*

*Quando você vira adulto, quando você passa a ter mais responsabilidade. A partir do momento que você sai da casa dos seus pais pra morar fora, você vai ter que virar um adulto de qualquer forma, você vai ter que ter aquela responsabilidade de morar sozinho. (AÇUCENINHA).*

*Quando você vai para o estágio você também tem que ser um adulto, quando você veio de outra escola para o CTBJ, você se tornou um adulto, porque é mais responsabilidade. Nós somos jovens com responsabilidade de adulto. (PEACE).*

*À medida que vai acontecendo as coisas, você é obrigado a amadurecer cada vez mais. (TRAPINHO).*

Para esses jovens, os ritos de passagem para o mundo adulto são: casamento, saída da casa dos pais, a vinda de outra escola para o CTBJ e o início dos estágios do Curso Técnico em Enfermagem, demonstrando que a juventude não é um momento fixo e bem demarcado. Posto que muitos desses jovens já passaram por alguns desses ritos, eles mostraram que em seus modos de existir, muitas vezes passam por um **Jeito de ser Jovem Adulto**, ou seja, não há um único jeito de ser jovem e nem de se tornar adulto. Ao dizerem, por exemplo: *Nós somos jovens com responsabilidade de adulto*, de certo modo, eles avaliam que aquilo que fazem é diferente do que o jovem considerado padrão pela sociedade faz.

Em lugar da expressão ritos de passagem, talvez fosse mais apropriado dizer ritos de consagração, ritos de legitimação, ou simplesmente, ritos de instituição e

[...] falar em rito de instituição é indicar que qualquer rito tende a consagrar ou a legitimar, isto é, a fazer desconhecer como arbitrário e a reconhecer como legítimo e natural *um limite arbitrário*, ou melhor, a operar solenemente, de maneira lícita e extraordinária, uma transgressão dos limites constitutivos da ordem social e da ordem mental a serem salvaguardadas a qualquer preço, como no caso da divisão entre sexos por ocasião dos rituais de casamento. Ao marcar solenemente a passagem de uma linha que instaura uma divisão fundamental da ordem social, o rito chama a atenção do

observador para a passagem (daí a expressão rito de passagem) quando, na verdade, o que importa é a linha. A rigor, o que esta linha separa? Um antes e um depois, é claro: o menino circuncidado e o menino não circuncidado [...]. (BOURDIEU, 1996, p. 98).

Assim como Bourdieu (1996), a copesquisadora Peace problematizou o fato de o rito chamar a atenção do observador para a passagem e não para a linha, ao dizer que:

*[...] ninguém leva jovem a sério, todo mundo acha que jovem é só uma fase que vai passar, como se a gente hoje não fosse nada, ou é a criança ou é adulto, e entre isso e outro, ninguém compreende.*

De acordo com Bourdieu (1996, p. 100),

A instituição de uma identidade, que tanto pode ser um título de nobreza ou estigma (“você não passa por um...”), é a imposição de um nome, isto é, de uma essência social. Instituir, atribuir uma essência, uma competência, é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou um dever de ser). É fazer ver a alguém o que ele é e, ao mesmo tempo, lhe fazer ver que tem de se comportar em função de tal identidade. Neste caso, o indicativo é um imperativo. A moral da honra constitui uma forma apurada da fórmula que consiste em dizer “é um homem”. Instituir, dar uma definição social, uma identidade, é também impor limites [...].

Nesse caso, quando a copesquisadora Peace afirmou que *todo mundo acha que jovem é só uma fase que vai passar, como se o jovem não fosse nada*, ela me fez pensar sobre o seguinte questionamento: estar na linha significaria não ter uma identidade? Jovem não tem identidade? A copesquisadora Peace também problematizou essa ideia ao dizer em outro momento da contra-análise:

*Acho que todo jovem está à procura da identidade, até achar, a gente vai pegando um pouquinho de um, um pouco de outro, até achar o que você realmente gosta, o que você realmente é.*

Segundo Bomfim (2006, p. 66), “os jovens buscam estabelecer sua identidade, ou seja, uma forma própria de comunicar-se consigo mesmo, com os outros e com o mundo, a partir de novas formas de sociabilidade”. De acordo com Melucci (1992 *apud* SPOSITO, 1996, p. 98), o tema da identidade aparece como importante

*[...] porque esta fase, ao ser caracterizada como de transição, pois nela se gesta um vir-a-ser, é, ao mesmo tempo, uma construção do presente, enquanto superação da infância, e em saída da infância. A busca da idade*



adulta remete para o jovem, quer individualmente ou em grupo, a questão do auto-reconhecimento e de ser reconhecido. Assim, a identidade, individual ou coletiva, sempre pressupõe a dimensão da alteridade, ao ser uma categoria social e relacional.

Nesse contexto, Sposito (1996, p. 99) afirma que

Se a questão da identidade é fundamental para a compreensão desse momento da vida humana, tendemos, no entanto, a considerá-la, no caso do jovem, a partir de estereótipos, quase sempre nascidos pela elaboração de uma imagem originada na mídia [...]. Ao nos referirmos ao universo juvenil, em geral, sem recortá-lo sob a ótica da classe social, tendemos a considerar os jovens consumistas ou alienados. Se recuperarmos a extração de classe, sobretudo para qualificar os alunos da escola pública, acrescentamos, na maioria das vezes, o atributo de violentos ou marginais.

Também é interessante observar o quanto o modelo instituído de jovem – aquele que vive a moratória social e é separado do mundo adulto, atomizado – perpassa o imaginário do grupo, inclusive denotando fragmentação nesses rituais de modo que não há um único ritual para o mundo adulto. Entretanto, nem sempre foi assim, Schindler (1996), por exemplo, comenta que no início da era moderna os ritos de passagem eram bem definidos e os jovens e sua “rebeldia” tinham um lugar nesta sociedade, na verdade, ela já era esperada. Só depois é que há uma atomização do jovem – moratória social – quando eles passam a ser separados do mundo para só depois serem soltos.

Inclusive, para que fosse constituída e demarcada a infância e adolescência como um momento descartado do mundo adulto foram inventados os espaços da escola e da família. Segundo Ariès (1986, p. 11), “a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles”. Ariès (1986, p. 12) afirma ainda que,

A família começou então a se organizar em torno da criança e a lhe dar uma tal importância, que a criança saiu de seu antigo anonimato, que se tornou impossível perdê-la ou substituí-la sem uma enorme dor, que ela não pôde mais ser reproduzida muitas vezes, e que se tornou necessário limitar seu número para melhor cuidar dela.

Outra dimensão interessante dos Jeitos de Ser jovem trazida pelos copesquisadores está no confeto **pássaros jovens em bando** *que são os jovens que andam em bando, misturados, não se sabe quem é quem, nada é pouco, tudo é excesso* que na contra-análise foi

discutido mediante a seguinte questão: O que pode **pássaros jovens em bando**? Os jovens responderam:

*Tem uns que dão ideia, diz: vamos lá pra casa assistir filme, outro tem ideia de bagunçar mesmo, bagunçar na aula, por exemplo, tem um grupinho de amigos, um bando que não gosta de certo professor, aí diz: quando for a aula de fulano, nós vamos largar o pau conversando, aí começa a bagunçar. Já tem uns que não, que são mais calmos, aí diz: vamos lá em casa assistir filme, fazer esse tipo de programa. Pelo menos eu sou assim com meu bando. E jovem tem mais força quando está num bando, com certeza dá mais coragem, às vezes nem quer fazer aquilo, aí vem um e diz: vamos mulher, vai ser bom, não sei o que. Raramente o jovem está sozinho, só anda em bando mesmo (risos). (FELICIDADE).*

*E um bando nunca se junta pra ficar triste, um bando sempre se junta pra ficar mais alegre, pra esquecer tudo, pra zoar, ir na festa, você nunca vê um grupo ali chorando. (PEACE).*

*Se junta nem que seja pra falar besteira (risos). (FELICIDADE).*

*O grupo nunca se junta pra falar de problema. (AÇUCENINHA).*

*Problema é muito íntimo, falar no grupo não! (PEACE).*

*Falar de problema no grupo não, mas com uma, duas pessoas sim. (LAURA).*

*Pra falar dos problemas junta uma, duas, só mais uma colega, mas em bando não. (AÇUCENINHA).*

*Até porque o jovem não presta atenção, se a pessoa está bem aqui triste caçando uma pessoa pra conversar, tipo diz: Chris Rock Blue vamos aqui que eu quero conversar contigo, aí os outros chamam: vamos ali, começa a conversar, nem dá atenção (risos). (FELICIDADE).*

*Acho que quando o jovem se junta pra falar essas coisas tristes, ele não vai lá, fica quieto, os outros é que vão lá e falam com ele, começa a conversar. (CHRIS ROCK BLUE).*

*O jovem fala assim: vamos ali, junte-se a nós (risos). (FELICIDADE).*

*Geralmente quando você vai falar de problema, você não vai falar em bando, você vai falar pra pessoa que você confia, seu melhor amigo, o jovem não confia no seu bando, eu acredito que em todos não, mas tem uns que ele confia mais. (AÇUCENINHA).*

*Até porque amigos de verdade são poucos, mas colegas são milhares, é orkut, face book, aqui na escola todo mundo é amigo, agora pra ser íntimo mesmo, amigo de verdade, acho que são muito poucos. (PEACE).*

*Acho que dá pra contar os amigos verdadeiros nos dedos da mão, de uma mão (risos). (ELENA).*

Nos depoimentos, percebi **Jeitos de Ser Jovem em bando**, pois os copesquisadores demonstram que raramente estão sozinhos. No entanto, os bandos mostrados pelos copesquisadores são diferentes, tem aquele bando que pode se juntar para bagunçar mesmo, bagunçar na aula, mas tem os mais calmos que se juntam para assistir filme ou até para falar besteira. Eles afirmam que um bando nunca se junta para ficar triste, sempre se junta para ficar mais alegre, para esquecer tudo, para zoar, ir à festa.

De acordo com Bomfim (2006, p. 66), os jovens “não querem ficar sozinhos e por isso buscam agregar-se a outros jovens não em formas gregárias tradicionais em que há presença de tutores, mas em grupos nos quais eles e elas são os(as) protagonistas”.

Os copesquisadores também demonstram que o **Jeito de Ser Jovem em bando** é potente, pois o jovem *tem mais força quando está num bando, porque dá mais coragem*. Além disso, não se vê um grupo chorando, nem falando de problemas porque para eles o problema é íntimo e os jovens não confiam em todos do bando, somente em alguns, os amigos de verdade são poucos. Nesse contexto, os copesquisadores levantam a ideia de grupo, das sociabilidades presentes nas amizades, nas festas, no excesso.

De acordo com Dubet e Lapeyronne (1992 *apud* SPOSITO, 1996, p. 100),

É preciso considerar que o momento da juventude é rico em manifestação da sociabilidade, sendo as dimensões expressivas muito mais fortes do que as orientações de caráter instrumental. Ou seja, as formas coletivas e grupais que surgem, às vezes de modo fluido e fragmentário, tendem a incidir muito mais para a manifestação de um desejo de ser, daí a sua natureza expressiva, do que para a lógica racional-instrumental voltada para a consecução de algum fim imediato.

Segundo Sposito (1996, p. 100), “não ocorre, por acaso, o fato de que o mundo da produção cultural e das artes, em especial, a música, a poesia, o teatro e a dança, ocupam grande parte do universo de interesse juvenil”.

O grupo pesquisador também problematizou de modo heterogêneo os **Jeitos de Ser Jovem** nas relações de ficar e/ou namorar no confeto **corpo jovem duas bocas e três corações**. Ao serem indagados sobre: o corpo jovem é volúvel? Ele fica com muitas pessoas ao mesmo tempo? Os jovens responderam:

*Ficar de namorar, se achar! (risos) tem algumas que sim, tem outras que não, tem umas que só sai da festa se pegar cinco ou seis pra sair falando pras amigas, tem outras que não, tem umas que nem fica. (risos), (FELICIDADE).*

*Eu acho que vai de cada pessoa, tem gente que vai namorar e fica só com uma pessoa, mas tem outras que não, fica com um hoje, outro amanhã. (LAURA).*

*Ao mesmo tempo eu acho que o jovem não pode ficar com mais de um, por que se não fica bagunçado, acho que não. Não existe regra pra ficar com alguém. (FELICIDADE).*

De acordo com os copesquisadores, tem jovem que só sai da festa se pegar cinco ou seis para sair falando para as amigas, tem outras que não e tem umas que nem ficam, mas vai de cada pessoa, tem gente que vai namorar e fica só com uma pessoa, mas tem outras que ficam com um hoje, outro amanhã e embora a copesquisadora Felicidade tenha dito que acha que o jovem não pode ficar com mais de um, porque fica bagunçado, a mesma relatou não existe regra para ficar com alguém.

Desse modo, identifiquei que existe uma fluidez das relações entre esses jovens, a qual segundo Pais (2012, p. 38),

[...] como voos de borboletas sem pouso certo, é uma das principais características nas aproximações guiadas por um instinto sexual. A sexualidade tende a transformar-se num domínio de coleção de experiências, terreno de circulação errante dos afetos, de “relações soltas” que podem ou não implicar um compromisso, uma vez que as práticas afetivo-sexuais que as caracterizam não se subordinam, necessariamente, a imperativos de estabilidade.

Sobre isto, Bauman (*apud* Costa, 2009, p. 66) também argumenta:

[...] parece que as pessoas andam atrás de relacionamentos de bolso, úteis e descartáveis. Daquele tipo que dá o máximo de prazer instantâneo e termina num clique. No cenário líquido da vida, o “relacionar-se” está sendo substituído pelo “conectar-se”. Relações virtuais permitem entrar e sair delas com o mínimo de complicações, parecem limpas, inteligentes, fáceis de usar e de encerrar, basta apertar a tecla “deletar”. Aparentemente ganham muito na comparação com relacionamentos “autênticos”, lentos, pesados, confusos.

Os copesquisadores ampliaram a discussão sobre os **Jeitos de Ser Jovem** nas relações de ficar e ou namorar, ainda no confeto **corpo jovem duas bocas e três corações**, diante dos seguintes questionamentos feitos no momento da contra-análise: Um jovem pode beijar todo mundo? Como o jovem escolhe alguém para beijar? Existem critérios para selecionar uma pessoa para beijar? Sobre isto disseram:

*Primeiro você vai pela aparência, depois pela conversa. (JUKINHA).*

*Acho que a aparência e a conversa não bastam, tem que ter algo mais pra te interessar, não vai sair beijando todo mundo. (TRAPINHO).*

*Tem a afinidade também. (LAURA).*

*Eu vou primeiro pela convivência. Se eu for pra uma festa, eu chego lá e converso e chamo pra dançar. Não é a mais bonita, é a que eu gostei mais, se tiver uma mais bonita, mas eu achar outra mais parecida comigo, eu vou ficar com a mais parecida com meu jeito (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

*Quando é na festa, não tem como conversar muito, a pessoa só fica. Geralmente o tempo é curto, ela não vai saber da vida toda de uma pessoa. Depende de como a pessoa chegar para conversar contigo, se já chega chamando para sair, não. Agora tem uns que são mais educados, se apresenta, senta para conversar, aí depende de como a pessoa chama para conversar. (AÇUCENINHA).*

*Acho que é assim, se a gente olhar assim, aí aquela que tiver maior afinidade, aquela troca de olhar, aquela coisa. Não é só pela beleza, pela aparência, lógico que a aparência ajuda e muito, mas tem que ter aquela afinidade, aquela coisa. (LAURA).*

*A mulher pra seduzir o homem é quando você vê aquela mulher só mexendo na franja, arrumando o cabelo, só olhando, encarando, (risos). Aí já sabe, pode ir. (JUKINHA).*

De acordo com os relatos, para selecionar uma pessoa para beijar, alguns dos copesquisadores levam em consideração primeiro a aparência, depois a conversa, entretanto, outros jovens consideram a aparência e a conversa como critérios insuficientes para selecionar uma pessoa para beijar, nesse caso, levam em consideração algo a mais, como a afinidade e a convivência. Nessa discussão, é interessante destacar as ideias trazidas pelas copesquisadoras Açuceninha, Laura e Jukinha pois elas afirmam que *quando é na festa, não tem como conversar muito, a pessoa só fica porque geralmente o tempo é curto*, e durante a conquista, essas jovens demonstram serem participativas ao relatarem que *se a gente olhar assim, aí aquela que tiver maior afinidade, aquela troca de olhar* elas ficam e *a mulher para seduzir o homem, fica mexendo na franja, arrumando o cabelo, olhando, encarando*.

Nesse contexto, essas jovens demonstram um **Jeito de Ser Jovem feminino** diferenciado do que era habitual em tempos passados. Sobre isso, Pais afirma que:

Com efeito, uma das transformações mais significativas entre a geração atual dos jovens e as gerações que a precederam aponta para o mais visível protagonismo das raparigas nos jogos de sedução. Elas são vistas como mais “atiradiças”. Os pretendentes passaram também à condição de pretendidos. Submetidas a um papel de passividade, as jovens foram assumindo uma

outra atitude em relação ao namoro e às conquistas amorosas. Aliás, outrora, os relacionamentos eram marcados por uma ética de compromisso, fidelidade, responsabilidade. A mulher era a face visível desse doutrinado recato. A transgressão era valorizada como atributo da identidade masculina. Hoje, as raparigas saem “fora da casca”, mesmo no porte corporal descascam-se, exibem os seus dotes físicos, tentam por todos os meios impressionar os rapazes. (PAIS, 2012, p. 37).

O autor supracitado afirma ainda que entre os jovens de hoje, as relações amorosas tendem a ser vistas como encontros fortuitos e não tanto como produto de aturadas negociações ou ardilosas conquistas. Alguns resfriam envolvimento afetivos cuja ruptura possa deixar marcas de desgaste sentimental. Às vezes até parece que se norteiam por uma filosofia do “nada é tudo”. O tudo pode ser, simplesmente, o “curtir” ou o “andar com alguém”, sem grandes compromissos.

De acordo com Bauman (*apud* COSTA, 2009, p. 66) aparentemente essas relações amorosas

[...] ganham muito na comparação com relacionamentos “autênticos”, lentos, pesados, confusos. Contudo, parece que homens e mulheres conectados não estão sendo mais felizes do que seus predecessores. Relacionamentos flexíveis estão gerando graus de insegurança sempre maiores, e constantes práticas descartáveis de relacionamento estão desabilitando as pessoas à manutenção de laços de longo prazo.

Os copesquisadores também problematizaram os **Jeitos de Ser Jovem** nas relações de ficar e/ou namorar quando produziram o confeto **coração jovem** *que é o jovem que para superar as dificuldades escuta*. Diante da pergunta: Mas o **coração jovem** escuta a quem? Os jovens relataram:

*Pergunto para uma amiga minha, aí ela vai falar se gostou ou não. Quando falo com minha mãe, ela fala: tenho que conhecer ele, a família da pessoa. Depois ela diz: eu não gostei disso nele, eu conversei com ele, agora se eu gostar realmente dele, eu continuo com ele.* (FELICIDADE).

*Eu acredito que quem toma essas decisões é a gente, acho que nem o pai nem o amigo vai decidir namorar por ele, ele não vai deixar de namorar porque o pai não deixa, nem porque minha amiga falou. Se a pessoa realmente gostar, não vai ter nem amigo e nem pai que impeça não, é você que decide.* (AÇUCENINHA).

*Até porque a gente é jovem, mas a gente não é uma coisa dispersa, a gente tem que ter sentimento, a gente tem que ter namorado, a gente tem que ter decisões erradas pra aprender também, a gente tem que saber das coisas por experiência própria.* (PEACE).

*A gente tem que adquirir experiência também, não é só pela experiência dos outros, pelo conselho dos outros, vai que a pessoa está dando o conselho errado? (LAURA).*

*Em questão de pai ou amigo, eu acho que depende da situação e também da pessoa. No caso de namorado, depende do namorado, se tem alguma coisa que ele tenha feito pra gerar uma desconfiança, aí a gente tem que ver também. (TRAPINHO).*

Embora tenham dúvidas sobre os namoros e perguntem para os pais ou amigos, esses jovens afirmaram autonomia ao tomar suas próprias decisões. Segundo Pais (2012, p. 36),

Há entre os jovens um sentimento crescente da sua capacidade de decisão relativamente às opções que tomam nos relacionamentos afetivos e amorosos. Eles acham que é sua a decisão sobre com quem andam ou venham a casar. O mesmo se pode dizer quanto às decisões em relação ao aborto ou às inclinações sexuais. O individualismo modelou a intimidade no mundo contemporâneo, alargando o campo das opções. Se numa época de repressão da sexualidade o problema era o dos limites que inibiam a expressividade sexual, noutra época relativamente liberta de constrangimentos, a preocupação, como muitos pais reconhecem, é a dos limites que impeçam a banalização da sexualidade, subtraindo-a das suas componentes afetivas.

O grupo pesquisador também problematizou essa linha de outro modo, ao mostrar **Jeitos de Ser Jovem** fazendo relações com o tempo, quando produziram os confetos **jovens tartaruga** *que são aqueles jovens que agem esperando o tempo sem ansiedade* e **jovem tigresa** *que corre feito gato, o tempo nunca é suficiente e nem eficiente*. E quando questionados: *É o jovem que faz a hora? Ou a hora já vem marcada? Qual o tamanho da liberdade do jovem? Os copesquisadores disseram:*

*É o jovem que faz a hora. (JUKINHA).*

*Depende do compromisso (risos). (AÇUCENINHA).*

*Depende, na escola você tem que acordar 6h, fazer o café da manhã, se você atrasar 2 minutos você perde o ônibus (risos). (JUKINHA).*

*Se perder o ônibus tem que pegar moto táxi (risos). (CHRIS ROCK BLUE).*

*Agora quando o jovem marca um programa assim, é ele que marca a hora, depende do compromisso, no final de semana ele faz a hora. (AÇUCENINHA).*

*Acho que o jovem pode dividir seu tempo, mas escolher a hora de tudo, não! (PEACE)*

*Não sei o tamanho da liberdade do jovem, a liberdade depende dos pais de cada um, depende muito. (LAURA).*

*Ninguém é totalmente livre, porque o mundo é cheio de regras, ninguém tem toda liberdade de fazer o que quer, sempre tem alguma regra a seguir, mesmo que não queira. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Sempre vai ter horário pra tudo, independentemente do que for fazer, então eu acho que nunca vai ser livre. (LAURA).*

*Acho que sempre vai ter a lei e a ética, você não vai xingar no meio da igreja, você também não vai sair com um carro a 200Km/h numa rua, acho que tem isso. (PEACE).*

*Mas não é porque a pessoa é livre pra fazer aquilo que ela vai fazer, às vezes eu tenho a liberdade para fazer aquilo, mas eu não vou fazer porque eu sei que é errado, mas liberdade pra fazer aquilo eu tenho. (FELICIDADE).*

*Tem muitas pessoas que falam que querem morar sozinhas, porque não aguenta mais morar com os pais porque quer ser livre, teve um colega meu que estava falando isso, eu falei: meu filho, é tão bom morar com seus pais, quando você vai morar sozinho, você além de ter hora pra acordar no final de semana, tem que ir no supermercado, tem que ir varrer casa, lavar louça, tem que ir lavar roupa. (JUKINHA).*

*Eu moro com meus pais, mas eu tenho que fazer tudo isso. (risos), (FELICIDADE).*

*Mas quando você mora com seus pais, se acontecer alguma coisa, você sabe que seus pais vão fazer por você e no meu caso minha filha, não tem isso não, ou sou eu, ou sou eu. Esse negócio de fazer festa em casa, eu dizia que ia fazer festa em casa era todo dia. Hum! Mas depois eu falei: ei meu filho, vocês não sabem o tanto que dá trabalho depois limpar (risos). (JUKINHA).*

*A vida está boa, eu gosto da liberdade restrita (risos). (ELENA).*

*É porque todo mundo sempre reclama de tudo, nunca está bom pra ninguém, nem adianta, a pessoa pode ter a vida mais perfeita do mundo, mas pra ela não está. (FELICIDADE).*

*Por exemplo: a vida de Felicidade pra mim pode ser perfeita, mas pra ela, ela já quer alguma coisa, não é perfeita, falta alguma coisa. (CHRIS ROCK BLUE).*

Nesses relatos, os copesquisadores mostraram um **Jeito de Ser Jovem** problematizando o tempo e a liberdade. Em relação ao tempo, os copesquisadores disseram que o jovem não faz a hora, depende do compromisso e mesmo que a copesquisadora Jukinha tenha dito inicialmente que o jovem faz a hora, a mesma retomou seu relato afirmando que depende também da escola, porque precisam acordar às 6h, fazer o café da manhã, se atrasar 2 minutos o jovem perde o ônibus e nesse caso, precisa ir de mototáxi. Para eles, o jovem faz a



hora no final de semana e podem dividir seu tempo, mas escolher a hora de tudo não. Evidenciei nesse momento, o quanto a rotina desses jovens está relacionada à escola, uma vez que fazem o Ensino Médio pela manhã, o Técnico em Enfermagem à tarde e muitas vezes ainda precisam frequentar os estágios do curso profissionalizante à noite.

Nesse contexto, lembrei-me dos versos: “Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer” da música Pra não dizer que não falei das flores, composta e interpretada por Geraldo Vandré, que ficou em segundo lugar no Festival Internacional da Canção, de 1968 e, depois disso, teve sua execução proibida durante anos, pela ditadura militar brasileira. A canção que incitava o povo à resistência levou os militares a proibi-la, usando como pretexto a "ofensa" à instituição contida nos versos "Há soldados armados, amados ou não / Quase todos perdidos de armas na mão / Nos quartéis lhes ensinam uma antiga lição / de morrer pela pátria e viver sem razão". Não seria controverso em um tempo de democracia, a escola fazer o tempo dos jovens? Essa também não seria uma forma da escola vigiar os jovens?

Atravessando a problemática do tempo os jovens falam da liberdade ao dizerem que não sabem o tamanho da mesma, depende dos pais de cada um. Para a copesquisadora Jukinha, tem muitos jovens que querem morar sozinhos, porque não aguentam mais morar com os pais, querem ser livres, mas para ela é bom morar com os pais, porque quando o jovem vai morar sozinho, além de ter hora para acordar no final de semana, tem que ir ao supermercado, varrer a casa, lavar louças, lavar roupa. No entanto, a copesquisadora Felicidade disse que mora com os pais e também precisa fazer tudo isso. Por sua vez, a copesquisadora Jukinha argumentou que quando o jovem mora com seus pais, se acontecer alguma coisa, ele sabe que os pais vão fazer por ele, no caso dela não tem isso, ela precisa fazer. Desse modo, ao contrário de muitos jovens que pensam que serão mais livres ao saírem de casa, a copesquisadora Jukinha mostrou um **Jeito de Ser Jovem** livre diferente do que costuma ser habitual, para ela, a liberdade seria maior se estivesse em casa, pois o que ela não fizesse, seus pais fariam por ela. A copesquisadora Elena, que mora com os pais, revelou ainda que a vida está boa e gosta da liberdade restrita.

O copesquisador Chris Rock Blue problematizou ainda mais essa discussão mostrando um **Jeito de Ser Jovem** que não é totalmente livre, porque o mundo é cheio de regras, sempre tem alguma regra a ser seguida. Peace acha que sempre haverá a lei e a ética, por exemplo, o jovem não vai sair com um carro a 200 km/h numa rua. Felicidade complementa esse pensamento ao dizer que não é porque a pessoa é livre para fazer aquilo que ela vai fazer, às vezes o jovem tem a liberdade para fazer aquilo, mas não faz porque sabe que é errado e

considera ainda que liberdade para fazer aquilo, ela tem. Nesse caso, o pensamento de Felicidade é diferente do pensamento de Laura que afirma que sempre haverá horário para tudo, independentemente do que for fazer, então o jovem nunca será livre. Nessa discussão, notei que esses jovens reconhecem a existência de regras na sociedade e não sentem o desejo de transgredi-las, porque sabem que é errado.

Os copesquisadores ampliaram essa discussão questionando o “seguir as regras” e a relação com a liberdade, quando criaram o confeto **borboleta jovem** *que é o jovem livre para voar, porque tem mais liberdade. No caso da borboleta jovem a liberdade é bom porque as dificuldades **buraco negro** são aquelas em que o jovem vive sob pressão, sob mandados, e isto para quem está começando a vida não é fácil.* Diante da pergunta: Que pessoas ou situações podem exercer pressão a um jovem, a ponto de impedir a liberdade? O grupo respondeu:

*As regras da escola e em parte os pais. Toda escola acho que pressiona, porque tem aquela preocupação: o aluno tem que tirar nota boa, o aluno tem que se comportar, não pode responder aos professores, tem que assistir a todas as aulas e em parte os pais por impor limites. (JUKINHA).*

Conforme o relato, a copesquisadora Jukinha revela que as regras da escola exercem pressão a um jovem, porque o aluno tem que tirar nota boa, comportar-se, não pode responder aos professores, deve assistir a todas as aulas. Nesse caso, haveria uma tentativa da escola e dos pais em criar um **Jeito de Ser Jovem** docilizado? E nesse contexto, esses jovens estariam docilizados? Penso que por sua vez, os **confetos borboleta jovem** e **buraco negro** denunciam um corpo desejoso de ser livre e autônomo frente a uma vida que não é fácil por estar sempre à mercê de ordens vindas de todas as instâncias, devido estar começando envolvido em mandados de todo ordem.

A segunda linha da pesquisa trata das **Problemáticas dos Jovens**, na qual os jovens problematizaram principalmente a **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos** e a **Relação dos Jovens com os Estudos**.

Na discussão da **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, os copesquisadores criaram o confeto **Pássaro jovem língua de fogo**, *o qual é o jovem que solta faíscas, quem nele toca a brasa queima, seu corpo brinca com fogo, corre riscos.* Sobre como lidar com **pássaro jovem língua de fogo**, os copesquisadores disseram:

*Depende mais da confiança dos pais, porque se o pai confia no filho, ele não vai ter necessidade de ser rebelde. Agora se o pai prende o filho, se ele não*

*deixa ele sair, com certeza o filho vai ser rebelde. Pra lidar com o filho rebelde, eu acho que os pais deveriam depositar mais confiança nos filhos porque a final, são filhos. (LAURA).*

*Mas também os filhos tem que fazer por onde os pais depositarem essa confiança, porque tem uns que querem ter confiança, mas não fazem por onde ter confiança, aí como é que os pais vão confiar? (FELICIDADE).*

*Geralmente são esses filhos que não merecem a confiança dos pais é que são os rebeldes. Os jovens levam muito a fama de rebeldes por causa de poucos, não são todos que são. (CHRIS ROCK BLUE).*

*É porque jovem tem aquela fama de que ninguém entende jovem. O jovem está querendo uma coisa, amanhã está querendo outra, diz uma coisa, faz outra. É tudo o jovem que faz, tudo é o jovem que tem culpa. (FELICIDADE).*

*Eu acho assim, que tem que colocar limites, dizer: eu deixo você ir, mas você tem que chegar certa hora, se você não chegar, eu não deixo você ir na próxima vez, pelo menos minha mãe faz isso. (JUKINHA).*

*Acho que isso é o que acontece. (ELENA).*

*Acho que tem é que conversar (os pais conversarem com os filhos), não é bater, tirar coisas, botar de castigo, é conversar, acho que todo jovem entende quando conversa, não tem nem como não entender. (PEACE).*

*Eu acho assim, que é só uma forma de proteger, mas claro, como todo mundo falou, tem que ter limite, porque prender não faz bem pra ninguém, acho que tem que deixar o jovem sair, mas impondo limite. (TRAPINHO).*

*Acho que se aconteceu alguma coisa errada, aí ele chega no pai e diz aconteceu: isso e isso, aí o pai vai ensinar, agora se ele prende, prende e de uma hora para outra solta, ele vai morar em outra cidade, aí ele não tem companhia, não tem com quem conversar, aí ele vai experimentar e vai fazer coisa errada. (PEACE).*

*Minha mãe e meu pai nunca foram de prender eu e minha irmã, se eles iam pra festa, mesmo tendo oito anos de idade, a gente ia e ficava com eles, mas eles ensinavam, quando viam alguma coisa diziam: isso não é certo, é errado, não faça isso, ensinava. Sempre foi assim, acho que por isso que hoje pai e mãe, eles confiam em mim e minha irmã. (JUKINHA).*

*Mãe diz assim: se for beber, não quero que você beba, mas se for beber, não vá beber no copo de ninguém, aí quando eu chego, ela fala desse jeito: bebeu? Eu digo: só um pouquinho, e aí pronto (risos). Se acontecer alguma coisa eu conto, por exemplo, se uma amiga embebedar, eu conto, mãe briga comigo e briga com ela. (FELICIDADE).*

Desse modo, os copesquisadores levantaram a importância da confiança para que os pais possam lidar com os jovens “rebeldes”. Além disso, trouxeram à tona a ideia de que a rebeldia não é uma característica de todos os jovens, trata-se de “fama”, ou seja, uma ideia cristalizada que foi construída historicamente e que permanece até os dias atuais em grande

parte da sociedade. Sobre isto, Abramo (1997) afirma que as ações dos jovens foram quase sempre vistas como ações inconsequentes e desvairadas, imediatistas, desvinculadas de uma dimensão de projeto e de finalidade. Não é a toa que atualmente, é muito marcante a imagem dos jovens que assustam e ameaçam a integridade social; são vistos com medo e com perplexidade pela sociedade. Nessas interpretações e/ou abordagens parece existir uma certa dificuldade em considerar os jovens como sujeitos propositivos.

O grupo trouxe outras ideias sobre como lidar com **pássaros jovens língua de fogo** no momento em que uma das copesquisadoras disse:

*Eu acho que a questão que o jovem tem mais dificuldade é na questão da sexualidade envolvendo como um todo. (JUKINHA).*

Sobre isso, o grupo problematizou:

*Eu acho que a sexualidade deveria ser conversada era com o pai mesmo, porque eu acho que o início está aí, nem todo pai e nem toda mãe se abre, porque já vem lá de trás, por exemplo, eles dizem: ah! Porque meu pai e minha mãe não conversaram comigo, eu não sei como conversar com meus filhos, então vem dos pais. (PEACE).*

*Os jovens só falam dessas coisas sobre sexualidade quando estão na escola ou então quando conversam com as amigas, alguma coisa assim. (FELICIDADE).*

*Algumas pessoas não têm com quem se abrir, se é um aluno do primeiro ano, ele não vai ter intimidade de conversar com outros jovens, ele quer outra pessoa, uma pessoa adulta para conversar. O jovem quer conversar com um adulto, ele só tem é vergonha. (JUKINHA).*

*É porque o jovem tem medo de falar o que está acontecendo e levar uma bronca, acho que é isso, o medo da reação do adulto. Ao invés de compreender ou tentar ajudar, vai logo com as broncas e tudo mais. O jovem vai ter é medo de conversar com um adulto, diz: não, não vou conversar com um adulto não, não dá certo porque vem briga, vou conversar com o jovem que entende mais, aí ensina as coisas erradas ou então as coisas certas, aí conversa com o jovem (risos). (FELICIDADE).*

*A gente queria conversar com um adulto, principalmente dos problemas do dia a dia, chegar em casa e dizer: aconteceu isso na escola, acho que isso já dá uma aproximação maior pra você conversar sobre sexualidade, sobre drogas, sobre namoro, álcool, essas coisas. Eu acho que deveria ter essa aproximação, porque hoje em dia, os pais só pensam em trabalhar e dar um futuro para o filho, só que não pensa que tem que ter aquela intimidade com o filho primeiro pra fazer com que a pessoa seja melhor e não só tenha com o que sobreviver, o que comer, que carro andar, essas coisas. Deveria ter uma maior aproximação dos pais com os filhos. (PEACE).*

*Eu acho que a maioria dos pais deixa tudo pra escola, dizem: o que eu não ensino em casa, lá na escola eles vão falar sobre isso, aí pronto! A maioria pensa assim: não vou conversar isso com meu filho, porque na escola ele aprende, aí fica por isso, ele pensa: conversar pra que? (FELICIDADE).*

*Os pais dizem: não vou conversar porque já sabe mais que eu, às vezes a pessoa nem sabe. Eu converso com meus pais, mas não é como eu gostaria. (PEACE).*

Conforme os relatos, a sexualidade aparece como uma problemática ligada à **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, pois para esses jovens a sexualidade deveria ser conversada com os pais. Além disso, deveria ter uma aproximação maior dos pais com os jovens para que eles pudessem conversar sobre sexualidade, drogas, namoro, álcool e outros assuntos.

É possível entender, no momento em que os copesquisadores disseram que os pais só pensam em trabalhar e dar um futuro para o filho, que essa falta de aproximação dos pais com os filhos pode ser em consequência dos tempos modernos, nos quais pais e mães se desdobram em longas jornadas de trabalho. Esses jovens também comentaram que o problema já vem “lá de trás”, ou seja, os pais não conversam com os jovens porque não sabem como fazer isso, porque os pais deles também não conversaram com eles. Dessa forma, percebi que essa falta de aproximação pode ser em consequência de um distanciamento entre as gerações, onde permanece a ideia de transferência de saberes de pais para filhos, onde o que não é aprendido, não é posteriormente ensinado.

Sobre isso, Pais (2012, p. 29) comenta que

*Se em épocas anteriores ressaltava um aparente distanciamento entre as gerações, hoje questiona-se a relativa dissolução de vínculos de respeitabilidade entre pais e filhos que se traduz, em alguns casos, por uma falta de controle educativo. Discute-se mesmo o abandono a que os filhos são relegados, não porque não sejam amados, mas, simplesmente, porque não são devidamente acompanhados. É a problemática dos chamados “pais ausentes”, por deixarem os filhos demasiadamente à solta.*

Nesse contexto, os copesquisadores disseram que os jovens só falam sobre sexualidade quando estão na escola ou então quando conversam com os amigos. No entanto, alguns não têm com quem se “abrir”, porque se o jovem é um aluno do primeiro ano, ou seja, recém-chegado na escola, ele não tem intimidade de conversar com outros jovens. Esses jovens afirmaram que querem conversar com um adulto, porém eles têm vergonha, medo de falar o que está acontecendo, medo da reação do adulto, porque esse, em vez de compreender ou tentar ajudá-los, dão broncas. Desse modo, os jovens justificam que conversam sobre

sexualidade e outros assuntos com outros jovens porque esses entendem mais. É interessante notar que os copesquisadores ao dizerem que os amigos podem ensinar coisas erradas ou certas, demonstraram saber o risco de obter orientações erradas ao conversarem com outros jovens.

Durante a contra-análise, alguns copesquisadores disseram que fizeram “*uma viagem muito boa, calma, tranquila e senti sono, paz. Achei que estava pelo céu, em várias nuvens, no alto. Lá eu ficava de um lado para outro pensando na tranquilidade, como é que é a vida sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade*”. Quando questionados sobre em que sentido a vida de um jovem é intranquila? Os copesquisadores retomaram a problemática da sexualidade ligada à **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**. Sobre isso, disseram:

*Acho que a culpa é dos pais que não conversam sobre sexualidade em casa, aí depois vem um amigo na escola e diz: ei tu sabe disso? (PEACE).*

*Quando os pais da gente vem conversar, faz tempo que a gente está sabendo, já é passado, já tem é outro nome pra aquilo dali. (FELICIDADE).*

*Às vezes já sabe mais que o próprio pai. (LAURA).*

Conforme os relatos, para a copesquisadora Peace, a vida de um jovem é intranquila por culpa dos pais que não conversam sobre sexualidade em casa, deixando os filhos a mercê das informações dadas por outros jovens, que como o grupo afirmou, podem ser certas ou erradas. É interessante notar que anteriormente, quando o grupo discutiu o confeto **pássaros língua de fogo**, essa copesquisadora afirmou que os pais dizem que não conversam com os filhos porque

*Os pais dizem: não vou conversar porque já sabe mais que eu, às vezes a pessoa nem sabe. (PEACE).*

Para Peace, talvez os pais não conversem com os filhos porque pensam que eles já sabem sobre sexualidade, no entanto, para esta copesquisadora às vezes o filho nem sabe. De modo diferente, para as copesquisadoras Felicidade e Laura, quando os pais vêm conversar com eles, faz tempo que eles já estão sabendo, às vezes já sabem mais que o próprio pai.

Nesses casos, percebi que talvez até exista a tentativa dos pais em conversar com os filhos, porém em tempos que não estão de acordo com a necessidade dos jovens. Ao invés de conversarem com antecedência sobre assuntos como sexo e sexualidade, doenças sexualmente

transmissíveis, métodos contraceptivos e outros, os pais conversam após esses jovens terem feito suas próprias descobertas e escolhas.

De modo diferente, houve jovens que sobre a **Relação com os Pais e Adultos** trouxeram ideias sobre quais as situações a vida do jovem pode ficar confusa e estranha elencando as mudanças do corpo como problema ao dizerem:

*O corpo muda, mas a cabeça fica lá atrás, a gente não muda tanto em relação à cabeça, eu acho que é confuso porque muda muito o corpo e às vezes os pais que é quem sabe das coisas pra falarem pra gente, às vezes não conversam muito, eu acho meio confuso, coisas que a gente vê, que a gente ouve, mas que a gente não entende, os pais fazem coisas que a gente não entende, por exemplo, prender, não deixar ir na festa, só muito tempo depois que você vai entender porque não podia ir para aquela festa. (PEACE).*

Nesse contexto, ao dizer que *o corpo muda, mas a cabeça fica “lá atrás”*, ou seja, muitas transformações ocorrem no corpo e poucas mudanças psicológicas, esta copesquisadora levanta uma ideia que de certo modo é diferente da ideia usual presente na sociedade de que junto ao desenvolvimento físico do jovem uma série de mudanças psicológicas ocorre. O relato dessa copesquisadora me fez pensar que de fato, as mudanças no corpo e psicológicas não acontecem necessariamente de forma linear, nem sempre uma acompanha a outra na mesma velocidade, ou seja, as mudanças do corpo e da mente podem se passar em tempos diferentes na vida de um jovem, inclusive gerando nele um comportamento que pode diferir daquele que é esperado pela sociedade.

Durante a contra-análise, após mencionarem as situações em que a vida do jovem fica confusa e estranha, realçando a problemática das transformações do corpo na **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, fiz o seguinte questionamento: Que tipo de emoções os jovens sentem diante dessas situações confusas e estranhas? Sobre isto, os jovens responderam:

*Emoções? Eu fico é zangado quando meus pais não deixam sair, depois vem as indiretas, todo mundo vai, só quem não vai sou eu. (CHRIS ROCK BLUE).*

*Não tem nadinha, é melhor os pais saberem do que a gente faz, de todo jeito a gente vai fazer mesmo, é pior que fazer escondido, se prender em casa fica com raiva, aí diz: rapaz, na próxima vez que eu sair eu vou chegar é tal hora, se for pra eu chegar meia noite eu vou chegar é 2 horas, aí é pior. (FELICIDADE).*

*Eu acho assim, que tem que colocar limites, dizer: eu deixo você ir, mas você tem que chegar certa hora, se você não chegar, eu não deixo você ir na próxima vez, pelo menos minha mãe faz isso. (JUKINHA).*

*Acho que isso é o que acontece. (ELENA).*

*Acho que tem é que conversar, os pais conversarem com os filhos, não é bater, tirar coisas, botar de castigo, é conversar, acho que todo jovem entende quando conversa, não tem nem como não entender. (PEACE).*

*Eu acho assim, que é só uma forma de proteger, mas claro, como todo mundo falou, tem que ter limite, porque prender não faz bem pra ninguém, acho que tem que deixar o jovem sair, mas impondo limite. (TRAPINHO).*

*Acho que se aconteceu alguma coisa errada, aí ele chega no pai e diz aconteceu: isso e isso, aí o pai vai ensinar, agora se ele prende, prende e de uma hora para outra solta, ele vai morar em outra cidade, aí ele não tem companhia, não tem com quem conversar, aí ele vai experimentar e vai fazer coisa errada. (PEACE).*

*Minha mãe e meu pai nunca foram de prender eu e minha irmã, se eles iam pra festa, mesmo tendo oito anos de idade, a gente ia e ficava com eles, mas eles ensinavam, quando viam alguma coisa diziam: isso não é certo, é errado, não faça isso, ensinava. Sempre foi assim, acho que por isso que hoje pai e mãe, eles confiam em mim e minha irmã. (JUKINHA).*

*Mãe diz assim: se for beber, não quero que você beba, mas se for beber, não vá beber no copo de ninguém, aí quando eu chego, ela fala desse jeito: bebeu? Eu digo: só um pouquinho, e aí pronto (risos). Se acontecer alguma coisa eu conto, por exemplo, se uma amiga embebedar, eu conto, mãe briga comigo e briga com ela. (FELICIDADE).*

Nesses relatos, os copesquisadores afirmaram que quando os pais não deixam os filhos irem à festa, eles ficam zangados, fazem indiretas aos pais dizendo que todo mundo vai, só quem não vai é ele e se prender em casa, o jovem fica com raiva e diz que na próxima vez que for sair, se for para ele chegar à meia noite, ele vai chegar às 2 horas, ou seja, quando contrariados pelos pais, os jovens manifestam sentimentos negativos e reagem fazendo indiretas e quebrando regras. Nesse caso, realçam a problemática da **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, problemas intergeracionais que estariam também problematizando um **Jeito de Ser Jovem** que se rebela em relação às normas, mostrando inclusive a quebra da imagem estabelecida quando anteriormente questionei: esses jovens estariam docilizados? Nesse momento, talvez o questionamento a ser feito seja: esses jovens seriam rebeldes?

Diante da mesma pergunta que originou esta discussão: Que tipo de emoções estas situações trazem para o jovem? Percebi que as copesquisadoras Jukinha, Elena, Peace e Trapinho acabaram retomando uma discussão aberta anteriormente sobre como lidar **com pássaro jovem língua de fogo**, pois a copesquisadora Jukinha afirmou que os pais precisam colocar limites, deixar sair, mas estabelecer o horário de voltar e se o filho não chegar no horário, não deixá-lo ir na próxima vez, e conclui que a mãe dela faz isso. A copesquisadora



Elena complementa dizendo que acha que é isso que acontece, por sua vez, a copesquisadora Trapinho também pensa dessa forma e acrescenta que é só uma forma de proteger, mas é claro, tem que deixar o jovem sair, mas impondo limite. De modo diferente, para a copesquisadora Peace, os pais precisam conversar, não devem bater, tirar as coisas, nem colocar de castigo, e sim conversar, porque todo jovem entende uma conversa. Desse modo, os jovens ressaltam a importância dos limites e do diálogo entre pais e filhos.

Assim, como os jovens desta pesquisa, a filósofa e psicanalista Viviane Mosé, no vídeo **O que podem os afetos**, também mostra a importância dos limites na formação das pessoas, entretanto, chama atenção ao fato de que o problema é que os limites em nossa sociedade se tornaram mais importantes do que a própria a vida. Senão vejamos:

[...] criamos na nossa sociedade o número de limites que não se justificam em relação à vida e que não existem como meios para atingir a própria vida. Os limites passaram a ser a finalidade e não o meio. Não é possível viver sem limites, deveríamos amar os limites porque eles nos permitem organizar esse caos que somos. Nós somos um fundo caótico de afetos, de intensidades que buscam se significar, aparecer, se manifestar. (O QUE, 2009).

Nos relatos dos copesquisadores, a pergunta mencionada anteriormente e elaborada a partir dos relatos da viagem ao corpo jovem: Em que sentido a vida de um jovem é intranquila? Originou discussões diferentes, pois nesse momento, os jovens demonstraram a **Problemática dos Jovens em Relação aos Estudos** ao dizerem:

*Fazer o Ensino Médio junto com o curso Técnico em Enfermagem é uma intranquilidade, porque no momento que você está na sala de aula você tem que prestar atenção, porque quando você vai estagiar você está lidando com uma vida, então você não pode fazer nada de errado, porque aquela pessoa que não tem nada a ver com a sua vida vai sofrer. (JUKINHA).*

*Ao mesmo tempo em que você lida com o Técnico você tem a preocupação com o Ensino Médio e o Ensino Médio não é moleza, é uma barra, os dois ao mesmo tempo, cai semana de prova global, semana de prova no Técnico e estágio a noite, aí lasca! (AÇUCENINHA).*

Percebi que esses jovens se preocupam com o Curso Técnico em Enfermagem, reconhecendo a responsabilidade que precisam assumir por terem que lidar com vidas. Em relação à preocupação com o ensino médio, ela ocorre principalmente em função do desejo que esses copesquisadores têm de passar em um vestibular, conforme ratifica a copesquisadora em seu relato:

*A gente quer voar para o alto e avante! (risos). O alto são nossos objetivos que falamos. Até passar no vestibular, só se fala em vestibular (risos). (ELENA).*

Os jovens também trouxeram outras **Problemáticas em Relação aos Estudos** ao mencionarem suas dificuldades no curso Técnico em Enfermagem, entre elas: ter que falar de problemáticas de jovens para outros jovens, conforme os relatos abaixo:

*Nosso projeto da professora Carla de sexualidade na adolescência, a gente tinha que falar dos problemas de jovens pra outros jovens, causava intranquilidade, porque a gente ficava sério, tentando ser sérios, explicando as coisas e eles ficavam com gracinha. (FELICIDADE).*

*Por a gente ser jovem também, eles não tinham tanto respeito pela gente, é claro. (ELENA).*

*Eles ficavam dizendo: já sei essas besteiras aí, nadinha, nem sabia! A Andressa lá ensinando a colocar a camisinha, aí eles ficavam dizendo: essa aí pratica. (FELICIDADE).*

*Quando a gente chegou lá, acho que eles pensaram que por a gente ser jovem, eles não achavam que a gente ia falar aquele tanto de coisa, aí já chegava a Rita a Jeovalda (alunas da subsequência que têm mais idade) começavam a falar, aí eles já ficavam mais calados, prestavam mais atenção. Mas eu prefiro ouvir outro jovem. (FELICIDADE).*

*Mas naquele caso ali, era pra ser uma conversa formal, de um adulto com o jovem porque eles não levavam a gente a sério. (ELENA).*

Conforme os relatos, causava intranquilidade aos copesquisadores falar de problemas de jovens, em especial no momento dos estágios, ocasião em que eles tinham que ser **jovens adultos** para outros jovens porque esses *ficavam com gracinha; por a gente ser jovem também, eles não tinham tanto respeito*, diziam que *já sei essas besteiras, não levavam a gente a serio, eles pensaram que por a gente ser jovem, eles não achavam que a gente ia falar aquele tanto de coisa, aí já chegava a Rita e a Jeovalda, alunas da subsequência que têm mais idade, começavam a falar, aí eles já ficavam mais calados, prestavam mais atenção.*

Tais relatos demarcam uma problemática significativa para esses jovens na sua formação. Como falar para jovens sendo jovens também? Percebo que essa dimensão envolve a questão do poder de falar: Quem pode falar? Observo a importância do exercício da fala e da escuta, tão necessárias para o estabelecimento da segurança, da autonomia e da cidadania desses jovens. A coragem para falar, indica que falar não é algo natural, mas produzido socialmente e baseado na divisão: senhores-escravos, senhores-súditos, dirigentes-cidadãos, dentre outros. De acordo com Clastres (1989 *apud* ADAD, 2012, p. 9), “Falar é antes de tudo,

deter o poder de falar. Ou, ainda, o exercício do poder assegura o domínio da palavra: só os senhores podem falar.” (CLASTRES, 1989, p. 106 apud ADAD, 2012, p. 9). Nesse caso, para esses jovens talvez os senhores – aqueles que podem falar – sejam os adultos, o que pode ser confirmado quando esses jovens afirmam que quando as alunas do curso Técnico em Enfermagem adultas falavam, os jovens ouvintes ficavam mais calados, prestavam mais atenção ou ao dizerem *que ali era para ser uma conversa formal de um adulto com o jovem*.

Ainda segundo Clastres, a marca primordial das sociedades baseadas na divisão é

[...] o fato irredutível de um poder destacado da sociedade global, pelo fato de que somente alguns membros o detêm; de um poder que, separado da sociedade, se exerce sobre ela, e, se necessário, contra ela. Por isso, nessas sociedades, há uma aliança entre palavra e poder, em que os súditos estão submetidos ao silêncio do respeito, da veneração ou do terror. Neste caso, o homem do poder é não somente o homem que fala, mas a única fonte de palavra legítima, porém palavra empobrecida, porque se chama ordem, apenas um fala e deseja somente a obediência do executante. (1989 apud ADAD, 2012, p. 9).

Penso que por isso os jovens desta pesquisa pensem sobre o poder da fala e da escuta. Altoé (1990 apud ADAD, 2012, p. 9) em sua pesquisa etnográfica com crianças internas em instituições fechadas fala do mutismo imposto a elas, em sua socialização. Nos espaços institucionais aprende-se a calar porque falar é fonte de palavra chamada ordem, apenas um fala. A autora afirma que:

Quando a criança começa a falar e a se expressar, aprende logo que, ‘não tem voz’, que o que ela fala não é considerado para que se possa manter a ordem no funcionamento e ter condições de trabalho. E para que o atendimento seja dado a todos, a disciplina se impõe como uma necessidade inquestionável tanto para as crianças como para os funcionários.

Não é à toa, que os jovens copesquisadores relataram que embora os jovens para os quais eles falavam das problemáticas não tivessem dado atenção, na opinião deles, o jovem prefere ouvir a outro jovem porque é mais fácil de entender e porque o adulto quando fala é brigando. Conforme os relatos:

*Jovem presta mais atenção em outro jovem falando do que em um adulto, mas depende do adulto.* (AÇUCENINHA).

*O adulto fala o tempo todo, quando você vê o jovem falando desses assuntos sem ser com gracinha ele fala de uma forma que a gente entende, não é que nem um adulto, o adulto fala, mas é brigando.* (PEACE).

*Eu prefiro ouvir outro jovem, porque é mais fácil de entender.* (PEACE).

Segundo Adad (2012, p. 9), quando o jovem

[...] chama atenção para a coragem de falar, realça a violência existente em nossa sociedade, especificamente dentro das instituições, ao não permitir a sua fala [...], quando diz que não fala porque é muda. E essa mudez se dá pelo medo do olhar do outro que é poderoso, a ponto de calar sua voz ao indicar prescrições de como o corpo deve ‘falar certo’.

A autora supracitada realça ainda que

[...] a importância de inserir em nossas instituições em especial em nossas escolas, momentos de convivência em que os seus alunos, crianças, adolescentes e jovens possam inventar dispositivos que potencializem seus corpos, ganhem visibilidade ao serem ouvidos e respeitados em seus desejos. (ADAD, 2012, p. 10).

Desse modo, os copesquisadores me permitiram perceber e conhecer jeitos de ser jovem e as problemáticas dos jovens dos alunos do curso Técnico em Enfermagem do CTBJ ampliando meus olhares e conhecimentos. Nesse sentido, busquei contribuir para o debate sobre o tema “o que é ser jovem”, reconhecendo também minhas limitações ao priorizar as duas linhas do pensamento que iam de encontro aos meus objetivos, quando na verdade, outras existiram. Para Boff (1999), todo diálogo é iluminador e realça aquilo que realmente importa, na medida em que vemos sempre melhor quando nos contemplamos a partir da perspectiva do outro, que possui uma leitura diferente e, quem sabe, melhor de nós.

## CONSIDERANDO POSSÍVEIS FINAIS OU INÍCIOS



*Todo jovem procura liberdade  
Vivendo sempre em busca de esperança e igualdade.*

*Na vida todos temos um problema  
Acompanhado de um dilema  
Que todos os dias tentamos enfrentá-los.*

*Como na imaginação, os bichos jovens  
Representam nossa inspiração  
O que buscamos para encontrar a solução.*

*E no final, o sol retornará brilhando*

**(Poema produzido pelo Grupo-pesquisador)**

Onde buscar inspiração para escrever o final dessa pesquisa? E seria esse o final? E o final não seria também um início? Retomando minha dissertação, com o corpo dando sinais de cansaço, olhando cada página escrita, fui gradativamente recordando-me de todo trajeto da pesquisa, e assim como em um doce reencontro, saltou aos meus olhos o poema, acima citado em epígrafe, feito pelos copesquisadores no momento da contra-análise. Pensei: seria possível, assim como no capítulo I, recorrer mais uma vez à ajuda dos meus copesquisadores? Eis que vejo a resposta no poema: *“como na imaginação, os bichos jovens representam nossa inspiração, o que buscamos para encontrar a solução”*. Desse modo, voltando ao início da pesquisa, cheguei a um possível início do final e nesse ponto, fui levada a questionar-me sobre o alcance dos meus objetivos iniciais.

Como no poema, *“na vida todos temos um problema acompanhado de um dilema que todos os dias tentamos enfrenta-los”*, nessa pesquisa, meu problema foi: O que é ser jovem para os alunos do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ? E meu dilema: que método utilizar para atingir meus objetivos?

O método utilizado foi a Sociopoética e as atividades desenvolvidas durante as oficinas sociopoéticas propiciaram um espaço para o surgimento de potências no grupo, evidenciadas, por exemplo, na produção dos confetos, nos poemas e textos. Esta produção de confetos e sensações possibilitou ao grupo a construção de um diagrama de várias linhas do pensamento, no entanto, entendendo os meus limites de pesquisadora, selecionei as duas linhas que considere mais importantes e que me conduziram ao alcance dos meus objetivos: **Jeitos de Ser Jovem e as Problemáticas sobre Ser Jovem para os Alunos do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ.**

Na linha **Jeitos de Ser Jovem para os Alunos do Curso Técnico em Enfermagem do CTBJ**, os copesquisadores problematizaram a dimensão do tempo de espera para o mundo adulto, mostrando que não há um único modo de ser jovem e nem de se tornar adulto, pois para eles os ritos de passagem são: casamento, saída da casa dos pais, a vinda de outra escola para o CTBJ e o início dos estágios do Curso Técnico em Enfermagem, demonstrando que esse momento não é fixo e nem demarcado. Os jovens também mostraram **Jeitos de Ser Jovem em bando**, trazendo a ideia de grupo, das sociabilidades, presentes nas amizades, nas festas, no excesso. O grupo pesquisador problematizou, ainda, de modo heterogêneo os **Jeitos de Ser Jovem** nas relações de ficar e/ou namorar e observei que existe uma fluidez das relações entre esses jovens. Sobre os critérios para selecionar uma pessoa para beijar alguns jovens levam em consideração a aparência e a conversa, mas outros consideram esses critérios

insuficientes e levam em consideração algo a mais, como a afinidade e a convivência. Identifiquei um **Jeito de Ser Jovem feminino** diferenciado do que era habitual em tempos passados, pois ficou visível o protagonismo das jovens nos jogos de sedução. Embora tenham dúvidas sobre os namoros e perguntem para os pais ou amigos, esses jovens afirmaram autonomia ao tomar suas próprias decisões. Os copesquisadores também mostraram um **Jeito de Ser Jovem** problematizando o tempo e a liberdade.

A segunda linha da pesquisa tratou das **Problemáticas dos Jovens**, na qual os jovens problematizaram principalmente a **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos e a Relação dos Jovens com os Estudos**. Na **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos** os jovens levantaram a importância da confiança para que os pais possam lidar com os jovens rebeldes. Trouxeram à tona a ideia de que a rebeldia não é uma característica de todos os jovens, trata-se de “fama”, ou seja, uma ideia cristalizada que foi construída historicamente e permanece até os dias atuais. A sexualidade apareceu como uma problemática ligada à **Relação dos Jovens com os Pais e Adultos**, pois para esses jovens a sexualidade deveria ser conversada com os pais. Além disso, para eles, deveria ter uma maior aproximação dos pais com os jovens para que estes pudessem conversar sobre sexualidade, drogas, namoro, álcool e outros assuntos.

Nesta linha, foi possível entender, no momento em que os copesquisadores disseram que os pais só pensam em trabalhar e dar um futuro para o filho, que essa falta de aproximação dos pais com os filhos pode ser em consequência dos tempos modernos, nos quais pais e mães se desdobram em longas jornadas de trabalho. Esses jovens também comentaram que o problema já vem “lá de trás”, ou seja, os pais não conversam com os jovens porque não sabem como fazer isso, porque os pais deles também não conversaram com eles. Dessa forma, percebi que essa falta de aproximação pode ser em consequência de um distanciamento entre as gerações, onde permanece a ideia de transferência de saberes de pais para filhos, onde o que não é aprendido, não é posteriormente ensinado. Além disso, esses jovens argumentaram que a maioria dos pais deixam tudo para escola.

Os copesquisadores também disseram na segunda linha que os jovens só falam sobre sexualidade quando estão na escola ou então quando conversam com os amigos. Esses jovens afirmaram que querem conversar com um adulto, porém eles têm vergonha, medo de falar o que está acontecendo, medo da reação do adulto, porque este em vez de compreender ou tentar ajuda-los, dão broncas. Desse modo, os jovens justificam que conversam sobre sexualidade e outros assuntos com outros jovens porque estes entendem mais. Os copesquisadores ao dizerem que os amigos podem ensinar coisas erradas ou certas,

demonstraram saber o risco de obter orientações erradas ao conversarem com outros jovens. Percebi que talvez até exista a tentativa dos pais em conversar com os filhos, porém em tempos que não estão de acordo com a necessidade dos jovens. Ao invés de conversarem com antecedência sobre assuntos como sexo e sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, métodos contraceptivos e outros, os pais conversam após esses jovens terem feito suas próprias descobertas e escolhas.

Os jovens também demonstraram a **Problemática dos Jovens em Relação aos Estudos**. Percebi que esses jovens se preocupam com o Curso Técnico em Enfermagem, reconhecendo a responsabilidade que precisam assumir por terem que lidar com vidas. Em relação à preocupação com o ensino médio, ela ocorre principalmente em função do desejo que esses copesquisadores têm de passar em um vestibular. Os jovens trouxeram outras **Problemáticas em Relação aos Estudos** ao mencionarem suas dificuldades no curso Técnico em Enfermagem, entre elas: ter que falar de problemáticas de jovens para outros jovens, o que causava inquietude. Os jovens copesquisadores relataram que embora os jovens para os quais eles falavam das problemáticas não tivessem dado atenção, na opinião deles, o jovem prefere ouvir a outro jovem porque é mais fácil de entender e porque o adulto quando fala é brigando.

Diante destas linhas, percebo que nessa pesquisa, o grupo de jovens demonstrou saber suas problemáticas muito mais do que qualquer manual ou livro que trate sobre as juventudes e suas problemáticas, o que também demonstra a força da pesquisa sociopoética que se encontra, em especial, na intensa capacidade de provocar o estranhamento e fazer o grupo pensar de outros modos menos assujeitados.

Além dessa abertura de possibilidades e de potências para o grupo-pesquisador, entendo ser válido destacar o meu lugar de pesquisadora nesse estudo, demonstrando a importância que o mesmo teve para mim, enquanto facilitadora. Em primeiro lugar, pela possibilidade de me aproximar do grupo pesquisador e entendê-lo não como professora, mas como pesquisadora com escuta sensível, aprendendo com os copesquisadores aspectos relativos ao ser jovem que não se encontram em livros, imergindo na riqueza de saberes produzidos por eles. Em segundo lugar, pelo próprio amadurecimento propiciado pelo processo da pesquisa, perpassada por medos, dificuldades, mas também, alegrias e vitórias. Entre os obstáculos, posso citar os inúmeros imprevistos que ocorreram durante as oficinas e a dificuldade em manter o grupo pesquisador durante todo o processo, pois mesmo existindo o desejo dos copesquisadores em continuar nessa pesquisa, além dos mesmos cursarem o Ensino Médio pela manhã e o Curso Técnico em Enfermagem à tarde, em decorrência da



greve que aconteceu durante este período, eles passaram a assistir aulas de reposição aos sábados e três copesquisadoras pediram transferência para outras escolas. Também destaco como dificuldade a exigência de uma pesquisa sociopoética com relação à criatividade do pesquisador. Na elaboração das oficinas, nas escritas dos textos transversais, em vários momentos me senti cansada por ter que conciliar meu tempo de professora do CTBJ com o de pesquisadora e aluna do Mestrado em Educação, mas sempre encontrava dentro de mim o desejo de continuar ou de recomeçar.

Em relação ao processo de orientação destaco a importância da relação respeitosa, aberta e amadurecida que tive com minha orientadora Dra. Shara Jane Costa Adad para o desenvolvimento desta pesquisa. Também foi de suma importância a ajuda dos cofacilitadores Káthia e Gustavo que me ajudaram com as filmagens e fotografias sem intimidar a fala dos copesquisadores.

Gostaria de destacar ainda, a importância da realização dessa pesquisa para a Educação, para os professores que assim como eu, lecionam para jovens, uma vez que o trabalho com esses grupos significa também uma compreensão de suas problemáticas e a busca de estratégias que abordem suas potencialidades visando com isso o aumento de suas possibilidades de produção de vida. O trabalho também possibilita a oportunidade de reflexão sobre nossos próprios (pre)conceitos em relação ao ser jovem, conceitos estes muitas vezes cristalizados numa sociedade que raramente leva em consideração a voz de quem mais entende sobre si mesmo e suas problemáticas, ou seja, do próprio sujeito que tem a experiência e vivência a juventude. Ressalto ainda, a importância dessa pesquisa para os profissionais de saúde, principalmente enfermeiros, que trabalham diariamente com jovens numa incansável tentativa de reduzir os índices de gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis e outros, sem muitas vezes, contudo, ouvir e envolver os jovens na construção de suas próprias problemáticas.

Por fim, ou quem sabe para um novo começo, não poderia deixar de reconhecer minhas fragilidades e limitações de pesquisadora. Os confetos produzidos nesse trabalho não são melhores ou piores que outros e nem são definitivos. As linhas do pensamento do grupo selecionadas foram aquelas possíveis dentro do meu recorte ou talvez limite de espaço-tempo e aqui entendo que posso dar continuidade ao trabalho através de outros olhares e novos recortes a serem feitos em artigos científicos ou mesmo outros trabalhos. Minha intenção foi de provocar movimento, induzir a descrystalização e abrir possibilidades para que outras pessoas também se interessem pelo tema em questão.

## REFERÊNCIAS

ADAD, Shara Jane H. C. **Corpos de Rua**: cartografia dos saberes juvenis e o sociopoetizar dos desejos dos educadores. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

ABRAMO, Helena W. O estilo monta o espetáculo. **Cenas Juvenis**: Punks e Darks no espetáculo urbanos. São Paulo: Página Aberta, 1994.

\_\_\_\_\_. Considerações sobre a tematização da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n. 5, mai./jun./jul./ago., 1997; n. 6, set./out./nov./dez, 1997.

BAREMLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. 4. ed. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

ALVES, C. R. L.; VIANA, M. R. A. **Saúde da Família**: cuidando de crianças e adolescentes. Belo Horizonte: Coopmed, 2003. 282 p.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S.A., 1986.

BARBIER, René. **A pesquisa-ação**. Brasília: UNB, 2002.

BOMFIM, Maria do Carmo Alves. Agregação de juventude: múltiplos olhares. In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves: **Juventudes, Culturas de Paz e Violências na Escola**. Fortaleza: UFC, 2006.

BARROS, Regina D. Benevides de. Dispositivos em ação: o grupo. In: PELBART, Peter Pál; ROLNIK, Suely. (Org.). **Cadernos de subjetividade**. Núcleos de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduandos em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo, v. 1, n. 1, 1993.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

CANEVACCI, Massimo. **Culturas Extremas**: Mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 1942.

COSTA, Marisa Vorraber. Zygmunt Bauman: Compreender a vida na modernidade líquida. **Revista Educação Autores e tendências**. São Paulo, v.1. Editora Segmento, 2009.

GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética**: encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: AnnaNery/UFRJ, 1999.

\_\_\_\_\_. **A metáfora e o conceito em pesquisas qualitativas**. Mimeografado, 2003a.

\_\_\_\_\_. **Notícias do rodapé do nascimento da sociopoética**. Mimeografado, 2003b.

\_\_\_\_\_. **Trilhando a Vertente Filosófica da Montanha Sociopoética**: a criação coletiva de confetos. In: Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: aplicação da abordagem sociopoética. São Paulo: Atheneu, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Demográficos e Contagem Populacional para os anos intercensitários**. Estimativas preliminares dos totais populacionais, estratificados por idade e sexo pelo MS/SE/DATASUS. 2009. Disponível em: <[http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil\\_basico/PBM\\_2006/Bom\\_Jesus.pdf](http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/PBM_2006/Bom_Jesus.pdf)> Acesso em: 20 jul. 2011.

LAPASSADE, Georges. Os rebeldes sem causa. **Sociologia da Juventude III**: a vida coletiva juvenil. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens I**: da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

NAJMANOVICH, Denise. **O sujeito encarnado**: questões para pesquisa no/do cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

O QUE podem os afetos. Café Filosófico com Viviane Mosé e Nelson Lucero. São Paulo, CPFL Cultura, 2009. Disponível em: <<http://www.cpflcultura.com.br/2009/11/19/integra-o-que-podem-os-afetos-viviane-mose-e-nelson-lucero/>>. Acesso: 13 fev. 2013.

PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sexualidade e Afectos Juvenis**. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2012.

PETIT, Sandra. Sociopoética: potencializando a dimensão poética da pesquisa. In: MATOS, Kelma Socorro L. de; VASCONCELOS, José Gerardo. **Registros de Pesquisas na Educação**. Fortaleza: LCR, 2002. (Coleção Diálogos).

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SHINDLER, Norbert. Os tutores da desordem: Rituais da cultura juvenil nos primórdios da era moderna. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos Jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SPOSITO, Marília P. Juventude: crise, identidade e escola. In: DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares**. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

## APÊNDICE A

### Análise Classificatória dos Dados Oraís da Técnica Os Bichos Jovens

**Procedimentos da análise:** Nesta fase, selecionei as frases sublinhando-as com cores diferentes, buscando as categorias-chave que atravessam o pensamento do grupo, para no momento do cruzamento das ideias procurar possíveis convergências, divergências, oposições e ambiguidades entre elas. As categorias selecionadas foram:

1. Características da viagem
2. Motivos da escolha do bicho jovem
3. Conceitos de jovem
4. A transformação dos copesquisadores em bicho jovem
5. Dificuldades vividas pelo bicho jovem
6. Quanto pode o bicho jovem
7. Características do bicho jovem

COPESQUISADOR/BICHO JOVEM	RELATO ORAL
Quadrilha – Borboleta	<p>Minha viagem foi boa, gostei, eu relaxei muito, parecia que eu estava num paraíso, [vi] um monte de pássaros, cheio de água... Meu Deus, mas foi bom! Gostei! Fui no outro mundo e voltei pra cá. E, falar sobre meu desenho, eu fiz uma borboleta jovem porque na minha viagem eu vi um monte de pássaros, um monte de borboletas, um monte de animais voando. E a borboleta, ela é igual a jovem [é o jovem] livre para voar, achei muito bom e desenhei. A transformação em borboleta jovem foi boa, desenhei a borboleta, livre pra voar, achei bom. A viagem foi boa. Nossa, Relaxei! A borboleta jovem se sentiu ruim quando caiu no buraco. Achou ruim, porque quebrou as asinhas... Ah! Estou com vergonha professora! (risos) Mas [apesar das dificuldades] foi bom, a borboleta jovem conseguiu, ela saiu vitoriosa. Professora, eu não sei como foi que a asinha da borboleta jovem quebrou lá, não sei como foi que ela consertou não! Eu sei que a bichinha subiu. Os aliados foram as outras borboletas [amiguinhas], da borboleta jovem chegaram lá e buscaram ela. Foram as outras amiguinhas dela, bonitinhas lá, que pegaram ela e subiram. A borboleta jovem tem um bocado de dificuldade, não sei explicar [quais são] não, só sei que tudo se resolve, apesar dessas dificuldades tudo se resolve... E sei lá, vai voar pra ser feliz! Tudo vai se resolver diante dessas dificuldades.</p>

Margarida– Borboleta	<p><b>Essa viagem</b> que eu fiz <b>foi muito boa, porque no começo eu fiquei com medo dela...</b> deixa eu mostrar aqui meu desenho pra vocês, está confuso, né? Pois é, na viagem <b>estava muito confuso</b> mesmo, <b>no começo eu via</b> assim <b>umas coisas escuras</b>, aí <b>aparecia a claridade</b>, aí <b>escurcia de novo</b>, <b>estava muito perturbado</b>. <b>No começo, eu pensei que fosse ser um paraíso</b>, mas não é assim, <b>quando a gente é jovem tem as confusões e tem as coisas boas</b>, né?! Ai eu fiz aqui o que eu estava vendo lá, <b>às vezes aparecia claridade</b> no desenho, <b>uma cor</b>, <b>às vezes não aparecia... a escuridão, os pássaros</b>. O buraco negro, <b>quando eu cai no buraco negro, eu fiquei com muito medo</b>, né?! <b>Porque toda vez que você cai num lugar, cai em alguma coisa que acontece na sua vida</b>, você <b>fica com</b> muito <b>medo</b>, mas pode observar uma coisa, no meu desenho eu botei <b>um buraco negro</b>, mas lá <b>no final, no centro, tem a claridade</b>, ou seja, <b>por mais que tenha a ruindade e a maldade, sempre vai ter algo que vai te fazer feliz, vai lhe ajudar a sair daquelas dificuldades</b>. Então, <b>eu cai num buraco só que lá no fundo tinha uma claridade que me ajudou a me levantar de novo e sair viva</b>. <b>Eu fiz a borboleta</b>, por quê? <b>porque eu botei o nome liberdade</b>, pra mim <b>não é só [para] o jovem...</b> Tudo bem, o jovem tem a liberdade, tem que ser livre, <b>mas todo mundo tem que ser livre!</b> No caso do jovem a liberdade é bom, <b>porque viver sob pressão, sob mandados, pra quem está começando a vida não é fácil não!</b> Então... por isso que eu fiz a borboleta representando a liberdade e é isso. <b>A borboleta jovem tem dificuldade</b>, o jovem é assim... a borboleta, <b>[porque] ela é forte</b>, só que <b>[e]ao mesmo tempo é frágil</b>, por mais, por exemplo, que <b>um jovem é mais forte que um adulto</b>, que o mais velho... É forte sim! Só que por mais forte que seja, sempre tem uma coisa frágil lá dentro de si que pode derrubar, ou seja, vou dar um exemplo aqui, não sei se tem nada a ver, mas <b>por exemplo: em caso de saúde, um jovem tem mais força pra superar alguma coisa, mas no caso da psicologia... às vezes um jovem é mais fraco que um adulto dentro de si</b>, entendeu? Ele se sente mais fraco <b>porque ele não tem força total pra vida, ele não viveu a vida ainda pra saber como é que é</b>.</p>
Jukinha – Borboleta	<p><b>Eu imaginei como se fosse</b> assim <b>um paraíso, cheio de flores...</b> Era um lugar que tinha muitas rosas, muitas <b>rosas vermelhas</b>, tinha uma <b>cachoeira</b>, eu</p>

	<p>imaginei também a borboleta porque ela tem mais liberdade, eu também imaginei [borboleta jovem possui] as fases dela, o fato dela se de se transformar de lagarta em borboleta [assim como], então eu pensei uma criança se transformando em um jovem. Esse buraco negro é porque ele tem muitas são as dificuldades... a pressão! Tem as dificuldades porque ele não está preparado para aquilo, então ele [a borboleta jovem] tem que aprender a viver, então nisso também tem que ter humildade, então a borboleta [jovem], eu imaginei que ela foi levantada por um pássaro, não sei por que! Só sei que ela saiu do buraco assim, ela [a borboleta jovem] tava com alguma coisa quebrada e acho que foi com a asa, alguma coisa, e um pássaro veio e ajudou ela a levantar. Então, [os pássaros são] as companhias, eu pensei também nas pessoas, a família, os amigos...</p>
Felicidade – Gato/Borboleta	<p>Também desenhei tipo um paraíso, porque eu dormia, dormia, dormia e dormia (risos), ai acordava, caminhava um pouquinho, ai depois dormia de novo (risos), ai eu acordava, ai eu pegava, tipo como se... é tipo como um jardim do Éder, ai eu pegava maçã (risos), comia, ai dormia de novo. Nessa viagem, eu só dormia! (risos). Ai eu também fiz uma borboleta [jovem], porque eu me imaginei uma borboleta, ai na hora que a professora disse que estava subindo na montanha, não sei o que... primeiro eu me imaginei um gato [jovem]... aí foi, quando a professora falou que tava subindo na montanha, não sei o que... ai eu [vi] dificuldade pra um gato subir na montanha, ai eu me imaginei e troquei de animal, virei uma borboleta, ai a borboleta a professora disse que tava lá [e cheguei no topo] e tudo mais... ai depois a borboleta [alegria] caiu no buraco, ai nessa viagem todinha, quem tirava a borboleta era meu avô, não sei por que! Mas era [e] a mão do meu vô que tirava e jogava pra cima e eu voava de novo (risos)! Ai eu coloquei o nome de alegria na borboleta.</p>
Elena – Cachorrinho poodle	<p>Meu bicho é um cachorrinho poodle, porque eu amo cachorro e eu sempre quis ter um, só que todo cachorro que eu crio morre, eu tenho esse problema muito sério! Ai a última foi a Poli que morreu... Ela [cachorrinho poodle jovem] tava numa ilha sozinha, e [através da] nessa bolha, ela [porque] viu a possibilidade de conhecer o mundo</p>

	<p>através dessa bolha. Ai, no começo ela se sentiu <b>segura</b>, só que <b>quando ela tava lá no céu, no meio das gaivotas</b>, ela viu <b>que era frágil e que essas gaivotas queriam derrubar ela</b>, ai <b>ela ficou com medo de cair no mar</b>, ai ela ficou com medo, ai <b>[cachorrinho poodle jovem] foi indo, mesmo com as dificuldades, mesmo com medo [de cair]</b>, ai <b>quando ia chegando na montanha, tinha um buraco e ela caiu dentro</b> desse buraco, nesse buraco, ela <b>sentiu mais medo ainda, porque era uma coisa nova</b> pra ela, <b>ela nunca tinha estado em um lugar igual aquele</b>. Ai, lá, <b>[No buraco, o cachorrinho poodle jovem] ela achou outro animalzinho igual a ela</b>, aí ela viu aquele animalzinho como <b>um amigo</b> pra ela e foi ele <b>que ajudou ela a sair, não sei como, porque dois cachorros dentro do mesmo buraco...</b> (risos) ai <b>os dois [cachorros] foram subindo na montanha, enfrentando as dificuldades e chegaram no topo, aí respiraram o ar límpido...</b></p>
Peace - Pássaro	<p>Bom, <b>meu desenho</b>, eu <b>não fiz um paraíso</b>, eu <b>fiz a hora que ela subiu na montanha</b>, eu não imaginei como um dia de sol ou qualquer coisa do tipo... <b>Eu imaginei como uma montanha de gelo</b>, ela tava passando muito vento e ela subiu porque ela era <b>um tigrinho [jovem]</b>, o nome dela é <b>[tigrinho jovem] guerreira</b> porque ela <b>é</b> muito <b>forte [como]</b>, eu imagino que <b>eu</b> também sou muito forte, <b>porque já aconteceu muita coisa na minha vida e eu continuo feliz</b>. Bom, eu acho que <b>quando [tigrinho jovem guerreira] ela se encontrou naquele buraco</b>, ela <b>se sentiu</b> muito <b>sozinha</b>, muito <b>fraca</b> e <b>o amigo [pássaro] que ajudou [tigrinho jovem guerreira] ela</b>, eu imaginei um pássaro. <b>No começo</b> quando ela estava <b>na bolha</b>, que <b>era eu mesma como pessoa, depois eu me transformei num pássaro [jovem]</b>, acho que é <b>katitu</b>, né professora? Um pássaro que tem o negócio assim... um pássaro <b>que tem um negócio na cabeça...</b> (risos do grupo). Bom, quando eu <b>imaginei pássaro [jovem]</b>, acho que é <b>katitu</b>, ela <b>subindo</b>, também eu imaginei que ela <b>[e] se transformava numa tigresa, e ela começava a ficar mais forte e cada vez ela ia superando os desafios</b> e tal... e <b>quem ajudou</b> ela pra mim, <b>foi</b> outro <b>pássaro</b>, bem <b>misterioso</b>. Pra mim, <b>as dificuldades da tigresa jovem são problemas mais emocionais</b> do que qualquer outro tipo, porque <b>pra [tigresa jovem] mim, por dentro é mais importante do que por fora</b>, tipo doença ou</p>

	<p>qualquer outro tipo de coisa, o emocional da pessoa é mais importante, <b>se você tiver um emocional forte não tem nada que te derrube</b> mais então, foi mais <b>[nem] desafios de decepções.</b></p>
<p><b>Laura - Tartaruga</b></p>	<p>Eu imaginei uma ilha. <b>No começo, eu vi tudo preto, tudo escuro</b>, eu entendi que <b>era ódio</b>, alguma coisa assim, <b>mas depois</b> a minha imaginação <b>começou a colorir as coisas</b>. <b>Eu fiz uma ilha</b>, só que <b>vermelha pra simbolizar o amor, a paz</b> e esse preto aqui é pra simbolizar o ódio, porque eu acho assim, que <b>por mais que</b> todo <b>jovem [tartaruga] tenha algum problema</b>, alguma coisa que ele aparente ter <b>raiva no coração</b>, alguma coisa, sempre <b>existe amor dentro dele e</b> sempre o amor <b>é maior</b>. Eu fiz uma <b>tartaruga [jovem]</b> e eu botei o nome dela de <b>paciência</b>, porque apesar de tudo, a gente <b>[é o jovem que] precisa ter paciência pra conseguir alguma coisa na vida</b>. <b>Quando tartaruga [jovem] ela caiu no buraco</b>, ela <b>ficou horas e horas esperando alguém pra poder pegar ela...</b> (risos) <b>Aí</b>, eu imaginei uma mão, acho que era <b>a mão de Deus pegando ela, ajudando ela a sair de dentro do buraco.</b></p>
<p><b>Chris Rock Blue – Pássaro Fênix</b></p>	<p>Bem, eu <b>pensei</b> mais como se tivesse <b>numa praia deserta, de um lado tinha o mar calmo</b>, aí tinha <b>areia fina e só floresta e tudo fechado</b>. <b>Aí eu ficava no meio, sozinho</b>, aí nisso <b>veio a bolha e eu me transformei numa fênix</b>, que é um <b>pássaro lendário [jovem]</b>, que eu gosto muito dele, aí nisso quando <b>[fênix pássaro lendário jovem] ele caiu no buraco</b> ele ficou... que era tipo o <b>primeiro voo</b> dele, <b>[que é a] primeira dificuldade que ele passou</b> foi cair nesse buraco e <b>[pois] não tinha nada</b>, ele <b>ficou lá abatido, não conseguia voar mais</b>, aí ficou lá <b>preso por um bom tempo</b>, aí veio uma pomba branca, aí essa <b>pomba branca deu apoio psicológico pra [fênix pássaro lendário jovem dizendo]</b> ela, disse <b>que ela conseguia</b>, que ela <b>ia ser forte</b>, que ela conseguir, <b>aí</b> nisso <b>saiu do buraco e os dois foram juntos voando</b>, aí depois saiu</p>
<p><b>Açuceninha - Pássaro</b></p>	<p>Primeiro <b>eu imaginei uma ilha, no início tinha só areia e mar e a floresta...</b> E <b>o pássaro [jovem]</b> ele só <b>ficava dentro da bolha, não saia</b> pra ir <b>pro mar</b>, <b>porque</b> ele <b>tinha medo</b> de ir pra o mar, e ele <b>[pássaro jovem] era sozinho na ilha</b> como pássaro, ele <b>não sabia que tinha outros animais</b>, aí depois</p>



	<p>veio a bolha e quando veio a bolha ele se assustou, ele queria sair de alguma forma [da bolha] mas, e ele não conseguia sair de dentro da bolha, aí a bolha levou ele pra conhecer o mar e distante, distante ele viu a montanha e ele queria chegar nessa montanha, aí, chegando nessa montanha, ele tava [ficou] com medo, queria voltar, aí ele não conseguia voltar, aí até que ele chegou na montanha. Quando ele chegou lá, aí ele encontrou outros pássaros que ele não sabia que tinha outros pássaros.</p> <p>Quando a professora falou do buraco, [pássaro jovem] ele sentiu como se ele quisesse sair da bolha e não conseguia sair, ele tava se sentindo preso e queria voltar pra casa e não voltava, a bolha não deixava ele voltar e a bolha arrastava ele pra montanha, tipo assim, quando ele chegou na montanha que [pássaro jovem] viu os outros pássaros, ele ficou mais alegre, tipo... ele tinha conseguido passar por aquilo e enfrentar o mar, porque ele tinha medo de enfrentar o mar.</p>
<p><b>Trapinho - Pássaro</b></p>	<p>Antes de me transformar em um pássaro, eu me imaginei como numa praia deserta, aí assim que a bolha chegou, eu me transformei num pássaro [jovem], aí eu dentro da bolha, a bolha subiu e, ela subiu e ela foi passando por vários lugares bonitos, tipo o paraíso, florestas, aí em seguida eu caí no buraco né, aí quando eu caí no buraco eu senti muito desespero (choro), aí nesse [no] desespero vieram meus amigos e me tiraram desse buraco, não sei porque eu tô chorando (risos e choro). Aí, em seguida eu [e] fui subir a montanha né, junto com eles e lá em cima a gente ficou né, observando tudo... (muito emocionada) tudo lá de cima. Acho que a dificuldade é mesmo do dia a dia, talvez se comparado com as dificuldades que a gente tem, outras dificuldades de outras pessoas... (choro) talvez seja pequena... (choro e risos). Eu acho que as dificuldades que a gente passa no nosso dia a dia, se comparada com a de outras pessoas talvez seja muito pequena, mas a gente vai conseguir.</p>

## CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS E CRUZAMENTO DAS IDEIAS

**Procedimentos desta fase:** A partir do agrupamento das ideias nas categorias encontradas, fiz o cruzamento entre estas ideias, estabelecendo relações de convergências, divergências, oposições e até de paradoxo/ambiguidades que possam existir entre elas.

### CARACTERÍSTICAS DA VIAGEM

1. Minha viagem foi boa, gostei, relaxei, parecia que eu estava num paraíso, [vi pássaros, água... Fui no outro mundo e voltei pra cá.
2. Essa viagem foi muito boa, porque no começo eu fiquei com medo dela, estava muito confuso, no começo eu via umas coisas escuras, aparecia a claridade, escurecia de novo, estava muito perturbado.
3. No começo, eu pensei que fosse ser um paraíso.
4. Eu imaginei como se fosse um paraíso, cheio de flores, rosas vermelhas, cachoeira.
5. Desenhei um paraíso, porque eu dormia, e acordava, caminhava um pouquinho, depois dormia de novo, aí eu acordava, é como um jardim do Éder, pegava maçã, comia, dormia de novo.
6. Nessa viagem, eu só dormia!
7. Meu desenho, não fiz um paraíso, fiz a hora que ela subiu na montanha. Eu imaginei uma montanha de gelo passando muito vento e ela subiu porque ela era um tigrinho [jovem].
8. No começo, eu vi tudo preto, tudo escuro, era ódio, mas depois começou a colorir as coisas.
9. Eu pensei numa praia deserta, de um lado tinha o mar calmo, areia fina e só floresta e tudo fechado. Aí eu ficava no meio, sozinho.
10. Eu imaginei uma ilha, no início tinha só areia e mar e a floresta.
11. Eu me imaginei como numa praia deserta.

### CRUZAMENTO DAS IDEIAS

#### IDEIAS COMPLEMENTARES

As ideias 1 e 4 são complementares porque a viagem foi boa, gostei, relaxei, parecia que eu estava num paraíso, vi pássaros, água, flores, rosas vermelhas, cachoeira... Fui no outro mundo e voltei pra cá.

As ideias 9, 10 e 11 são complementares porque os copesquisadores pensaram numa praia deserta, numa ilha, de um lado tinha o mar calmo, areia fina e só floresta e tudo fechado. Aí eu ficava no meio, sozinho.

### IDEIAS DIVERGENTES

As **ideias 5 e 6** são divergentes porque **na ideia 5** na viagem ela dorme, acorda, caminha, dorme de novo, acorda de novo, pega maçã, come e dorme de novo e **na ideia 6** ela só dorme.

As **ideias 3 e 8** são divergentes porque **na ideia 3** no começo, a pessoa pensou que fosse ser um paraíso e **na ideia 8** no começo, a copesquisadora viu tudo preto, tudo escuro, era ódio, mas depois começou a colorir as coisas.

### IDEIAS OPOSTAS

Na **ideia 5** o **gato borboleta** desenhou um paraíso onde dormia, acorda, caminhava, caminhava um pouquinho, depois dormia de novo, aí eu acordava, é como um jardim do Éder, pegava maçã, comia, dormia de novo. E **na ideia 7** ela não desenhou um paraíso, [ela fez o momento do obstáculo] que foi a hora que ela subiu na montanha. Eu imaginei uma montanha de gelo passando muito vento e ela subiu porque ela era um tigrinho jovem.

### IDEIA AMBÍGUA

A **ideia 2** porque ao mesmo tempo a viagem foi boa e não foi, foi confusa: Essa viagem foi muito boa, porque no começo eu fiquei com medo dela, estava muito confuso, no começo eu via umas coisas escuras, aparecia a claridade, escurecia de novo, estava muito perturbado.

### MOTIVOS DA ESCOLHA DO BICHO JOVEM

12. Eu fiz uma **borboleta jovem** porque na minha viagem eu vi pássaros, borboletas, animais voando.

13. Eu fiz a **borboleta jovem** porque eu botei o nome liberdade, não só [para] o jovem, mas todo mundo tem que ser livre!

14. Imaginei a **borboleta jovem** porque tem mais liberdade.

15. Meu bicho é um **cachorrinho poodle jovem**, porque eu amo cachorro e sempre quis ter um, só que todo cachorro que eu crio morre, eu tenho esse problema muito sério!

### CRUZAMENTO DAS IDEIAS

#### IDEIAS DIVERGENTES

As **ideias 13 e 14** são divergentes porque **na ideia 13** a borboleta jovem tem a ver com o nome liberdade, não só para o jovem, mas todo mundo tem que ser livre! E **na ideia 14** a borboleta jovem tem a ver com o fato de que o jovem tem mais liberdade do que as demais pessoas.

## CONCEITOS DE JOVEM

16. **Borboleta jovem** é o jovem livre para voar.

17. **Tigrinho jovem guerreira** é forte como eu, porque já aconteceu muita coisa na minha vida e eu continuo feliz.

18. **Tartaruga [jovem] paciência** [é o jovem que] precisa ter paciência pra conseguir alguma coisa na vida.

## CRUZAMENTO DAS IDEIAS

### IDEIAS DIVERGENTES

As ideias 17 e 18 são divergentes porque traz ideias diferentes na medida em que para o **Tigrinho jovem guerreira** já aconteceu muita coisa com ele por isso ele é forte e na **ideia 18** para conseguir alguma coisa ele precisa ser paciente.

## DIFICULDADES VIVIDAS PELO BICHO JOVEM

19. A **borboleta jovem** se sentiu ruim quando caiu no buraco, porque quebrou as asinhas.

20. Quando a **borboleta jovem** caiu no **buraco negro**, eu fiquei com muito medo, porque toda vez que você cai num lugar, em alguma coisa que acontece na sua vida, fica com medo.

21. No caso da **borboleta jovem** a liberdade é bom, porque viver sob pressão, sob mandados, pra quem está começando a vida não é fácil não!

22. Esse buraco negro são as dificuldades da **borboleta jovem**... a pressão!

23. As dificuldades porque **borboleta jovem** não está preparado para aquilo.

24. Quando o **cachorrinho poodle jovem** tava lá no céu, no meio das gaivotas, ela viu que era frágil e que essas gaivotas queriam derrubar ela, aí ela ficou com medo de cair no mar.

25. Quando **cachorrinho poodle jovem** ia chegando na montanha, tinha um buraco e ela caiu dentro desse buraco, nesse buraco, ela sentiu mais medo ainda, porque era uma coisa nova pra ela, ela nunca tinha estado em um lugar igual aquele.

26. Quando [**tigrinho jovem guerreira**] se encontrou naquele buraco, se sentiu sozinha, fraca.

27. As dificuldades da **tigresa jovem** são problemas mais emocionais.

28. [**Fênix pássaro lendário jovem**] caiu no buraco, o primeiro voo, [que é a] primeira dificuldade que ele passou [pois] não tinha nada, ficou lá abatido, não conseguia voar mais, aí ficou lá preso por um bom tempo.

29. O **pássaro [jovem]** ficava dentro da bolha, não saía pro mar, porque ele tinha medo.

30. Veio a bolha, **pássaro [jovem]** se assustou, queria sair de alguma forma [da bolha] mas, não conseguia, aí a bolha levou ele pra conhecer o mar e distante ele viu a montanha e queria chegar nessa montanha, aí, chegando [ficou] com medo, queria voltar, aí ele não conseguia voltar, aí chegou na montanha encontrou outros pássaros que ele não sabia que tinha.

31. Quando a professora falou do buraco, [**pássaro jovem**] sentiu como se quisesse sair da bolha e não conseguia, tava se sentindo preso, queria voltar pra casa e não voltava, a bolha não deixava, arrastava ele pra montanha.

32. O **pássaro [jovem]** cai no buraco, eu senti muito desespero.

33. A dificuldade para o **pássaro [jovem]** é mesmo do dia a dia, talvez pequena se comparada com a de outras pessoas, mas a gente vai conseguir.

#### CRUZAMENTO DAS IDEIAS

#### IDEIAS COMPLEMENTARES

As **ideias 21 e 22** são complementares porque para **borboleta jovem** a liberdade é bom, porque as **dificuldades buraco negro** são aquelas em que o jovem vive sob pressão, sob mandados, e pra quem está começando a vida não é fácil não!

**19, 23 e 28** são complementares porque **borboleta fênix pássaro lendário jovem** caiu no buraco, quebrou as asinhas porque era o primeiro voo, primeira dificuldade que ele passou pois não tinha nada, não está preparado para aquilo e ficou ruim, abatido, não conseguia voar mais, aí ficou lá preso por um bom tempo.

#### IDEIAS DIVERGENTES

As **ideias 30 e 31** são divergentes porque o **pássaro jovem** queria sair da bolha por motivos diferentes, mas não conseguiram e fizeram uma viagem por lugares diferentes chegando a uma montanha em situações diferentes, porque numa queria chegar lá e na **ideia 31** porque tava preso e foi arrastado pela bolha até a montanha, senão vejamos: Na **ideia 30, pássaro [jovem]** se assustou quando veio a bolha, queria sair de alguma forma da bolha, mas não conseguia, aí a bolha levou ele pra conhecer o mar e distante ele viu a montanha e queria chegar nessa montanha, aí, chegando [ficou] com medo, queria voltar, aí ele não conseguia voltar, aí chegou na montanha encontrou outros pássaros que ele não sabia que tinha. Já na **ideia 31 o pássaro jovem** quando ouviu falar do buraco, sentiu como se quisesse sair da bolha e não conseguia, tava se sentindo preso, queria voltar pra casa e não voltava, a bolha não deixava, arrastava ele pra montanha.

As **ideias 20 e 25** são divergentes porque os bichos ao caírem no **buraco negro** sentiram medo e os efeitos disto foram diferentes. Na **ideia 20** você sente medo quando acontece algo em sua vida e na **ideia 25** você sente medo todas as vezes que alguma coisa nova acontece, vejamos: Na **ideia 20** quando a **borboleta jovem** caiu no buraco negro, eu fiquei com muito medo, porque toda vez que você cai num lugar, em alguma

coisa que acontece na sua vida, fica com medo e na **ideia 25** quando **cachorrinho poodle jovem** ia chegando na montanha, tinha um buraco e ela caiu dentro desse buraco, nesse buraco, ela sentiu mais medo ainda, porque era uma coisa nova pra ela, ela nunca tinha estado em um lugar igual aquele.

A **ideia 27** é divergente da **ideia 33** porque possuem dificuldades diferentes uma da outra. Na **ideia 27**, as dificuldades da **tigresa jovem** são problemas mais emocionais e na **ideia 33** a dificuldade para o **pássaro [jovem]** é mesmo do dia a dia, talvez pequena se comparada com a de outras pessoas, mas a gente vai conseguir.

A **ideia 25** é divergente das ideias **19, 23 e 28** porque os bichos caíram no buraco e viveram pela primeira vez situações diferentes e ainda sentiram coisas diferentes. Na **ideia 25** o bicho sentiu **medo** porque era uma coisa nova, nunca tinha estado num buraco igual aquele e nas **ideias 19, 23 e 28** ficou **abatido** porque era a primeira vez que voava, caiu num buraco que não tinha nada, não conseguia voar e ficou preso por um bom tempo.

A **ideia 24** é divergente da **26** porque os bichos jovens se sentem frágeis e fracos em lugares diferentes, um no céu e o outro num buraco. Na **ideia 24**, quando o **cachorrinho poodle jovem** tava lá no céu, no meio das gaivotas, ela viu que era frágil e que essas gaivotas queriam derrubar ela, aí ela ficou com medo de cair no mar. E na **ideia 26** Quando [**tigrinho jovem guerreira**] se encontrou naquele buraco, se sentiu sozinha, fraca.

#### QUANTO PODE O BICHO JOVEM

34. [Apesar das dificuldades] foi bom, a **borboleta jovem** conseguiu, ela saiu vitoriosa.

35. Eu não sei como foi que a asinha da borboleta jovem quebrou, como foi que ela consertou. Eu sei que a **borboleta jovem** subiu.

36. Os aliados borboletas [amiguinhas] jovem chegaram lá e buscaram, pegaram e subiram.

37. A **borboleta jovem** tem um bocado de dificuldade, não sei explicar [quais são], só sei que tudo se resolve, apesar dessas dificuldades vai voar pra ser feliz!

38. Um buraco negro, no final, no centro, tem a claridade, por mais que tenha a ruindade e a maldade, sempre vai ter algo que vai te fazer feliz, vai lhe ajudar a sair daquelas dificuldades.

39. Eu caí num buraco só que no fundo tinha uma claridade que me ajudou a me levantar de novo e sair viva.

40. A borboleta [jovem] foi levantada por um pássaro e saiu do buraco.

41. [A borboleta jovem] tava quebrada a asa e um pássaro ajudou a levantar.

42. [Os pássaros são] companhias, pessoas, a família, os amigos.

43. Um gato [jovem] tava subindo na montanha, [vi] dificuldade pra subir, aí troquei de animal, virei uma borboleta [e cheguei no topo].

44. A **borboleta [alegria]** caiu no buraco [e] a mão do meu vô tirava e jogava pra cima e eu voava de novo.

45. [Cachorrinho poodle jovem] foi indo, mesmo com as dificuldades, com medo [de cair].

46. [No buraco, o cachorrinho poodle jovem] achou outro animalzinho igual a ela, um amigo que ajudou ela a sair, não sei como, porque dois cachorros dentro do mesmo buraco.

47. Os dois [cachorros] foram subindo na montanha, enfrentando as dificuldades e chegaram no topo, aí respiraram o ar límpido...

48. O amigo [pássaro] que ajudou [tigrinho jovem guerreira].

49. katitu subindo [e] se transformava numa tigresa, e ela começava a ficar mais forte e cada vez superando os desafios.

50. Quem ajudou foi pássaro misterioso.

51. Pra tigresa jovem por dentro é mais importante do que por fora, se você tiver um emocional forte não tem nada que te derrube [nem] desafios de decepções.

52. Por mais que [**tartaruga jovem**] tenha problema, raiva no coração, existe amor dentre dele e é maior.

53. Quando **tartaruga [jovem]** caiu no buraco ficou horas e horas esperando alguém pra poder pegar ela. Aí a mão de Deus pegando ela, ajudando a sair de dentro do buraco.

54. Pomba branca deu apoio psicológico pra [fênix pássaro lendário jovem dizendo] que ela conseguia, ia ser forte, aí saiu do buraco e os dois foram juntos voando.

55. Quando chegou na montanha [pássaro jovem] viu os outros pássaros ficou mais alegre, tinha conseguido passar por aquilo e enfrentar [o] medo do mar.

56. [No] desespero vieram meus amigos e me tiraram desse buraco [e] fui subir a montanha, junto com eles e lá em cima a gente ficou observando tudo lá de cima.

#### CRUZAMENTO DAS IDEIAS

#### IDEIAS COMPLEMENTARES

**34, 37 e 47** são complementares: **borboleta cachorro jovem** tem um bocado de dificuldade, não sei explicar quais são, só sei que tudo se resolve, apesar dessas dificuldades **voa** pra ser feliz: Sobe a montanha, enfrenta as dificuldades, chega no topo, respira o ar límpido e consegue sair vitoriosa.

**40, 41, 42 e 50** são complementares: A **borboleta jovem** tava com a asa quebrada, um pássaro misterioso ajudou ao levá-la e ela saiu do buraco. Os pássaros que ajudam **borboleta jovem** a sair do buraco são as companhias, as pessoas, a família e os amigos.

**38, 39 e 52** são complementares porque no fundo-centro da **difficuldade buraco negro** tem a claridade, pois por mais que tenha a ruindade, a maldade, um problema e a raiva no coração, sempre vai ter algo que vai te fazer feliz, que vai lhe ajudar a sair daquelas dificuldades, principalmente se existe amor dentro dele e o amor é sempre maior e foi quem me ajudou a me levantar de novo e sair viva.

As ideias **36 e 56** são complementares porque no desespero, os **aliados borboletas amiguinhas** que são os meus amigos chegaram no buraco e buscaram, pegaram e me tiraram desse buraco [e] fui subir a montanha, junto com eles e a gente ficou observando tudo lá de cima.

**49 e 51** são complementares porque **pássaro katitu** subindo se transformava numa tigresa, e ela começava a ficar mais forte por dentro e cada vez superando os desafios, porque por dentro é mais importante do que por fora, pois se você tiver um emocional forte não tem nada que te derrube [nem] desafios de decepções.

#### **IDEIAS DIVERGENTES**

As ideias **44 e 53** são divergentes porque na **ideia 44** quem ajudou a **tartaruga jovem** a sair do buraco foi a mão de Deus e na **ideia 53** quem ajudou a **borboleta alegria jovem** a sair do buraco foi a mão do avô que a jogou para cima e ela voou de novo.

As ideias **38 e 39** são divergentes porque a claridade no buraco negro está em lugares diferentes e simbolizam aliados diferentes. Na **38** está no centro do buraco e por mais que tenha a ruindade e a maldade, sempre vai ter algo que vai te fazer feliz, vai lhe ajudar a sair daquelas dificuldades. E na **ideia 39** a claridade está no fundo do buraco e foi quem me ajudou a me levantar de novo e sair viva.

As ideias **49 e 43** são divergentes porque na **ideia 49** o **pássaro katitu** subindo se transformou numa tigresa, e ela começava a ficar mais forte por dentro e cada vez superando os desafios. E na **ideia 43 um gato jovem** tava subindo na montanha, vi dificuldade pra subir, aí troquei de animal, virei uma borboleta e cheguei no topo.

As ideias **46 e 54** são divergentes porque ambos para sair do buraco tiveram ajuda de outro animalzinho (outro cachorro) sendo que na **46** ele não sabe como o animalzinho (a pomba branca) o ajudou e na **54** o animalzinho ajudou com apoio psicológico.

**46.** [No buraco, o cachorrinho poodle jovem] achou outro animalzinho igual a ela, um amigo que ajudou ela a sair, não sei como, porque dois cachorros dentro do mesmo buraco.

#### **IDEIAS OPOSTAS**



**40, 44, 41 e 50** são opostas à ideia **35**, porque nas primeiras ideias ela sabe que foi um pássaro (que são as companhias, as pessoas, a família e os amigos) quem ajudou a borboleta jovem de asa quebrada a sair do buraco e na **ideia 35** ela não sabe como ela consertou a asa quebrada.

### **CARACTERÍSTICAS DO BICHO JOVEM**

57. Quando a gente é jovem tem as confusões e tem as coisas boas, às vezes aparecia claridade, uma cor, às vezes aparecia a escuridão, os pássaros.

58. A borboleta jovem tem dificuldade, [porque] ela é forte [e] ao mesmo tempo é frágil.

59. Um jovem é mais forte que um adulto, por exemplo: em caso de saúde, um jovem tem mais força pra superar alguma coisa, mas no caso da psicologia... às vezes um jovem é mais fraco que um adulto dentro de si, porque ele não tem força total pra vida, ele não viveu a vida ainda pra saber como é que é.

60. [borboleta jovem possui] fases de se transformar de lagarta em borboleta [assim como], uma criança se transformando em um jovem.

61. [a borboleta jovem] tem que aprender a viver, ter humildade.

62. [pássaro jovem] era sozinho na ilha, não sabia que tinha outros animais.

### **CRUZAMENTO DAS IDEIAS**

#### **IDEIAS COMPLEMENTARES**

As ideias **59 e 61** são complementares porque **borboleta jovem** é mais forte que um adulto, por exemplo: em caso de saúde, um jovem tem mais força pra superar alguma coisa, mas no caso da psicologia... às vezes um jovem é mais fraco que um adulto dentro de si, porque ele não tem força total pra vida, ele não viveu a vida ainda pra saber como é que é, tem que aprender a viver, ter humildade.

#### **IDEIAS AMBÍGUAS**

A **ideia 57** é ambígua porque quando se é jovem ao mesmo tempo tem as confusões e as coisas boas; a claridade que é a cor e a escuridão que é os pássaros.

A **ideia 58** é ambígua porque ao mesmo tempo a borboleta jovem é forte [e] frágil.

## APÊNDICE B

### Análise Classificatória dos Dados Oraís da Técnica Corpo Coletivo Jovem

**Procedimentos da análise:** Nesta fase, selecionei as frases sublinhando-as com cores diferentes, buscando as categorias-chave que atravessam o pensamento do grupo, para no momento do cruzamento das ideias procurar possíveis convergências, divergências, oposições e ambiguidades entre elas. As categorias selecionadas foram:

1. Conceitos de jovem;
2. Motivos pelos quais escolheu a parte do corpo jovem;
3. Dificuldades da parte do corpo jovem;
4. Relatos da viagem;
5. Quanto pode a parte do corpo jovem;
6. Desejos da parte do corpo jovem;
7. Características ou sentimentos da parte do corpo jovem.

COPESQUISADOR/ PARTE DO CORPO	RELATO ORAL
Peace – Boca Jovem	<p>Minha escultura é uma <b>boca [jovem]</b>, e eu acho que <b>tem tudo a ver com o jovem</b>, por que <b>é uma fase</b> assim <b>de descoberta, de beijar muito</b>, né... (risos)... e que mais professora? Então, <b>foi bem legal sentir meu próprio corpo, gostei bastante</b>. E <b>eu escolhi a boca [jovem] por que é por ela que a gente sente, [boca jovem] é...sentimentos, às vezes a [boca jovem]</b> a gente <b>fala alguma coisa que não deveria ter falado, não devia ter dito</b> né, eu acho que a <b>boca[jovem] é uma parte do corpo muito importante, por onde a gente se alimenta...</b> Essa <b>boca jovem tem dificuldades</b>, eu acho que tem sim... Eu acho que é essa parte mesmo <b>de falar as coisas que não deveria ter falado, [boca jovem tem dificuldades] de se expressar como agora que eu não tô conseguindo me expressar....</b> (risos). <b>Para essa boca jovem superar as dificuldades, ela precisa de outras partes do corpo, como o coração...</b> A <b>boca jovem tem desejos...</b> (risos, envergonhada), <b>de fazer carinho...</b> ai meu Deus do céu, eu tô louca! (risos)</p>
Jukinha – Bunda Jovem	<p>Como todos estão vendo, <b>eu desenhei uma bunda</b> (risos do grupo), eu <b>não sei por que</b> (risos do grupo)... moço, <b>eu pensei em todas as</b></p>

	<p><b>partes do corpo...</b> também <b>eu pensei na bunda [jovem]</b> (risos do grupo), aí a relação com o jovem <b>é por que eu acho que todo mundo, mulher e homem também pensa nessa bunda</b> (risos do grupo), <b>tem aquela coisa fanática pelo bumbum. A viagem foi esquisita. Foi estranho.</b> Sei lá, <b>eu senti uma emoção</b> de tá... (risos do grupo), mas <b>eu não pensei só na bunda, pensei na bunda já no final.</b> (risos do grupo). Essa <b>bunda jovem tem dificuldades...</b> (risos, envergonhada)... <b>se essa bunda sentar no formigueiro...</b> Moço, essa... (risos), <b>[bunda jovem] supera as dificuldades com a ajuda de todas as pessoas...</b> (risos do grupo), <b>da família...</b> (risos do grupo), pronto professora! (risos do grupo, envergonhada). Essa <b>bunda jovem tem desejos</b> (risos do grupo)... tem... (risos, envergonhada), sei lá, <b>de passar no vestibular...</b> (risos do grupo)... tá bom professora termina. (risos, envergonhada). Moço, essa <b>bunda jovem, para superar as dificuldades...</b> eu tento esquecer todos os meus problemas. Toda vez que eu vou dormir eu esqueço todos os problemas e <b>toda vez que eu venho para a escola eu deixo todos os meus problemas em casa. Nunca trago para a escola, ninguém nunca me viu chorando na escola</b> não... todo mundo... cê chato Raul... pronto professora, passa para a Trapinho!</p>
<p><b>Elena – Braço/Mão Jovem</b></p>	<p>Não, eu falo! <b>Eu pensei no braço, na mão [jovem],</b> nessa parte, <b>na questão do tato... [Braço mão jovem] [é a parte] da gente sentir porque</b> eu acho que <b>o jovem</b> ele <b>tem</b> muito esse <b>negócio de carinho, de tá perto, de abraçar, de sentir</b> assim a outra pessoa. Eu acho que o <b>[braço mão] jovem é muito carinhoso e</b> que <b>precisa muito de carinho.</b> Esse <b>braço jovem é o braço de um jovem que gosta de abraçar, que gosta de sentir... Foi confuso a viagem,</b> porque <b>eu pensei em tantas coisas que eu podia focar, em tantas outras partes do corpo, mas aí eu preferi o braço [mão jovem]...</b> Essa parte do corpo tem a ver com o jovem porque eu acho que <b>o jovem</b> ele <b>gosta muito de carinho, tem alguns que não demonstram, tem uns que são assim mais secos, mas eu sei que eles gostam de carinho, todo jovem gosta. O braço jovem tem</b></p>

	<p>dificuldades por que às vezes ele quer uma pessoa específica, para sentir carinho daquela pessoa específica, e não tá perto... Pra superar essa dificuldade, ele espera... (risos) até chegar perto para poder abraçar. Esse braço jovem tem desejos... de sentir.</p>
<p><b>Laura – Olho Jovem</b></p>	<p>Eu fiz o olho porque eu acho uma parte muito importante, em mim principalmente, por que eu acho que é... a maioria dos sentimentos que [o olho jovem] a gente sente, eu acho que é através do olhar, né. Minha viagem foi muito boa! Tipo assim professora, é uma viagem que a gente imagina, não dá nem pra ter noção da viagem que eu tive mas se não for. O olho tem a ver com o jovem porque é através dos olhos que a gente procura... é...conhece as pessoas, que a gente observa, porque o [olho] jovem gosta muito de observar, principalmente eu que observa tudo.</p> <p>O olho jovem tem algumas dificuldades, quando ele vê alguma coisa que não é agradável, quando ele vê alguma coisa que é decepcionante, mas também tem momentos alegres. Pra superar as dificuldades, o olho jovem tenta esquecer o que ele viu, partir pra frente... Esquecer de tudo... E o olho jovem tem desejo, não dá nem pra falar de todos, de tantos desejos que meu olho tem (risos), de me formar, dá uma vida melhor pra minha família...</p>
<p><b>Felicidade – Rosto Jovem</b></p>	<p>Eu desenhei um rosto porque o jovem gosta muito de cuidar do rosto... todo jovem gosta... A viagem foi boa, igual as outras... (risos) Foi calma, tranquila... Eu senti sono! (risos). Não, eu senti paz, achei que eu tava pelo céu. Eu fiz [o rosto jovem] essa parte porque a hora que a senhora falou pense numa parte do corpo, aí o que veio na mente foi o rosto. O rosto jovem tem um monte de dificuldade... Ah professora! Tem um monte aí, não vou falar não. O olho jovem pra superar as dificuldades, tenta apagar tudo que viu, tudo que tá passando pela cabeça. Tem que pensar só em coisas boas, aí esquece. O rosto jovem tem desejos, igual todo mundo tem, de terminar os estudos, de ir pra uma universidade, de fazer o que gosta de fazer,</p>

	<b>de subir na vida...</b>
<b>Quadrilha – Olhos Jovem</b>	<p>Eu escolhi os olhos, por causa de... porque <b>na minha viagem</b> que eu fiz, <b>eu olhava a praia, tava na praia</b> lá, <b>caminhando naquela areia boa</b>, meu Deus do céu, <b>mais é bom...</b> E também em relação ao jovem, o olho... <b>tanto o coração</b>, como o <b>olho jovem</b> também <b>sofre porque</b> consequentemente o que <b>o coração</b> tá <b>sentindo</b>, quando ele vai... <b>[o olho vai] derramar lágrimas...</b> nossa! <b>O jovem também sofre e</b> é muito, <b>chora...</b> sei lá, <b>[olhos jovem] tem momento de alegria e momento de tristeza e os olhos</b> eles <b>fazem perceber</b>, é isso. <b>O olho jovem tem dificuldade, um bocado aí! Não sei dizer! Pra superar essas dificuldades,</b> não sei! <b>[olhos jovem tem que] Tirar da memória e apagar das lembranças o que aconteceu, sem chorar e sem lembrar das coisas ruins que o coração sente né. O olho jovem tem desejos,</b> vixe Maria! <b>Meu desejo é passar pra odontologia, comprar meu carro, meu som,</b> meu Deus do céu! (risos). <b>Comprar minha casa,</b> acho que a primeira coisa que eu vou fazer depois que terminar, acho que a primeira coisa que eu vou fazer é comprar meu som. (risos do grupo)</p>
<b>Chris Rock Blue – Coração Jovem</b>	<p>Bom, eu fiz um coração. <b>Na minha viagem eu pensei em várias nuvens, no alto, aí lá eu ficava de um lado para o outro pensando na tranquilidade, como que é a vida...</b> só na vida <b>sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade...</b> A relação do <b>coração</b> com o <b>jovem</b> é que quase nenhum <b>jovem</b> é <b>[in]tranquilo, [que]</b> aí <b>precisa da tranquilidade.</b> Esse <b>coração jovem com certeza tem dificuldade. Sofre o bichinho</b> e sofre mais. <b>Pra superar essa dificuldade, ele fica triste, aí chora...</b> (risos). Esse <b>coração jovem tem desejo,</b> tem muito desejo... Ele tem desejo <b>de ter uma vida melhor, buscar em primeiro passar de ano,</b> não sei a situação do jeito que tá, né! Aí <b>depois passar num vestibular bom, que me traga um futuro bem tranquilo.</b></p>
<b>Trapinho – Coração Jovem</b>	<p>Eu <b>escolhi</b> um <b>coração [jovem] porque</b> eu acho que eu <b>sou muito fechada com relação ao que eu sinto e eu gostaria de ser mais</b></p>

	<p><b>aberta</b> com relação a isso e o jovem... em relação ao jovem porque eu acho que todo <b>[coração] jovem [é]</b> deve <b>expressar o que sente</b> e... é isso... <b>ser quem realmente você é, não ter vergonha.</b> O <b>coração jovem é a liberdade, é fazer o que dá vontade, expressar o que sente.</b> O <b>coração jovem tem dificuldade, porque ele é muito fechado e tem que ser mais aberto.</b> <b>Pra superar as dificuldades, [coração jovem]</b> ele <b>escuta.</b> Esse <b>coração jovem tem o desejo de</b> todo mundo aqui, pelo menos da maioria, que é <b>chegar na universidade, ser feliz, realizar os sonhos</b> que a gente tem. <b>Eu senti na viagem que foi legal professora! Só senti mesmo.</b></p>
<p><b>Açuceninha – Olho Jovem</b></p>	<p>Eu fiz um olho, <b>[olho jovem é] por onde a gente vê e tudo... desde quando a gente nasce e vai vendo, vivendo e aprendendo.</b> E eu acredito que é com os olhos que a gente <b>[olho jovem] vê as coisas, vai conhecendo, sabendo os caminhos que existem de certo e errado.</b> Na maioria das vezes a gente faz alguma coisa de errado, mas depois se arrepende... <b>Tem sempre as pessoas que te influenciam [o olho jovem]: olha faz isso, mas não, a gente teima e vai pelo outro caminho, mas aí depois a gente vai, se arrepende...</b> A relação desse olho com o jovem é porque quando a gente é jovem, a gente <b>[olho jovem] vê</b> muitas coisas, tem muitas <b>coisas ruins no mundo, a gente pode ir ou não</b> e a gente <b>[olho jovem] tá com quem</b> a gente <b>não conhece,</b> aí <b>fica meio confuso, mas</b> aí, você <b>consegue, vai indo e consegue.</b> <b>Esse olho jovem tem muitas dificuldades.</b> Ele <b>fica na dúvida na hora de tomar uma decisão.</b> <b>Para superar as dificuldades, esse olho jovem pensa bastante, pra ver qual é a melhor opção.</b> Acredito que <b>os desejos do olho jovem é o de</b> todo mundo, todo mundo tem, de <b>melhorar a vida, não que ela esteja ruim, mas que é bom melhorar...</b> É, a gente sempre tem aquela <b>ganância de querer mais.</b></p>
<p><b>Margarida – Coração Jovem</b></p>	<p>A professora falou uma parte do corpo e eu fiz um órgão mesmo. Não tem problema não! É, <b>eu escolhi o coração [jovem], por que é uma coisa que todo mundo sofre do coração,</b> mas na juventude, oh meu Deus do céu! <b>Pense numa coisa que sofre é o coração,</b></p>

principalmente quando você se apaixonou, não que eu esteja apaixonada... (Grupo: hum, conta essa história direito!) **Você gosta de uma pessoa, muitas vezes esse órgão, o coração [jovem], pode trazer na juventude muita felicidade ou muita tristeza, é... eu ultimamente... (risos) é muita tristeza, mas a gente vai tentando ajeitar aqui. Eu também escolhi [coração jovem] ele porque, como eu disse, meu coração tá sofrendo muita tristeza, é por que... uma delas é por que eu perdi minha mãe né, aí foi que começou a estragar mesmo o negócio, e... assim, gente (emocionada)... O coração da gente é difícil demais, sabe, eu acho que algumas pessoas *me vê* assim, por que eu sou, meu Deus do céu, eu sou uma pessoa muito extrovertida, alegre, acho que dá pra perceber, né professora, que eu sou perturbada da cabeça. Aí a pessoa diz assim: meu Deus do céu, será que ela tá bem? Perdeu a mãe... tá se dando bem nos romances... será que ela tá bem? To bem... mas por dentro mesmo, tem que ver que o coraçãozinho aqui tá machucado, mas... é assim... meu Deus do céu (muito emocionada, choro)... Eu quero dizer que esse projeto da professora Cris tá me ajudando muito, assim... porque com esses relaxamentos, gente eu vou lá... pensar, por que eu não tenho tempo, meu Deus do céu, eu nunca parei assim... cheguei... parar em casa, deixa eu deitar aqui, pensar aqui... quando eu deitei agora no relaxamento aqui... eu tô lembrando muito da minha mãe, muito, muito, que eu sinto muita falta dela, das necessidades... Os jovens hoje em dia precisam muito da ajuda dos pais né, tipo, no caso de um relacionamento, alguma coisa, um namorado, essas coisas assim, geralmente é a mãe da gente que vai lá, pelo menos a minha mãe sempre foi assim comigo, conversava muito comigo, hoje eu sinto falta né, porque não tem... (choro) não tem ela pra conversar comigo, me explicar as coisas... mas é isso, eu escolhi o coração porque tanto me faz feliz como me machuca muito. E esse coração tem muito desejo, Ave Maria!... desejo demais...desejo de ser feliz, de nunca se machucar, é impossível né, mas, tem esse desejo aí, to tentando, tem gente me**

	ajudando, graças a Deus! Se bem que [coração jovem] ele tá dando uns probleminhas assim sabe, de vez em quando, mas é assim mesmo, tamo esperando.
--	--

### CATEGORIZAÇÃO DOS DADOS E CRUZAMENTO DAS IDEIAS

**Procedimentos desta fase:** A partir do agrupamento das ideias nas categorias encontradas, fiz o cruzamento entre estas ideias, estabelecendo relações de convergências, divergências, oposições e até de paradoxo/ambiguidades que possam existir entre elas.

<b>CONCEITOS DE JOVEM</b>
<ol style="list-style-type: none"> <li>1. <b>Boca jovem</b> é uma fase de descoberta, de beijar muito e tem tudo a ver com o jovem.</li> <li>2. <b>[Boca jovem]</b> é sentimentos</li> <li>3. <b>Boca [jovem]</b> é uma parte do corpo muito importante, por onde a gente se alimenta.</li> <li>4. <b>Braço jovem</b> é o braço de um jovem que gosta de abraçar, que gosta de sentir.</li> <li>5. <b>Coração jovem</b> é jovem [in]tranquilo [que] precisa da tranquilidade.</li> <li>6. <b>[Coração] jovem</b> [é] expressar o que sente, ser quem realmente você é, não ter vergonha.</li> <li>7. <b>Coração jovem</b> é a liberdade, é fazer o que dá vontade, expressar o que sente.</li> </ol>
<b>CRUZAMENTO DAS IDEIAS</b>
<p><b>IDEIAS COMPLEMENTARES</b></p> <p>As <b>ideias 6 e 7</b> são complementares porque coração jovem é a liberdade de fazer o que dá vontade, expressar o que sente, ser quem realmente é, não ter vergonha.</p> <p><b>IDÉIAS DIVERGENTES</b></p> <p>As <b>ideias 2 e 4</b> são divergentes da <b>6 e 7</b> porque nas primeiras ideias o jovem sente e nas ideias 6 e 7 o jovem expressa o que sente.</p> <p>As <b>ideias 1 e 3</b> são divergentes porque na <b>ideia 1 boca jovem</b> é uma fase de descoberta, de beijar muito e tem tudo a ver com o jovem e na <b>ideia 2 boca [jovem]</b> é uma parte do corpo por onde a gente se alimenta.</p>
<b>MOTIVOS PELOS QUAIS ESCOLHEU A PARTE DO CORPO JOVEM</b>
8. Eu escolhi a boca [jovem] por que é por ela que a gente sente.



9. Eu desenhei uma bunda, não sei por que.
10. Eu pensei em todas as partes do corpo.
11. Eu pensei na bunda jovem é por que eu acho que todo mundo, mulher e homem também pensa nessa bunda, tem aquela coisa fanática pelo bumbum.
12. Eu não pensei só na bunda, pensei na bunda já no final.
13. Eu pensei no braço, na mão [jovem], nessa parte, na questão do tato.
14. Eu pensei em tantas coisas que eu podia focar, em tantas outras partes do corpo, mas aí eu preferi o braço [mão jovem].
15. Fiz o olho por que eu acho uma parte muito importante, em mim principalmente.
16. Desenhei um rosto porque o jovem gosta muito de cuidar do rosto, todo jovem gosta.
17. Fiz [o rosto jovem] porque a hora que a senhora falou pense numa parte do corpo, aí o que veio na mente foi o rosto.
18. Escolhi um coração porque eu acho que sou muito fechada com relação ao que eu sinto e eu gostaria de ser mais aberta.
19. Eu escolhi o coração [jovem], por que é uma coisa que todo mundo sofre do coração.
20. Eu também escolhi [coração jovem] por que, como eu disse, meu coração tá sofrendo muita tristeza, uma delas é por que eu perdi minha mãe né, aí foi que começou a estragar mesmo o negócio.
21. Eu escolhi o coração porque tanto me faz feliz como me machuca muito.

### CRUZAMENTO DAS IDEIAS

#### IDEIAS DIVERGENTES

As **ideias 12 e 17** são divergentes, porque na ideia **12** a copesquisadora pensou na parte escolhida no final e na ideia **17** a copesquisadora pensou na parte escolhida no início do relaxamento.

#### IDEIAS OPOSTAS

As **ideias 9 e 11** são opostas porque na **ideia 9** a copesquisadora não sabe o motivo de ter escolhido a bunda jovem e na **ideia 11** a copesquisadoras escolheu a bunda jovem porque todo mundo, mulher e homem também pensa nessa bunda, tem aquela coisa fanática pelo bumbum.

### DIFICULDADES DA PARTE DO CORPO JOVEM

22. Às vezes a [boca jovem] fala alguma coisa que não deveria ter falado, não devia ter dito.

23. Boca jovem tem dificuldades de falar as coisas que não deveria ter falado, de se expressar.

24. [Boca jovem tem dificuldades] de se expressar como agora que eu não tô conseguindo me expressar....

25. Bunda jovem tem dificuldades se essa bunda sentar no formigueiro.

26. Braço jovem tem dificuldades porque às vezes ele quer carinho daquela pessoa específica, e não tá perto.

27. O olho jovem tem algumas dificuldades, quando ele vê alguma coisa que não é agradável, alguma coisa que é decepcionante, mas também tem momentos alegres.

28. O rosto jovem tem um monte de dificuldade, não vou falar.

29. Olho jovem tem dificuldade, um bocado aí! Não sei dizer!

30. Coração jovem com certeza tem dificuldade. Sofre o bichinho.

31. Coração jovem tem dificuldade, porque ele é muito fechado e tem que ser mais aberto.

32. Esse olho jovem tem muitas dificuldades. Ele fica na dúvida na hora de tomar uma decisão.

33. Geralmente é a mãe da gente que vai lá, pelo menos a minha mãe sempre foi assim comigo, conversava muito comigo, hoje eu sinto falta né, porque não tem... (choro) não tem ela pra conversar comigo, me explicar as coisas.

### **CRUZAMENTO DAS IDEIAS**

#### **IDEIAS COMPLEMENTARES**

As ideias 22 e 23 são complementares porque a [boca jovem] tem dificuldades para falar alguma coisa que não deveria ter falado.

As ideias 24 e 29 são complementares porque a boca olho jovem tem dificuldades de se expressar, não sabe dizer.

#### **IDEIAS DIVERGENTES**

As ideias 22 e 23 são divergentes das ideias 24 e 29 porque nas primeiras ideias a boca jovem tem dificuldade de expressar coisas que não deveria falar e nas ideias 24 e 29 a boca olho jovem tem dificuldades de se expressar, não sabe dizer.

Nas ideias 24, 29 e 28, os jovens dizem que tem um monte de dificuldades. Entretanto,

elas divergem entre si porque nas **ideias 21 e 26** os jovens não sabem dizer as dificuldades e na **28** ele não quer falar.

### **RELATOS DA VIAGEM**

34. Foi bem legal sentir meu próprio corpo, gostei bastante.

35. A viagem foi esquisita. Foi estranho. Eu senti uma emoção.

36. Foi confusa a viagem.

37. Minha viagem foi muito boa!

38. É uma viagem que a gente imagina, não dá nem pra ter noção da viagem que eu tive, mas se não for.

39. A viagem foi boa. Foi calma, tranquila, senti sono! Eu senti paz, achei que eu tava pelo céu.

40. Na minha viagem, eu olhava a praia, tava na praia, caminhando naquela areia boa, mais é bom.

41. Na minha viagem eu pensei em várias nuvens, no alto, lá eu ficava de um lado para o outro pensando na tranquilidade, como que é a vida sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade.

42. Eu senti na viagem que foi legal.

43. Quando eu deitei, no relaxamento aqui, eu to lembrando muito da minha mãe, que eu sinto muita falta dela, das necessidades.

### **CRUZAMENTO DAS IDEIAS**

#### **IDEIAS COMPLEMENTARES**

As ideias **37, 39 e 41** são complementares: a viagem foi muito boa, calma, tranquila, senti sono! Eu senti paz, achei que eu tava pelo céu, em várias nuvens, no alto. Lá eu ficava de um lado para o outro pensando na tranquilidade, como que é a vida sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade.

**35 e 36** são complementares porque a viagem foi confusa, esquisita, estranha e eu senti emoção.

#### **IDEIAS COMPLEMENTARES**

As ideias **34 e 42** são complementares porque na **34** foi bem legal a viagem e na **42** foi legal poder sentir meu próprio corpo, gostei bastante.

#### **IDEIAS DIVERGENTES**

As ideias **37, 39 e 41** são divergentes das **ideias 35 e 36** porque nas primeiras ideias a viagem foi muito boa, calma, tranquila, senti sono e paz, achei que eu tava pelo céu, em várias nuvens, no alto. Lá eu ficava de um lado para o outro pensando na tranquilidade, como que é a vida sem estresse, sem sofrimento, só tranquilidade. E nas **ideias 35 e 36** a viagem foi confusa, esquisita, estranha e eu senti emoção.

#### **QUANTO PODE A PARTE DO CORPO JOVEM**

44. Para boca jovem superar as dificuldades, ela precisa de outras partes do corpo, como o coração.

45. [Bunda Jovem] supera as dificuldades com a ajuda de todas as pessoas, da família.

46. Bunda jovem, para superar as dificuldades, tento esquecer todos os meus problemas.

47. Toda vez que eu venho para a escola eu deixo todos os meus problemas em casa. Nunca trago para a escola, ninguém nunca me viu chorando na escola.

48. Pra superar essa dificuldade de não está perto de uma pessoa querida, o braço mão jovem espera até chegar perto para poder abraçar.

49. Pra superar as dificuldades, o olho jovem tenta esquecer o que ele viu, partir pra frente... Esquecer de tudo.

50. O olho jovem pra superar as dificuldades, tenta apagar tudo que viu, tudo que tá passando pela cabeça. Tem que pensar só em coisas boas, aí esquece.

51. Pra superar essas dificuldades, (deve-se) tirar da memória e apagar das lembranças o que aconteceu, sem chorar e sem lembrar das coisas ruins que o coração sente.

52. Pra superar essa dificuldade, ele fica triste, aí chora.

53. Pra superar as dificuldades, [coração jovem] escuta.

54. [olho jovem] tá com quem não conhece, fica confuso, mas consegue, vai indo e consegue.

55. Para superar as dificuldades, esse olho jovem pensa bastante, pra ver qual é a melhor opção.

56. Toda vez que eu vou dormir eu esqueço todos os problemas.

57. Tem gente me ajudando, graças a Deus! Se bem que o [coração jovem] tá dando uns probleminhas assim sabe, de vez em quando, mas é assim mesmo, tamo esperando.

#### **CRUZAMENTO DAS IDEIAS**

### IDEIAS COMPLEMENTARES

As **ideias 44 e 45** são complementares porque para **boca bunda jovem** superar as dificuldades, ela precisa da ajuda das pessoas, de outras partes do corpo, como o coração e a família.

As **ideias 46, 49, 50 e 51** são complementares porque para superar as dificuldades, a bunda olho jovem tenta esquecer, tirar da memória e apagar os problemas das lembranças do que viu, do que aconteceu e do que está passando pela cabeça e esta bunda olho jovem faz isso sem chorar e sem lembrar das coisas ruins que o coração sente, ou seja, tem que pensar nas coisas boas, só assim esquece.

As **ideias 54 e 55** são complementares porque o **[olho jovem]** quando está com quem não conhece, fica confuso e para superar as dificuldades, pensa bastante pra ver qual é a melhor opção, vai indo e consegue.

### IDEIAS DIVERGENTES

As **ideias 46, 49, 50 e 51** são divergentes **da ideia 56** porque esta última toda vez que vai dormir esquece os problemas.

### DESEJOS DA PARTE DO CORPO JOVEM

58. Boca jovem tem desejos de fazer carinho.

59. Bunda jovem tem desejos de passar no vestibular.

60. Braço jovem tem desejos de sentir.

61. O olho jovem tem desejo, não dá nem pra falar de tantos desejos, de me formar, dá uma vida melhor pra minha família.

62. O rosto jovem tem desejos, igual todo mundo tem, de terminar os estudos, de ir pra uma universidade, de fazer o que gosta, de subir na vida.

63. O olho jovem tem desejos, meu desejo é passar pra odontologia, comprar meu carro, meu som, comprar minha casa.

64. Coração jovem tem desejo de ter uma vida melhor, buscar em primeiro passar de ano, depois passar num vestibular bom, que me traga um futuro bem tranquilo.

65. Coração jovem tem o desejo de todo mundo aqui, pelo menos da maioria, que é chegar na universidade, ser feliz, realizar os sonhos.

66. Os desejos do olho jovem é o de todo mundo, de melhorar a vida, não que ela esteja ruim, mas é bom melhorar, a gente sempre tem aquela ganância de querer mais.

67. Esse coração tem muito desejo, de ser feliz, de nunca se machucar, é impossível, mas, tem esse desejo aí, tô tentando.

### CRUZAMENTO DAS IDEIAS

### IDEIAS COMPLEMENTARES

As **ideias 59 e 65** são complementares porque a bunda coração jovem tem desejos de passar no vestibular, e como a maioria chegar na universidade pra ser feliz e realizar os sonhos.

As **ideias 62 e 66** são complementares porque o rosto olho jovem tem os desejos de terminar os estudos, de ir pra universidade, de subir na vida, porque a gente tem aquela ganância de querer mais.

### IDEIAS DIVERGENTES

As **ideias 61 e 63** são divergentes porque na primeira, fala do **olho jovem** que tem desejo, não dá nem pra falar de tantos desejos, de me formar e dá uma vida melhor pra minha família e na ideia **63** fala de um **olho jovem** que tem desejos de passar pra odontologia, comprar meu carro, meu som, comprar minha casa.

### CARACTERÍSTICAS OU SENTIMENTOS DA PARTE DO CORPO JOVEM.

65. **Braço mão jovem** é a parte da gente sentir, por que o jovem tem esse negócio de carinho, de tá perto, de abraçar, de sentir a outra pessoa.

66. **Braço mão jovem** é muito carinhoso e precisa muito de carinho.

67. O jovem gosta muito de carinho, tem alguns que não demonstram, tem uns que são assim mais secos, mas eu sei que eles gostam de carinho, todo jovem gosta.

68. A maioria dos sentimentos que **o olho jovem** sente, é através do olhar.

69. Através dos olhos que a gente procura, conhece as pessoas, que a gente observa.

70. O jovem gosta muito de observar, principalmente eu que observa tudo.

71. **Coração olho jovem** sofre porque o coração sentindo, o olho vai derramar lágrimas.

72. Tanto o coração, como o olho jovem também sofre porque consequentemente o que o coração tá sentindo, quando ele vai derramar lágrimas.

73. O jovem também sofre e é muito, chora.

74. Tem momento de alegria e momento de tristeza e os olhos eles fazem perceber.

75. **Olho jovem** vê as coisas, vai conhecendo, sabendo os caminhos que existem de certo e errado. Na maioria das vezes a gente faz alguma coisa de errado, mas depois se arrepende.

76. [**Olho jovem é**] por onde a gente vê e tudo... desde quando a gente nasce e vai vendo, vivendo e aprendendo.

77. Tem sempre as pessoas que influenciam o **olho jovem**: olha faz isso, mas não, a gente teima e vai pelo outro caminho, mas aí depois a gente vai, se arrepende.

78. **Olho jovem** vê coisas ruins no mundo, a gente pode ir ou não.

79. Na juventude, pense numa coisa que sofre é o **coração [jovem]**, principalmente quando você se apaixona, não que eu esteja apaixonada.

80. Você gosta de uma pessoa, muitas vezes esse órgão, o **coração [jovem]**, pode trazer na juventude muita felicidade ou muita tristeza.

81. Eu ultimamente... (risos) é muita tristeza, mas a gente vai tentando ajeitar aqui.

82. O coração da gente é difícil demais, sabe, eu acho que algumas pessoas me vê assim, por que eu sou, meu Deus do céu, eu sou uma pessoa muito extrovertida, alegre, acho que dá pra perceber, né professora, que eu sou perturbada da cabeça. Aí a pessoa diz assim: meu Deus do céu, será que ela tá bem? Perdeu a mãe... tá se dando bem nos romances... será que ela tá bem? Tô bem... mas por dentro mesmo, tem que ver que o coraçãozinho aqui tá machucado.

83. Os jovens hoje em dia precisam muito da ajuda dos pais, tipo, no caso de um relacionamento, um namorado, essas coisas assim.

#### CRUZAMENTO DAS IDEIAS

#### IDEIAS COMPLEMENTARES

**65 e 66** são complementares, pois o **Braço mão jovem** é a parte da gente sentir porque o jovem tem esse negócio de carinho, é muito carinhoso e precisa muito de carinho, de tá perto, de abraçar, de sentir a outra pessoa.

As **ideias 68 e 74** são complementares porque o **olho jovem** sente a maioria dos sentimentos, seja em momento de alegria e de tristeza através do olhar, pois os olhos fazem perceber os sentimentos.

As **ideias 75, 76, 77 e 78** são complementares, porque **olho jovem** é por onde a gente vê as coisas ruins no mundo desde quando a gente nasce e vai vendo, vivendo, aprendendo, conhecendo e sabendo os caminhos que existem de certo e errado e pode ir ou não. Na maioria das vezes, mesmo quando as pessoas influenciam o **olho jovem** a fazer alguma coisa ao disserem o que fazer, o olho jovem teima e faz o que quer, até mesmo quando faz alguma coisa de errado, mas depois se arrepende.

As **ideias 71, 72 e 73** são complementares. O **coração olho jovem** sofre porque o coração sentindo, o olho vai derramar lágrimas e chora.

As **ideias 69 e 70** são complementares. O **olho jovem** gosta muito de observar, observa tudo, procura conhecer as pessoas que observa.

#### IDEIAS DIVERGENTES

**65 e 66** são divergentes da **67** porque nas ideias **65 e 66** o jovem é carinhoso pois o

**Braço mão jovem** é a parte da gente sentir porque o jovem tem esse negócio de carinho, é muito carinhoso e precisa muito de carinho, de tá perto, de abraçar, de sentir a outra pessoa e na **ideia 67** embora o jovem goste muito de carinho, tem alguns que não demonstram, tem uns que são assim mais secos, mas eu sei que eles gostam de carinho, todo jovem gosta.